



Serviço Público Federal  
Ministério da Educação  
**Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul**



Walter Kalebe Mazzine de  
Souza

ARTE: ASPECTOS HUMANIZADORES NA EDUCAÇÃO

Campo Grande, MS  
2024



Serviço Público Federal  
Ministério da Educação  
**Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul**



Walter Kalebe Mazzine de  
Souza

## ARTE: ASPECTOS HUMANIZADORES NA EDUCAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso de Artes Visuais Licenciatura da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS apresentado ao curso de graduação, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Professor de Artes Visuais, habilitado em Artes Plásticas, sob a orientação do Prof. Paulo Cesar Duarte Paes.

Campo Grande, MS  
2024

Campo Grande, MS, de de 2024.

COMISSÃO EXAMINADORA

---

Profa. Dr. Paulo Cesar Duarte Paes  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

---

Profa. Dra. Rozana Vanessa Fagundes Valentim de Godoi  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

---

Profa. Dra. Lara Nassar Scalise  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

## Agradecimentos

Agradeço ao grande espírito por todas as nossas relações, a grande mãe e aos sagrados orixás, ao útero que me acolheu e me permitiu essa nova experiência como humano a minha mãe Elisângela e ao meu pai Walter que forneceu sua energia e dna a todos os ancestrais que construíram o caminho para me permitir existir aqui hoje.

Agradeço a mim mesmo que dentre tantas escolhas eu me escolhi e continuarei me escolhendo construindo e materializando meus sonhos, e objetivos, aprendendo a decifrar as leis da natureza e a grande escola da vida, adquirindo novos conhecimentos e saberes desenvolvendo experiência e sabedoria em busca de uma felicidade genuína em simplesmente ser.

Agradeço ao meu orientador Paulo Paes por ser um exemplo de professor e ser humano inspirador, e a cada professor que fez parte do meu processo de formação, Assim como a professora Rozana Valentim que incentivou e me desafiou em dar continuidade a essa pesquisa, A professora Lara Scalise por aceitar fazer parte da banca, e a todos que de alguma maneira fazem parte do meu processo de formação.

## RESUMO

Unindo processos de criação da Arte, levantamento bibliográfico e experiência de campo desenvolvo esse trabalho, utilizando como aporte metodológico a pesquisa-documental, a partir da pesquisa teórica e a prática docente no período do estágio do ensino médio, visando ampliarmos espaço de consciência nos indivíduos, transcendendo o fazer artístico e a arte intelectual, para uma experiência de transformação, uma possibilidade de catarse como experiência sensível, possibilitando a humanização do ser. Através da experiência com a arte sendo inerentes aos anseios primitivos da vida humana, a arte como ferramenta nesse processo de autoconhecimento e percepção do mundo, elevando a experiência e o olhar profundo da experiência da vida humana de forma holística. Possibilitando os seres humanos a uma vida de maior completude em si mesmos e um estado de amplitude interior, emancipando o individual de cargas culturais e construções promovendo a saúde e qualidade de vida.

Palavras-Chave: Arte. Humanização. Catarse. Criatividade.

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	12
2.1 Arte.....	15
2.2 Arte como humanização.....	17
2.3 Arte, criatividade e ancestralidade.....	20
2.4 A Catarse e a consciência.....	16
3 Arte e Autoconhecimento.....	25
3.1 O que cada um dos recursos artísticos contribui para a consciência.....	27
3.2 Possibilidades de desdobramentos Terapêuticos.....	29
3.3 Saúde mental.....	30
4 Criatividade e processos criativos .....	32
4.1 Potencial criador .....	34
ANALISE DE ESTÁGIO.....	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	43
REFERÊNCIAS.....	45
APÊNDICE A.....	46
APÊNDICE B.....	58
APÊNDICE C.....	67

## 1 INTRODUÇÃO

A proposta desta pesquisa para o curso de Artes Visuais Licenciatura da Faculdade de Artes, Letras e Comunicação (FAALC), Habilitado em Artes Plásticas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), diz respeito ao desenvolvimento através das experiências de dentro e fora da universidade, sob a ótica de vivências educacionais no âmbito artístico, cultural, psicológico e espiritual.

Baseado em minhas observações a respeito da saúde mental da sociedade e dos contextos em que vivo, me fez refletir sobre o papel da arte como aspecto de potencial transformação em seu sentido humanizador, educacional e emancipador do indivíduo. As questões de construção cultural e da educação familiar e escolar até a fase adulta que moldam o indivíduos, os segregando e os encaixotando, rotulando, classificando e estereotipando, ignorando seu desenvolvimento emocional e sentimental, condicionando a formas de vida personificadas, sem valorização da individualidade e do potencial singular de cada ser, por meio da arte sugiro explorar ferramentas e experiências do fazer artístico.

O conceito de formatividade que menciono é apresentado em acordo com Pareyson (1989) que compreende a arte em sua possibilidade inventiva, para além do simples ‘fazer’ e produzir, mas no ‘formar’, isto é, em sua capacidade de inventar, figurar e descobrir.

Desde o início do meu processo de formação, a arte se deu de forma iniciática Brandão (1987) e emancipadora Freire (1987), em meu ver caminhou dentro de diversas linhas de saberes, de uma forma holística olhando os seres humanos como uma totalidade, educacional, psicológica, social, cultural e espiritual.

A apresentação deste trabalho utiliza a base conceitual, abordando a arte como ferramenta de humanização e expressão. A reflexão considera o papel da ancestralidade Santos (2005) e Gonzalez (2020) da catarse Vigotski (1999) na ampliação da consciência de Moreira (2010) e no autoconhecimento Jung (2000). Essas discussões fundamentam a importância da arte na vida individual e coletiva.

Arte: A arte é entendida como uma manifestação humana essencial Chauí (2000), capaz de expressar sentimentos, ideias e realidades sociais. É um meio de conectar as pessoas com suas culturas e histórias. Sua relevância ultrapassa a estética, proporcionando experiências sensíveis e transformadoras.

Arte como humanização: A arte como humanização Vigotski (1999) busca desenvolver a empatia e a conexão entre os indivíduos, promovendo um olhar sensível sobre o mundo. Por meio dela, valores humanos são transmitidos e refletidos, estimulando uma sociedade mais consciente e solidária. Essa perspectiva valoriza a arte como um meio de

transformação.

**Arte, criatividade e ancestralidade:** A criatividade e a ancestralidade na arte são elementos que resgatam memórias culturais e identidades, Santos (2005). Esses aspectos permitem que o indivíduo expresse sua essência e história. A prática artística, assim, reconecta a pessoa com suas raízes e contribui para a construção da identidade.

**A Catarse e a consciência:** A catarse Vigotski (1999) na arte possibilita a liberação de emoções reprimidas e percepções ampliadas da realidade, de repertórios e referências de vida, levando à conscientização e ao autoconhecimento. Esse processo promove o equilíbrio emocional e a reflexão sobre a própria vida. A catarse pode possibilitar como um canal de renovação psicológica e espiritual.

**Arte e Autoconhecimento:** Explora-se como a arte pode funcionar como um espelho da própria essência, permitindo que o indivíduo se conheça melhor. Os recursos artísticos incentivam o desenvolvimento pessoal e o bem-estar. A arte, aqui, é vista como uma ferramenta de auto descoberta e crescimento Bernardo (2006).

**O que cada um dos recursos artísticos contribui para a consciência:** Cada recurso artístico, seja visual, sonoro ou performático, oferece uma experiência única de autoconhecimento, Alain Botton e John Armstrong (2014). Esses recursos ajudam a expandir a percepção e a compreensão do eu. O uso da arte para a consciência é uma prática rica e transformadora.

**Possibilidades de Desdobramentos Terapêuticos:** A prática artística possui um enorme potencial terapêutico, contribuindo para o alívio de tensões emocionais e mentais. Os desdobramentos terapêuticos na arte estimulam o equilíbrio e a saúde psicológica. Essa abordagem fortalece o indivíduo e promove sua resiliência.

**Saúde mental:** A arte pode desempenhar um papel crucial na manutenção e promoção da saúde mental Alberto Moreira (2010). Ao permitir a expressão emocional e a reflexão, ela se torna um aliado contra o estresse e a ansiedade. A prática artística oferece um espaço seguro para a expressão e a cura.

**Criatividade e Processos Criativos:** O desenvolvimento da criatividade é uma habilidade essencial para a expressão e o crescimento pessoal Fayga Ostrower (2015). A arte incentiva o florescimento do potencial criativo, valorizando a originalidade e o autoconhecimento. Esta seção explora a criatividade como força transformadora.

**Potencial criador:** O potencial criador Ostrower (2015) é a capacidade inata de inovar e de produzir algo único. Na arte, essa habilidade é essencial para explorar novas ideias e

formas de expressão. O estímulo ao potencial criador reforça a liberdade e a autenticidade de cada indivíduo.

ANÁLISE DE ESTÁGIO em Artes Visuais Licenciatura Obrigatório no Ensino Médio, a análise do estágio aborda as experiências práticas do ensino de artes visuais no ensino médio. Com foco em práticas de humanização e autoconhecimento, a experiência inclui o impacto das atividades propostas aos alunos. Esta etapa oferece uma visão real das contribuições e desafios do ensino de arte.

Segundo Ostrower (2014, p. 16) “Ao se tornar consciente de sua existência individual, o homem não deixa de conscientizar-se também de sua existência social [...]”. Esse olhar social e de comunidade nos eleva a um estado de integração com a sociedade em que vivemos, o meio ambiente e nossa existência, onde cada ser tem um papel e um lugar nos gerando o sentimento de pertencimento a qual a sociedade atual se perdeu.

A Partir do ano de 2017 comecei a ter contato com conhecimentos tradicionais afro indígenas e xamânicos, que possui suas medicinas tradicionais, conhecimentos da gnose, práticas de curas da medicina tradicional indiana, práticas de medicina tradicional chinesa, Indígena brasileira e Andina , conheci diversas linhas Pais e Mães de santos, Pajés, Curandeiros, Benzedeiras, Terapeutas de curas integrativas energéticas e todos de certa forma estavam envolvidos com o processo de Cura e o Potencial da Arte que sempre está presente na Vida dessas Pessoas, seja por meio da Dança, por meio da Música e por meio das Artes Visuais.

O modo tradicional de cultura tende a gerar uma profunda conexão com a essência interior de cada pessoa e o processo criativo, as músicas e representações visuais dos santos, entidades e orixás feitas pelos membros dos terreiros, as pinturas tradicionais indígenas com seus grafismos cheio de fundamentos históricos, lendas e crenças. As mandalas indianas com seu olhar para o self, a arte sempre se fazendo presente e onde eu vejo os principais artistas em quem me inspiro envolvidos com a arte como uma ferramenta poderosa de construção do ser humano e potencial de re significar memórias e traumas decorrentes ao longo da vida.

A pesquisa sobre a interseção entre arte, humanização, catarse e educação revela resultados significativos, destacando a potencialidade dessa combinação como uma ferramenta terapêutica poderosa para o desenvolvimento humano e emancipação psicológica. As descobertas fornecem dados valiosos sobre como a expressão artística pode servir como catalisador para processos terapêuticos e contribuir para a emancipação humana em diversas dimensões, a arte emerge como um meio de autorreflexão.

Para tanto, esta pesquisa destaca que a combinação contribui para a transformação

pessoal, uma ferramenta eficaz para promover a autenticidade e a expansão pessoal, tendo como base teóricos como Jung e Vigotski, e percorrendo algumas temáticas e objetivos, pois suas teorias oferecem perspectivas complementares para explorar o tema central do meu TCC, que aborda a arte como ferramenta de autoconhecimento, expansão de consciência e educação cultural.

Carl Gustav Jung contribui com a dimensão subjetiva e simbólica do processo criativo. Sua teoria sobre o inconsciente coletivo e os arquétipos ajuda a compreender como a ancestralidade, os mitos e os símbolos universais influenciam a produção artística e permitem uma conexão mais profunda com a essência humana. A abordagem junguiana reforça o papel da arte como um meio de catarse e autoconhecimento, promovendo a humanização e a expansão da consciência.

Lev Vigotski, por outro lado, traz uma perspectiva sociocultural, enfatizando o papel das interações sociais, da linguagem e do contexto histórico-cultural no desenvolvimento humano. Sua teoria é essencial para compreender como os processos de criação artística são influenciados pelo ambiente social e como a educação pode mediar o desenvolvimento de habilidades criativas, críticas e conscientes. Além disso, Vigotski aponta que a arte é uma ferramenta poderosa para transformar a realidade e promover a aprendizagem significativa.

Embora suas abordagens sejam diferentes, Jung focado no interior psíquico e simbólico, e Vigotski no contexto social e cultural, ambos convergem na ideia de que a arte é uma prática transformadora, tanto no nível individual quanto coletivo. Essa combinação me permite abordar a criação artística como um processo integral, que conecta o indivíduo à sua ancestralidade e, ao mesmo tempo, o situa em seu contexto social e cultural.

A princípio, desenvolvi alguns conceitos sobre a Arte e seu papel de maneira geral, como processo de humanização, como desenvolvimento de uma inteligência emocional e aspectos sociais, como formadora pelo processo de criação, assim como o processo de criação como transformador da história humana e da civilização e a ancestralidade.

Nesta perspectiva, apresentei o conceito de Catarse de Vigotski e seu papel na arte, tanto quanto, a maneira como a arte desenvolve gatilhos e serve como uma ferramenta para o processo de elevação psíquica e expansão de consciência, o potencial transformador e iniciático da arte.

Assim, relacionei a Arte como ferramenta de autoconhecimento, desenvolvimento pessoal e social, auxiliadora na auto expressão e criatividade, auto estima e ajuda na atenção, concentração e memória, de modo a expandir a imaginação e a comunicação, promovendo um bem estar e maior saúde mental, auxiliando nas ressignificações neuroses e de dores e em

processos depressivos, de ansiedade que geram sofrimentos psicológicos.

Explorar e discutir o conceito de arte é essencial para compreender a profundidade e a amplitude dessa forma de expressão humana. A arte pode ser vista sob várias perspectivas: estética, histórica, cultural, psicológica, e até política. Ela abrange diversas modalidades, como pintura, escultura, música, dança, teatro, cinema e literatura. Discutir a arte envolve questionar o que a define, seu propósito, seu impacto na sociedade e como ela evoluiu ao longo do tempo. É fundamental entender que a arte não tem uma definição única e fixa; ela é dinâmica e varia de acordo com contextos culturais e históricos. Ao explorar o conceito de arte, mergulhamos em uma análise de como as emoções, as ideias e as experiências humanas são traduzidas em formas visuais, sonoras e performáticas.

A catarse, um conceito originário da tragédia grega, refere-se a um processo de liberação emocional e purificação. Na psicologia, a catarse é vista como a expressão e liberação de emoções reprimidas, e descobertas de potencialidades não desenvolvidas, que pode levar a uma sensação de alívio e clareza emocional. A arte tem uma relação íntima com a catarse, pois ela oferece um meio seguro e criativo para explorar e expressar emoções intensas. Através da criação e apreciação artística, indivíduos podem experimentar uma catarse, enfrentando e processando sentimentos complexos.

Os trabalhos de arte são poderosas ferramentas para promover o autoconhecimento, o desenvolvimento pessoal e social. Nessas oficinas, aulas e práticas, os participantes são incentivados a usar a arte como um meio de explorar seus pensamentos, emoções e experiências. O processo criativo permite que eles expressem de maneira visual e simbólica aspectos de si mesmos que podem ser difíceis de verbalizar. A arte e a terapia podem ajudar na identificação e resolução de conflitos internos, na redução do estresse e da ansiedade, e na melhoria da autoestima e da autoconfiança.

Além dos benefícios individuais, a arte também promove o desenvolvimento social, sendo abordado de uma forma educacional. Ela proporciona um ambiente colaborativo e seguro onde os participantes podem compartilhar suas criações e experiências, promovendo a empatia, a compreensão mútua e o fortalecimento de laços comunitários. Ao facilitar a comunicação não-verbal e a expressão autêntica, ajudam a construir uma comunidade mais coesa e solidária. Em suma é uma prática valiosa que pode transformar vidas ao promover a introspecção, a cura emocional e a conexão social, A abordagem holística na arte enfatiza a interconexão de aspectos físicos, emocionais, mentais e espirituais do ser humano. Através dessa perspectiva, a arte não é apenas uma atividade estética ou um produto do mercado da arte, mas uma ferramenta poderosa para a transformação e o crescimento pessoal.

Patrícia Pinna Bernardo é uma Arteterapeuta Psicóloga, Educadora, Prof e Coord da Pós em Arteterapia e em Mitologia Criativa, Contos e Psicologia Analítica, Professora Universitária em cursos de graduação e Pós desde 1995, que utiliza a abordagem holística e da psicologia Junguiana para integrar diversas dimensões da experiência humana através da arte. Ela acredita que a arte pode ser um caminho para a cura e a transformação, proporcionando um espaço onde os indivíduos podem explorar e expressar suas emoções de forma segura e criativa. Suas práticas incluem a utilização de diversas formas de expressão artística, como pintura, escultura e música, para ajudar os indivíduos a se conectarem com suas emoções e a desenvolverem uma maior compreensão de si mesmos e dos outros. em suma eu me proponho utilizar Vigotski também como renomado psicólogo russo, que contribuiu significativamente para a compreensão do desenvolvimento humano, enfatizando a importância do contexto social e cultural e suas ideias sobre a arte.

O presente estudo fundamentar-se-á na pesquisa documental, utilizando os resultados e analisando, descrevendo o desenvolvimento das atividades propostas pela análise do estágio do ensino médio do ano de 2023 . Visando proporcionar novos e possíveis caminhos para o desenvolvimento de uma perspectiva de Arte integrada à educação , saúde psicossocial de diversos nichos, podendo ser ampliada a diferentes faixas etárias, classes sociais e de gênero, e comunidades educacionais formais ou informais.

Serão utilizados como instrumentos, o desenvolvimento da análise, a coleta de textos, artigos e livros em base de dados como Google Acadêmico, SciELO (Scientific Electronic Library Online) e bibliotecas virtuais.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 Arte

O tema central do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) está pautado na abordagem da arte como aspectos humanizadores, autoconhecimento e educação. A escolha desse enfoque parte de reflexões pessoais e pedagógicas sobre a potência da arte em promover mudanças internas e coletivas, ressignificando histórias, culturas e subjetividades. Este texto tem como objetivo justificar a seleção dos temas trabalhados, destacando sua relevância no contexto educacional e social contemporâneo.

No contexto da arte, "**aspectos**" refere-se a características, dimensões ou elementos específicos que compõem ou influenciam uma determinada obra, prática ou experiência artística. Quando se fala em "**aspectos humanizadores**", trata-se de elementos da arte que promovem a conexão com a condição humana, despertando empatia, introspecção, senso de

pertencimento e compreensão das emoções e experiências compartilhadas. Esses aspectos englobam não só o conteúdo temático das obras, mas também os processos criativos, a interação do público e o impacto da arte na formação de uma consciência mais plena e sensível às questões humanas.

No entanto, antes de explorar o conceito de Arte, é pertinente discutir o que constitui a Arte, como ela é definida. Nesse contexto, apresentamos a perspectiva de Chauí (2000), que esclarece que:

A palavra arte vem do latim *ars* e corresponde ao termo grego *techne*, técnica, significando: o que é ordenado ou toda espécie de atividade humana submetida a regras. Em sentido lato, significa habilidade, destreza, agilidade. Em sentido estrito, instrumento, ofício, ciência. Seu campo semântico se define por oposição ao acaso, ao espontâneo e ao natural. Por isso, em seu sentido mais geral, arte é um conjunto de regras para dirigir uma atividade humana qualquer (Chauí, 2000, p. 405)

Em Roma, "*ars*" era usado para se referir a habilidade, destreza, técnica ou método em fazer algo. Essa palavra foi incorporada em várias línguas românicas e, ao longo do tempo, a partir de uma raiz em *téchne*. *Téchne* é um termo utilizado para a função de transmitir um conhecimento de um mestre para um discípulo, sendo assim a arte além de ser habilidade, técnica, destreza e método também se tratava de uma iniciação. Etimologicamente se trata de algo desenvolvido, que vai além das habilidades cartesianas ou naturais, algo que vem do sensível e do mundo subjetivo.

A arte, as imagens e símbolos que aparecem na arte podem revelar aspectos profundos da psique que não são facilmente acessíveis pela razão consciente variando com o grau de consciência individual de acordo com o grau que se manifesta. (Jung, 1984). Sendo assim, a arte propicia ao fazer artístico uma profunda conexão consigo mesmo e uma possibilidade de investigação de si.

Uma compreensão abrangente do panorama geral, que engloba tanto as dimensões objetivas quanto subjetivas, capacitando-o a engajar-se de modo mais dinâmico na sociedade, não apenas integrando-se passivamente, uma vez que há diversas questões intrínsecas à sociedade que demandam discussão sob uma perspectiva ativa, precisamente porque:

Muitos trabalhos de arte expressam questões humanas fundamentais: falam de problemas sociais e políticos, de relações humanas, de sonhos, medos, perguntas e inquietações de artistas, documentam fatos históricos, manifestações culturais particulares e assim por diante. (Brasil, 1998, p. 37)

Quando o fazer artístico foge do cartesiano e racional, quando foge da cópia do real e da técnica simplesmente aplicada, temos a possibilidade de uma validação do inconsciente do

artista ou mesmo de quem está experimentando se expressar através das ferramentas artísticas.

Dentro dessa abordagem, à luz dos significados atribuídos à Arte, percebemos que ela é concebida tanto como uma disciplina técnica quanto como uma ciência, afastando-se do domínio do espontâneo e do natural, e assumindo a forma de um conjunto de normas que orientam a prática de uma atividade humana. Contudo, para complementar o conceito de Arte, é crucial notar que esta como complementa o professor Paulo Duarte Paes “[...] não visa produzir coisas para o bem-estar ou o consumo, mas é uma forma de objetivação subjetiva e de comunicação sensível, cuja intencionalidade é a própria criação” (Vigotski, 2001). Assim, além de ser uma técnica é uma ciência, a Arte é uma forma de comunicação sensível direcionada para a criação. Em outras palavras, por meio de suas expressões artísticas, o indivíduo é capaz de se manifestar e se comunicar com os outros, revelando sua subjetividade.

Ao dar forma a experiências emocionais e conflitos internos por meio da arte, as pessoas podem enfrentar e compreender melhor esses aspectos de si mesmas. ou simplesmente o fato de poderem se expressar de alguma forma visual, seja com tintas, canetas, modelagem, darão forma ao seu sentir, possibilitando a expressão olhar a Arte além da beleza e estética ocidental mas como ferramenta pedagógica de auto expressão, exploração e conhecimento.

A arte também pode conectar as pessoas ao inconsciente coletivo como Jung esclarece:

Uma camada mais ou menos superficial do inconsciente é indubitavelmente pessoal. Nós a denominamos inconsciente pessoal. Este porém repousa sobre uma camada mais profunda, que já não tem sua origem em experiências ou aquisições pessoais, sendo inata. Esta camada mais profunda é o que chamamos inconsciente coletivo (Jung, 1984, pág. 14)

O inconsciente coletivo é um conceito da psicologia analítica desenvolvido por Jung é a ideia de que existe uma parte da mente que é compartilhada por todas as pessoas, uma espécie de depósito de experiências e conhecimentos universais acumulados ao longo da história humana.

Segundo Jung (1984), o inconsciente coletivo contém arquétipos, que são símbolos, imagens ou padrões universais de pensamento e comportamento que se manifestam em todas as culturas e influenciam a maneira como as pessoas percebem o mundo e reagem a ele, esses arquétipos incluem figuras como o herói, a mãe e o sábio.

O inconsciente coletivo é diferente do inconsciente pessoal, que é único para cada indivíduo e contém experiências, memórias e desejos pessoais. Enquanto o inconsciente pessoal é formado por experiências pessoais, o inconsciente coletivo é compartilhado por todos os seres humanos e é herdado de gerações anteriores. Arquétipos e símbolos universais encontrados na arte podem ressoar com experiências humanas comuns. “ Os conteúdos do inconsciente coletivo, por outro lado, são chamados arquétipos” (Jung, 1984, p. 16).

A arte desempenha um papel importante na expansão da consciência, possibilitando a exploração e compreensão de aspectos mais profundos da psique humana. Ao envolver-se na criação ou apreciação artística, as pessoas podem acessar e integrar aspectos do seu ser que podem estar fora do alcance da consciência cotidiana.

Segundo Jung (1966), o processo de individuação, ou seja, de se tornar plenamente humano e integrado, ocorre quando o indivíduo explora e integra as partes conscientes e inconscientes de sua psique. A arte é um veículo para esse processo, pois possibilita a expressão de símbolos e arquétipos que representam aspectos profundos do inconsciente. Assim, a arte promove a humanização ao ajudar o indivíduo a se conectar com as raízes de sua própria identidade e com experiências humanas universais, favorecendo uma compreensão mais rica de si mesmo e do mundo: "A criação de algo novo não é realizada pelo intelecto, mas pelo instinto de brincar agindo a partir de uma necessidade interior. A mente criativa brinca com os objetos que ama." (JUNG, 1966, p. 55). Nesta obra, Jung destaca que a criação artística não é apenas uma atividade intelectual, mas uma expressão profunda de necessidades interiores e da imaginação. Para Jung, esse impulso criativo permite a expressão de aspectos inconscientes da personalidade e leva o indivíduo ao autoconhecimento, um processo fundamental para Arte e a humanização.

## 2.2 Arte como Humanização

Renomado pensador Vigotski (1999), foi um psicólogo, proponente da Psicologia histórico-cultural, ajudando no campo do desenvolvimento intelectual da criança, ocorrendo pelas interações sociais e meios de cultura e vida.

A arte como ferramenta para o desenvolvimento do sensível não se limita apenas à expressão pessoal; ela também desempenha um papel crucial na elevação do psiquismo. Como descreve Vigotski (1999, p. 308), "A arte está para a vida como o vinho para a uva". Através da criação e apreciação artística, os indivíduos podem explorar emoções, confrontar desafios emocionais e desenvolver um senso mais profundo de autoconsciência. A sensibilidade do indivíduo é refinada, permitindo uma apreciação mais rica da beleza e da

complexidade da vida.

A humanização através da arte é um conceito que remonta aos primórdios da civilização. A expressão artística, seja na forma de pinturas, esculturas, música ou outras manifestações, conecta as pessoas em um nível fundamental. A arte transcende barreiras culturais e linguísticas, criando uma linguagem universal que fala à essência compartilhada da experiência humana. Esse processo de humanização ocorre à medida que a arte inspira empatia, compaixão e compreensão mútua.

O aprimoramento dos sentimentos é uma dimensão importante da experiência artística. A arte tem o poder de evocar uma ampla gama de emoções, desde a alegria até a tristeza, da contemplação à excitação. Essa diversidade emocional e de humor permite que os indivíduos explorem e compreendam melhor seus próprios sentimentos, promovendo um senso mais profundo de conexão consigo mesmos e com os outros.

[...] a arte não altera apenas o humor imediato dos indivíduos, mas objetiva sentimentos e outras potencialidades humanas. Ela é capaz de provocar alterações no psiquismo dos sujeitos. Ela propicia-lhes nova organização psíquica, o que possibilita a cada um a elevação à condição de indivíduo particular, organismo até certo ponto simplista e fruto da evolução natural, à de gênero humano universal. Neste caso, a arte encontra-se em condição de síntese entre o biológico e o cultural, contendo em si o conjunto das características humanas mais complexas, construído ao longo da história por meio do trabalho e da atividade. (Vigotski, 1999)

A arte passa a ser a própria mediadora das relações humanas e do seu psiquismo, promovendo complexas atividades neurais e psicológicas, podendo ser adquirida e experienciada de forma mais ampla e coletiva, sendo apropriada para os seres humanos, porém esse processo requer um auxílio e um direcionamento capaz de fomentar essas relações e reações nos humanos, não sendo de forma passiva e nem mecânica, sendo direcionada essa experiência pelo professor desenvolvendo as questões teóricas e históricas da arte, elucidando as formas simbólicas e estéticas, pelo psicólogo utilizando a arte para compreensão da personalidade, pelo arte terapeuta desenvolvendo ferramentas de auto percepção e resignificação das experiências da vida.

Em resumo, a arte, quando incorporada como uma ferramenta terapêutica, alinha-se às visões de Lev Vigotski (1999) e Paulo Freire (1987), oferecendo um espaço para a descoberta pessoal, o diálogo cultural e o enriquecimento emocional, se libertando de padrões de opressão e sociais, culturais e psicológicos. Ao explorar a expressão artística, os indivíduos podem alcançar uma elevação do psiquismo, uma maior sensibilidade e, em última análise, uma humanização mais profunda e uma melhoria significativa nos sentimentos. A arte, assim, continua a desempenhar um papel crucial na jornada contínua de auto descoberta e

crescimento pessoal.

Em *Pedagogia do Oprimido*, [...] o conceito traz a ideia de um constante processo de libertação a partir da superação da opressão, em que todos os indivíduos oprimidos encontram-se em comunhão nas ações em prol da coletividade. O conceito de liberdade pressupõe que ela não é algo a ser alcançado, um fim último, mas um processo constante e, sobretudo, não faz parte da individualidade, mas da coletividade (Souza, 2020, p. 59).

Esta dissertação examina o conceito de liberdade na obra de Paulo Freire (1987), destacando a ideia de que a liberdade é um processo contínuo e coletivo, em que a superação da opressão acontece por meio de ações voltadas para a coletividade, um ponto central na filosofia educacional de Freiriana. Essa opressão constatada na obra de Freire, é abordada por Souza (2020), se dá pelas construções culturais e sociais em um aspecto mais geral de uma comunidade ou mesmo mais íntimo de uma cultura familiar. O auto julgamento e as ideias que compramos como verdades no nosso íntimo e singular pode ser ressignificado através da arte como ferramenta de transformação, ampliando, expandindo e até mesmo transformando nossa percepção individual e coletiva do mundo.

A liberdade como emancipação é uma abordagem de Freiriana, pois do ponto de vista dele podemos ao longo de um desenvolvimento contínuo superar as opressões e angústias:

[...] a pretensão da liberdade sem limites ou acima de qualquer limite – que ele identifica como licenciosidade – é tão negadora da liberdade quanto a liberdade asfíxiada ou castrada. Isso porque, a liberdade, para ele, é uma conquista do ser humano na realização da sua vocação de humanização; e a humanização não se dá contra a condição humana, mas na ação de sujeitos que assumem seus limites” (Freire, 1987, pág 68.)

Embora Freire não trate diretamente da arte, ele defende que a educação deve ser um processo de conscientização que humaniza, ajudando as pessoas a compreenderem sua identidade e a se expressarem. “A educação que humaniza se funda na crença de que os seres humanos são seres em construção.”, ( 1987, pág. 84). A arte pode ser um meio poderoso para essa conscientização e desenvolvimento crítico.

### 2.3 Arte, criatividade e ancestralidade

Arte como conexão entre o eu o outro, o cosmos e o mundo, sendo a criatividade e recursos criativos favoráveis ao desenvolvimento saudável do ser humano, propiciando contato com a consciência e a natureza, permite acessar partes inconscientes de toda a humanidade:

“Entre os povos primitivos, a arte entrelaçava-se com o sagrado e era exercida coletivamente através da dança, do canto, da narração mítica, da pintura corporal, da confecção de objetos e adornos, etc. Aos poucos foi surgindo a figura do artista

como alguém dotado de uma sensibilidade especial, ligado geralmente à figura do sacerdote (pois através da arte era invocado o poder da fertilidade, divinatório, etc.). A imagem era dotada de um poder mágico” (Ormezzano, 2011, p.75)

A arte muitas vezes utiliza símbolos, metáforas e imagens que podem ter significados profundos e simbólicos com caráter ancestral. Ao explorar esses elementos na arte, os indivíduos podem descobrir aspectos de seu inconsciente e encontrar paralelos em suas próprias vidas, levando a percepções sobre suas jornadas pessoais:

Os ensinamentos tribais primitivos tratam de arquétipos de um modo peculiar. Na realidade, eles não são mais conteúdos do inconsciente, pois já se transformaram em fórmulas conscientes, transmitidas segundo a tradição, geralmente sob forma de ensinamentos esotéricos. Estes são uma expressão típica para a transmissão de conteúdos coletivos, originariamente provindos do inconsciente (Jung, 1984, p. 17)

O ato de criar arte, seja pintura, escrita, música ou qualquer outra forma, envolve um processo criativo que pode levar a descobertas sobre si mesmo. À medida que os indivíduos se envolvem no processo criativo, podem encontrar novas perspectivas, desbloquear potenciais desconhecidos e entrar em contato com partes de si mesmos que estavam adormecidas. A arte muitas vezes desafia as percepções convencionais e convida os espectadores a explorar diferentes pontos de vista, incentivando a autorreflexão e o questionamento de suas próprias crenças e valores.

A arte pode representar e integrar contradições internas, conflitos e dualidades, ao confrontar essas representações na arte, os indivíduos podem começar a compreender e reconciliar aspectos aparentemente opostos de sua própria psique, contribuindo para a integração pessoal. O processo criativo pode incentivar processos de iniciação e transformação, desde seu processo de formação educacional em tênue idade até a avançada.

A morte simbólica e o renascimento como afirma Bernardo (2006) para a transformação auxilia em processos de finalização de ciclos repetitivos de comportamento e ressignificando padrões mentais e de comportamento, possibilitando novas conexões e expandindo as possibilidades de futuras realidades a serem acessadas pelas escolhas individuais.

A linguagem artística plástica e visual, que vem a tona nos processos de criação e manifestação simbólica e visual, é a linguagem da psique, a arte como processo iniciático e educativo para o próprio aprimoramento de si e do mundo, se reconhecer e conhecer -se interiormente e exteriormente, a arte se faz esse papel de iniciação para uma educação libertadora:

A educação, neste contexto, na própria radicalidade do modelo branco- ocidental em suas raízes gregas (devedoras da sapiência oriental) é *socrática*. Trata-se de

conhecer-se a si próprio e criar condições para que a pessoa seja ela mesma. Assim, a educação é um fim em si mesmo e não comporta nenhuma utilidade instrumental. A educação não serve para algo exterior ao próprio ser humano (educação para o trabalho, educação para o social, educação para a terra, educação para a cidadania, etc...) – sem qualificativos nem adjetivos, a educação é trazer para fora a *humanitas* em construção no interior de nós mesmos: ex *ducere* (conduzir para fora) (Santos, 2005, p. 217)

Portanto, durante seu processo de iniciação e desenvolvimento, a ARTE não deve ser limitada a um mero cronograma, horários fixos teorias, um olhar colonialista com conteúdos europeus e sob uma ótica cartesiana racional que priva de outras formas de percepção mais integradas à sociedade e a própria natureza, estruturas rígidas de comportamento. A arte pode ser uma forma poderosa de transcender a produção em massa e a mão de obra barata, oferecendo uma experiência mais rica e significativa para os indivíduos os humanizando. Quando as pessoas se envolvem com a arte de maneira consciente e criativa, ela pode atuar como um veículo para o autoconhecimento, desenvolvimento pessoal e aprimoramento de habilidades:

A convivência é esta outra noção ancestral que configura o processo educativo para além do escolacentrismo que caracteriza o modelo ocidental. Somente através do aspecto convival é que as pessoas passam a se conhecer e a colaborar mutuamente no âmbito da aldeia, da comunidade, no tecido social cotidiano. Conviver significa, nesta dimensão, viver junto aos outros e partilhar a vida (suas decisões, descobertas, surpresas e angústias) (Santos, 2005, p. 218)

A herança ancestral, enquanto processo educacional iniciático, e a arte, como instrumento, estão interligadas de maneira significativa. A herança, neste contexto, refere-se à transmissão de conhecimentos, valores e tradições ao longo das gerações. Esse processo educacional vai além de simples cronogramas e estruturas tradicionais, incorporando elementos que moldam a identidade e promovem o entendimento profundo da cultura.

Ao integrar a herança ancestral como base e a arte como meio, o processo educacional iniciático se torna uma jornada mais profunda e enriquecedora. Essa abordagem permite não apenas a transmissão de conhecimento, mas também a promoção do pensamento crítico, da criatividade e do entendimento holístico do mundo:

O ensinamento tribal é sagrado e perigoso. Todos os ensinamentos secretos procuram captar os acontecimentos invisíveis da alma, e todos se arrogam a autoridade suprema. O que é verdadeiro em relação ao ensinamento primitivo o é, em maior grau, no tocante às religiões dominantes do mundo. Elas contêm uma sabedoria revelada, originalmente oculta, e exprimem os segredos da Alma em imagens magníficas (Jung, 1984, p. 19)

Uma abordagem que integra a herança ancestral com a arte como meio pode realmente enriquecer o processo de formação humana, proporcionando uma jornada mais

profunda e significativa para os envolvidos. A combinação de conhecimentos ancestrais com práticas artísticas pode promover uma formação que transcende a transmissão de informações, permitindo a transformação e o crescimento pessoal, especialmente no contexto da educação e da construção de identidades. Tanto Lélia Gonzalez (2020) quanto Denilson Baniwa (2021) refletem, em suas obras e práticas, essa possibilidade de usar a ancestralidade como um caminho para o autoconhecimento e a resistência cultural: "A construção de uma identidade que respeite nossas raízes ancestrais não é apenas uma questão cultural, mas um ato político de resistência contra a opressão histórica" (Gonzalez, 2020, p. 67). Ela defende a importância da ancestralidade africana na formação da identidade étnico-racial e cultural brasileira. Ressalta como a cultura negra e indígena contribui para a resistência ao racismo e para a formação de uma identidade coletiva.

Essa abordagem revela que o processo formativo fundamentado na arte e na ancestralidade é capaz de transformar o crescimento pessoal e social. É um modelo de educação que se ancora na identidade coletiva e na resistência, capacitando as pessoas a compreenderem a si mesmas em relação às suas raízes e ao mundo ao seu redor. Dessa forma, a formação humana, ao integrar a herança ancestral e a arte, se torna não apenas uma jornada de aprendizado, mas uma experiência de ressignificação, de fortalecimento de identidades e de expansão de consciência. A arte, ao lado da ancestralidade, oferece, então, uma formação rica e poderosa, na qual o conhecimento se faz pela criação, pela memória e pelo profundo enraizamento cultural.

Autor essencial para explorar temas de arte, ancestralidade e identidade étnica e racial é o artista e escritor Denilson Baniwa (2021). Ele é um importante representante da arte indígena contemporânea no Brasil e aborda, por meio de suas obras e escritos, a conexão entre ancestralidade, identidade indígena e resistência cultural. Ele utiliza a arte como ferramenta para criticar as narrativas coloniais e reafirmar a presença e relevância das culturas indígenas na sociedade atual:

"A arte é a nossa voz ancestral que nunca silenciou. Ela traz consigo a memória e o espírito de nossos antepassados, permitindo que nos reconectemos e afirmemos nossa existência contra o apagamento" (Baniwa, 2021, p. 32).

Ambos os autores mostram que a combinação entre conhecimentos ancestrais e práticas artísticas vai além da simples transmissão de informações e técnicas. Para ambos, essa formação ultrapassa a questão pedagógica e se torna um ato político de afirmação e

libertação, onde a valorização das raízes culturais e da história dos povos representa um movimento de resistência ao racismo e à marginalização. Ao resgatar a memória e a espiritualidade dos ancestrais, as práticas artísticas estimulam o reconhecimento e a valorização das contribuições culturais de populações historicamente oprimidas, impulsionando uma consciência coletiva que enriquece o indivíduo e a sociedade.

#### 2.4 A Catarse e a consciência

A catarse é um conceito que tem raízes na filosofia grega antiga, especialmente associado às ideias de Aristóteles. Na arte, a catarse refere-se à liberação emocional e purificação experimentada pelo espectador ou participante ao se envolver profundamente com uma obra de arte. Este conceito é frequentemente discutido no contexto do teatro, mas pode ser aplicado a diversas formas de expressão artística, incluindo literatura, cinema, música, e as artes visuais e outras manifestações culturais.

Aristóteles introduziu o conceito de catarse em sua "Poética", argumentando que o teatro, ao representar as ações e emoções dos personagens, proporciona ao público uma purificação emocional. Ele acreditava que o público, ao testemunhar as tragédias e os conflitos dos personagens no palco, experimenta uma catarse que resulta na liberação de emoções como piedade e medo. Essa purificação, segundo Aristóteles, tinha um efeito terapêutico sobre os espectadores.

Na arte visual, como as artes plásticas, a catarse pode se manifestar de diversas maneiras, pois a experiência estética é altamente subjetiva e pode evocar uma gama variada de emoções, podendo existir algumas maneiras como a catarse pode ser experimentada nas artes plásticas.

Vigotski (1999) considera essencial distinguir entre o sentimento comum e o sentimento artístico, sendo este último intensificado pela fantasia. Ele destaca que as emoções evocadas pela arte não se manifestam através de ações externas. Segundo o autor, toda obra de arte visa provocar determinadas emoções que, no entanto, não podem ser expressas diretamente por meio de ações emocionais. A arte, portanto, opera em um nível diferente, onde as emoções são transformadas e amplificadas pela imaginação, proporcionando uma experiência interna intensa e única, sem se traduzirem em gestos ou comportamentos concretos. “As emoções da Arte são emoções inteligentes. Em vez de se manifestarem de punhos cerrados e tremendo, resolvem-se principalmente em imagens da fantasia” (VIGOTSKI, 1999, p. 267).

Complementa ainda, que a arte tem a capacidade de suscitar emoções opostas

simultaneamente, provocando um curto-circuito emocional que pode levar à catarse. Essa experiência pode ser profundamente enriquecedora e transformadora, permitindo que o espectador explore novas dimensões de seu próprio mundo interior e da realidade ao seu redor.

A catarse nas artes plásticas está relacionada à capacidade da obra de arte de evocar e processar emoções, proporcionando uma experiência emocional profunda e transformadora para o artista e/ou espectador, até mesmo no processo do fazer artístico em um ponto de vista terapêutico pois segundo vigotski a arte tem o poder de gerar: “uma organização do nosso comportamento visando ao futuro, uma orientação para o futuro, uma exigência que talvez nunca venha a concretizar-se, mas que nos leva a aspirar acima da nossa vida o que está por trás dela” (Vigotski, 1965/1999, p. 320)

Criando possibilidades de novas realidades e perspectivas antes ainda não exploradas por conta das barreiras e processos de opressão que sofremos com o decorrer da vida. “O saber que não vem da experiência não é realmente saber” vigotski (1991). Essa afirmação destaca a importância da experiência na obtenção de conhecimento genuíno. Quando se trata da arte, a experiência desempenha um papel crucial no desenvolvimento de habilidades, compreensão e apreciação. Por exemplo, um artista aprende e aprimora suas técnicas através da prática e da experimentação. Além disso, os espectadores também ganham experiências significativas sobre uma obra de arte através de sua experiência pessoal ao interagir com ela.

A consciência humana é de fato influenciada por uma interação complexa entre o ambiente externo e o estado interno consciente do indivíduo, e ainda ser influenciada por informações do inconsciente. Nosso ambiente externo, incluindo estímulos sensoriais, interações sociais e experiências culturais, moldam nossa percepção e compreensão do mundo. Ao mesmo tempo, nosso estado interno, incluindo emoções, pensamentos e experiências pessoais, influencia como interpretamos e respondemos a esses estímulos externos. A consciência é, portanto, uma intersecção dinâmica entre o que percebemos do mundo ao nosso redor e como processamos essas percepções internamente:

Do ponto de vista da psicologia junguiana, que leva em consideração a dimensão simbólica, psique e o mundo são aspectos diferentes de uma mesma realidade. A nossa psique também é via de todo conhecimento, ou seja conhecer equivale a tomar consciência de algo, sendo assim, o conhecimento do mundo e da natureza à nossa volta, tem como contraponto e complemento autoconhecimento (Bernardo, 2001 p. 22)

No contexto da vida humana, a consciência está intrinsecamente ligada à experiência material, porém não é somente material. Nossos corpos físicos, cérebros, instintos e sistemas

sensoriais desempenham papéis fundamentais na formação e na experiência da consciência. Nossa percepção do mundo é mediada pelos sentidos físicos, e nossa consciência é influenciada por nossas interações com o ambiente material. No entanto, muitas tradições espirituais e filosóficas sugerem que há mais consciência do que apenas o plano material, e que ela pode transcender as limitações físicas do corpo.

A consciência é considerada uma característica distintiva da humanidade, e sua evolução ao longo do tempo reflete a complexidade crescente da vida e das interligações dentro da existência. A capacidade de ser consciente, refletir sobre si mesmo e sobre o mundo ao seu redor é um aspecto essencial do desenvolvimento humano e da compreensão da natureza da realidade. A evolução da consciência pode ser vista como uma resposta adaptativa à complexidade cada vez maior do ambiente e das interações sociais:

[...] No entanto, como a nossa consciência nasce do substrato do inconsciente que está na base da realidade contextualizada, ela não pode ser desconcertada do tecido coletivo e cósmico que lhe deu origem, pois é nele que ela se ancora (nele estão as suas raízes), extraíndo dessa dimensão arquetípica e ancestral o alimento de que necessita em forma de energia psíquica, vinculada pelos símbolos, para construir-se e expandir-se. (Bernardo, 2001, p. 22)

A consciência nos permite perceber e interagir com múltiplas interligações e dimensões da existência, incluindo não apenas o mundo físico tangível, mas também o mundo emocional, mental e espiritual. Ela nos permite explorar questões existenciais profundas e buscar significado além do que é imediatamente perceptível. A consciência humana é uma janela para a compreensão da complexidade e da interconectividade de todas as formas de vida e de todas as dimensões da realidade.

Algumas formas de arte têm o poder de transcender as experiências individuais e capturar aspectos mais amplos da condição humana. Por exemplo, obras de arte que lidam com temas universais, como amor, morte, espiritualidade e busca de significado, podem ressoar com pessoas de diferentes origens culturais e experiências pessoais. Ao nos conectarmos com essa arte, podemos sentir uma sensação de unidade e compreensão compartilhada, expandindo nossa consciência para incluir não apenas nós mesmos, mas também a humanidade como um todo:

Por essa razão a consciência necessita de momentos que se reúne ao inconsciente, aproximando-se dele de uma forma mais íntima, para poder equilibrar-se, estruturar-se e ampliar-se. E esses momentos em que a consciência experimenta a reunião com o que nunca foi realmente separado (a conexão com a totalidade) a revitalizam, pois é acrescido a ela algo que necessita para expandir seus limites e vislumbrar novos caminhos, novas possibilidades existenciais. (Von Franz, 2023)

Junito Brandão (1987) um historiador e filósofo comenta em relação a catarse e o

processo iniciático da arte como ferramenta de autoconhecimento e cura:

“Havia, pois, em Epidauro, ... uma comunhão, um elo infrangível entre as cerimônias culturais e cultuais, ... o ritmo e harmonia da música, da poesia e da dança, que eram utilizadas por seu alto valor tranquilizante e seu efeito terapêutico imediato sobre a alma e o corpo.” (p 20.)

Epidauro é uma cidade da Grécia antiga que era conhecida por seu famoso santuário dedicado a Asclépio, o deus da medicina. O santuário de Epidauro, também conhecido como Asclepion, foi um dos principais centros de cura do mundo grego antigo e é considerado o mais importante local de cura dedicado a Asclépio.

O santuário em Epidauro foi um local onde as pessoas buscavam tratamento para diversas doenças e problemas de saúde. O tratamento incluía uma variedade de práticas, como orações, sacrifícios, banhos medicinais, massagens, dietas especiais e procedimentos cirúrgicos.

Além disso, Epidauro era um lugar onde o ritmo e harmonia da música, da poesia e da dança eram utilizados por seu alto valor tranquilizante e seu efeito terapêutico imediato sobre a alma e o corpo. Essas práticas eram consideradas uma forma de terapia holística, que abordava tanto o bem-estar físico quanto o emocional e espiritual dos pacientes:

A tragédia e a comédia, bem como a poesia épica e lírica contribuem para aumentar a espiritualidade e purificar a alma de certas paixões desastrosas. A ginástica e as disputas atléticas disciplinavam os movimentos e o ritmo interior do corpo, multiplicando as possibilidades físicas e psíquicas do ser humano. A contemplação artística e o fruir da beleza de tantas obras de arte, que ornamentavam o Ábaton, tinham por escopo a elevação, a espiritualização e a humanização. Todo esse conjunto, espiritual e cultural, visava, em última análise, à catarse (Brandão, 1987, p. 93).

O teatro de Epidauro, uma das mais bem preservadas estruturas da Grécia antiga, também fazia parte dessa experiência. O teatro era um local onde as pessoas se reuniam para assistir a apresentações de tragédias e comédias, que eram vistas como formas de catarse emocional e mental. Essas experiências culturais estavam profundamente ligadas às práticas de cura e à ideia de harmonizar o corpo e a alma.

A catarse na arte proporciona uma forma de liberação emocional para o espectador ou participante. Ao se identificar com os temas e personagens, as emoções represadas podem ser expressas e purificadas através da experiência artística. A catarse cria uma oportunidade para a empatia e conexão emocional. Ao compartilhar experiências humanas universais através da arte, os espectadores podem se sentir mais conectados uns aos outros e à condição humana.

A catarse na arte também pode levar a uma reflexão profunda sobre questões pessoais e sociais. Ao confrontar emoções intensas e situações desafiadoras na arte, as pessoas podem

ser motivadas a repensar suas próprias vidas e perspectivas, levando a uma transformação pessoal. Em resumo, a catarse desempenha um papel significativo na arte, proporcionando uma experiência emocional intensa e, ao mesmo tempo, oferecendo uma forma de purificação e reflexão. "[...] a arte nunca gera de si mesma uma ação prática, apenas prepara o organismo para tal ação" (Vigotski, 1999, p. 314).

Vigotski ele não utiliza explicitamente o termo "catarse", seu entendimento sobre a expressão criativa e a internalização de significados sugere que a arte pode ser uma forma de liberação emocional e reflexão, proporcionando uma experiência que se assemelha à ideia de catarse sendo um trabalho do psiquismo. "[...] o prazer artístico não é mera recepção mas requer uma elevadíssima atividade do psiquismo" (Vigotski, 1999, p. 258).

Na arte visual, como as artes plásticas, a catarse pode se manifestar de diversas maneiras, pois a experiência estética é altamente subjetiva e pode evocar uma gama variada de emoções. A catarse nas artes plásticas está relacionada à capacidade da obra de arte de evocar e processar emoções, proporcionando uma experiência emocional profunda e transformadora para o artista e/ou espectador, até mesmo no processo do fazer artístico em um ponto de vista terapêutico pois segundo vigotski a arte tem o poder de gerar: “uma organização do nosso comportamento visando ao futuro, uma orientação para o futuro, uma exigência que talvez nunca venha a concretizar-se, mas que nos leva a aspirar acima da nossa vida o que está por trás dela” (Vigotski, 1999, p. 320)

Criando possibilidades de novas realidades e perspectivas antes ainda não exploradas por conta das barreiras e processos de opressão que sofremos com o decorrer da vida. Muitas formas de arte estão profundamente enraizadas na natureza e na relação do ser humano com o meio ambiente, com suas relações com a cultura e estética e experiências emocionais com tais lugares, pessoas e contextos.

Meier (1999) ressalta que Galeno, um médico famoso da antiguidade, “chamava-se a si mesmo “terapeuta” de seu “deus paternal, Esculápio”” e comenta que o sentido da palavra *therapeutes* “só pode ser o nome dado originalmente aos que assistiam ao culto e serviam ao deus, executando o ritual prescrito”, iniciados e tornados médicos depois de terem sido curados por Asclépio.

Meier (1999, p. 13) acrescenta ainda que “desse ponto de vista, portanto, psicoterapeutas seriam pessoas que se interessavam pelo culto da psique”. Então podemos pensar na palavra terapia associada à arte, e na relação entre o que é praticado em Arte e Psicologia (tanto em arte psicoterapia quanto na utilização de recursos arteterapêuticos no ensino, em instituições e em Oficinas de Criatividade), como tendo sua raiz nessa concepção

integrada entre corpo e alma, já que os métodos expressivos aproximam e conjugam matéria e espírito, consciência e inconsciente, indivíduo e coletividade numa criação conjunta que traz e expressa o remédio que somos, em nossa singularidade, para o universo.

A arte ancestral muitas vezes reflete a visão de mundo e os valores de uma cultura de maneira holística. Ela pode servir como um meio de transmitir conhecimento, mitologia, tradições e crenças espirituais de geração em geração. Em muitas culturas primitivas, a arte é utilizada como um meio de cura e transformação pessoal e comunitária. Rituais de cura, por exemplo, podem envolver cantos, danças e performances dramáticas que buscam equilibrar o corpo, a mente e o espírito. O uso de grafismos na arte ancestral serve para comunicar simbolicamente a visão de mundo, valores, e conhecimento de uma cultura. Esses grafismos podem representar mitologia, tradições, crenças espirituais, e histórias ancestrais. Além disso, eles são utilizados em rituais de cura e transformação, atuando como elementos visuais que complementam a vida.

### 3. Arte e o autoconhecimento

Arte promove o autoconhecimento, de acordo com o processo de conhecer algo, propiciando uma integração psíquica. Bernardo (2006) que afirma: “Através de sua história, a arte é testemunho de formas de relacionamento do homem consigo mesmo e com o universo. Nas obras de arte o homem pôde experimentar novas possibilidades existenciais mesmo antes que uma nova visão de mundo estivesse concretizada em construções, comportamentos e posicionamentos. Despertando potenciais criativos e desenvolvendo suas habilidades, descobrindo novas e encorajando aos demais ao seu redor a se desenvolverem, por meio de sua própria experiência, afeta o coletivo.” (p. 73)

Dentro da visão indígena a singularidade de cada ser promove o bem estar do universo, a medicina que cada um carrega é a cura para as dores universais. desenvolvendo uma visão mais ampla da realidade

A arte nos dá a possibilidade de nos tornarmos conscientes do mundo consciente e inconsciente através dos símbolos, formas e cores. Sendo a arte como símbolo da manifestação da alma, da essência, da psique, sendo caminhos para o descobrindo de si mesmo e possibilidades de novos olhares para o mundo. Integrando a totalidade da vida:

[...] é por isso que os recursos arteterapeúticos podem proporcionar uma situação em se é possível essa aproximação entre essas disposições conscientes e inconscientes, criando uma terceira dimensão que a integra, colocando as em interação o que gera a criatividade, aprendizagem, crescimento, vitalidade, apaixonamento pela vida [...] (Ormezzano, 2011, p. 17)

A arte como o processo de transformação, para nossa alma e transformação da consciência humana. A ideia de que a arte pode servir como um processo de iniciação ao autoconhecimento está alinhada com as perspectivas de diversos pensadores, a arte como caminho do visionário possibilidade de futuro, acessando através da intuição e possibilidade e dando acesso através da sensação.

A arte permite que os indivíduos expressem emoções e experiências profundas que podem não ser facilmente comunicadas verbalmente. Ao criar ou interagir com obras de arte, as pessoas podem dar voz a aspectos inconscientes de si mesmas, facilitando a compreensão e a exploração de suas próprias emoções e experiências.

### 3.1 O que cada um dos recursos artísticos contribui para a consciência

Expressão Emocional e rememoração são expressões que Alain Botton e John Armstrong utilizam em seu livro *Arte como terapia* (2014). A arte é uma forma poderosa de expressar emoções, sentimentos e experiências. Ao visualizar ou interagir com obras de arte, as pessoas podem se conectar com diferentes emoções, promovendo a compreensão e a exploração de suas próprias emoções. “A arte é uma forma de preservar experiências, muitas das quais são belas e passageiras, e precisamos de ajuda para conservá-las. (Botton; Armstrong, 2014, p. 10)

Reflexão e Questionamento, muitas formas de arte desafiam perspectivas convencionais e incentivam a reflexão crítica. Elas podem questionar normas sociais, políticas e culturais, levando as pessoas a considerar diferentes pontos de vista e expandir sua consciência.

Criação de Significado, a arte tem o poder de atribuir significado e contexto às experiências humanas. Ela pode oferecer interpretações e narrativas que ajudam a dar sentido às complexidades da vida, permitindo que as pessoas vejam o mundo de maneiras novas e mais profundas, como o exemplo da beleza e da feiura, ou do sofrimento e da morte. Ambos aspectos da vida são interligados por um ponto de vista, a relação imperfeita e conflituosa dos contrastes da vida a torna de imensurável riqueza de experiência psicológica, “se o mundo fosse um lugar melhor, talvez nos sentíssemos menos comovidos e tivéssemos menos necessidade de obras graciosas. um dos aspectos mais estranhos da experiência com a arte é o seu ocasional poder nos levar às lágrimas” (Botton; Armstrong, 2014, p. 16).

Esses processos emocionais que a arte desencadeia nos leva a profundas reflexões e percepções de nosso estado interior.

Conexão Cultural, as manifestações artísticas refletem as identidades culturais e históricas. Ao explorar diferentes formas de arte, as pessoas podem se conectar com diversas culturas, compreender a diversidade e desenvolver uma consciência global mais ampla.

Estímulo sensorial a arte frequentemente envolve os sentidos, proporcionando uma experiência sensorial única. Isso pode despertar a consciência para detalhes e sutilezas que podem passar despercebidos no dia a dia, aumentando a apreciação pela beleza e complexidade do mundo ao nosso redor. “[...] uma das nossas maiores falhas e causa de infelicidade que sentimentos provêm de considerarmos difícil perceber o que sempre está ao nosso redor. Sofremos porque não vemos o valor do que está diante de nós [...]” (Botton; Armstrong, 2014, p. 59).

Comunicação Não-Verbal, a arte transcende barreiras linguísticas e pode comunicar mensagens poderosas sem o uso de palavras. Pinturas, esculturas, música e outras formas artísticas têm o poder de comunicar emoções e ideias de maneira universal, impactando a consciência de maneiras além do discurso verbal.

Desenvolvimento da Empatia, a arte muitas vezes explora experiências humanas diversas, permitindo que as pessoas se coloquem no lugar de outros. Isso contribui para o desenvolvimento da empatia, ampliando a compreensão e a conexão com a diversidade de experiências humanas e sociais. “Não só os indivíduos que podem usar a arte para suprir o que falta à vida. Grupos e até sociedades inteiras podem recorrer à arte para equilibrar sua existência” (Botton; Armstrong, 2014 p. 34)

Ao dar forma a experiências emocionais e conflitos internos por meio da arte, as pessoas podem enfrentar e compreender melhor esses aspectos de si mesmas. ou simplesmente o fato de poderem se expressar de alguma forma visual, seja com tintas, canetas, modelagem, darão forma ao seu sentir, possibilitando um expressão olhar a Arte além da beleza e estética ocidental mas como ferramenta pedagógica de auto expressão, exploração e conhecimento.

De acordo com a professora Bernardo (2006) a arte desempenha um papel crucial no processo de individuação de Jung (1984), que é o desenvolvimento da personalidade única e integrada de cada indivíduo.

Descobrir nossos ciclos e ritmos internos, alinhar a natureza do tempo natural, ao tempo não esse medido por segundos e horas, mas sim pelo ritmo da mudança das estações, transições de ciclos é fundamental para o desenvolvimento e expansão de si, respeitar esse tempo interno é se alinhar com o mundo natural:

O mundo de hoje expõe-nos a uma infinidade de estímulos de uma maneira

desordenada e desconectada de um sentido mais profundo, o que nos leva muitas vezes a reagir com uma atividade que deixa pouco espaço para a vivência de ritmos internos, geralmente condicionada por objetivos pré-definidos. (Jung, 1984, p. 3)

De fato, a prática artística pode ser um meio poderoso para acessar e compreender os conteúdos do inconsciente, permitindo que as pessoas expressem e integrem aspectos profundos de sua psique.

Ao se engajar na criação artística, os indivíduos muitas vezes acessam uma parte de si mesmos que está além da consciência cotidiana, permitindo que idéias, emoções e imagens anteriormente não reconhecidas venham à tona. Essa exploração do inconsciente pode ser catalisadora para o processo de individuação, conforme descrito por Jung, no qual o indivíduo busca integrar os aspectos conscientes e inconscientes de sua personalidade, desenvolvendo assim uma identidade mais completa e autêntica.

Ao associar as ideias de Jung e Vigotski, podemos reconhecer a importância da arte não apenas como uma expressão individual e uma forma de autoexploração, reconhecemos a arte como um processo integral que une o individual e o coletivo. Jung enfatiza a arte como expressão do inconsciente coletivo e dos arquétipos, proporcionando autoconhecimento e conexão com a ancestralidade. Vigotski, por sua vez, destaca o papel social da arte, moldada pelas interações culturais e históricas, que transforma e é transformada pelo meio. Assim, a arte é tanto uma ferramenta de autoexploração quanto um fenômeno social que constrói identidades e promove mudanças. Essa perspectiva integra subjetividade e contexto sociocultural.

Embora Vigotski não tenha explorado explicitamente a terapia artística, seus conceitos podem ser aplicados para entender como a arte pode ser uma ferramenta para o desenvolvimento, a expressão e a internalização de experiências. No campo da psicologia, a abordagem vigotskiana fornece uma estrutura teórica valiosa para explorar a relação entre a criação artística, a aprendizagem e o desenvolvimento humano.

Vigotski discutiu a internalização de significados culturais como parte do desenvolvimento. No desenvolvimento artístico, a criação de arte pode ser vista como um meio de externalizar pensamentos e sentimentos, possibilitando a reflexão e, eventualmente, a internalização de significados pessoais. Ele destacou a importância da mediação na aprendizagem. Da mesma forma pode servir como uma forma de mediação, permitindo que os indivíduos expressem pensamentos e emoções de maneiras que podem não ser acessíveis através da linguagem verbal.

Arte como é apresentada pelo psicólogo Vigotski na obra Psicologia da Arte, nos

ajuda a entender como um processo para o desenvolvimento de possibilidades e reelaborações emocionais para o desenvolvimento humano é possível por meio da arte, o desenvolvimento terapêutico e a catarse como detrimento do contato com a obra e o fazer artístico.

A utilização de recursos artísticos em diferentes contextos pode, de fato, oferecer benefícios significativos para os indivíduos, semelhantes à função que a arte cumpre para a consciência coletiva. A arteterapia é uma abordagem terapêutica que combina arte e psicologia como Andrade afirma:

“As terapias expressivas e as artes terapias (...) encontram, hoje, aplicação como método terapêutico em consultórios e instituições e organizações diversas. Trabalham com pacientes individualmente e em grupo, bem como no atendimento de casal e família. É utilizada com crianças, adolescentes e adultos, em terapias focais, breves e de longa duração. Também são utilizados seus recursos em orientação profissional, vocacional, ocupacional, recrutamento, seleção e treinamento, bem como encontram amplo uso em prevenção e educação (Andrade, 2000, p. 52).

### 3.3 Possibilidades de Desdobramentos Terapêuticos

A criação artística oferece uma maneira segura e eficaz de expressar emoções ou reprimidas. Pintar, desenhar ou esculpir pode servir como uma válvula de escape para sentimentos intensos, proporcionando alívio emocional.

A prática artística estimula a reflexão sobre a própria experiência e emocionalidade. Isso promove o autoconhecimento, permitindo que os indivíduos compreendam melhor suas emoções, desejos e desafios internos.

Redução do Estresse e Ansiedade a imersão na criação artística pode ter efeitos relaxantes, reduzindo os níveis de estresse e ansiedade. A atenção focada na atividade artística também pode funcionar como uma forma de meditação.

A integração psicológica a arte facilita a integração de aspectos psicológicos, ajudando os indivíduos a lidar com traumas, conflitos internos e desafios emocionais. A expressão criativa pode ser uma ferramenta eficaz na promoção da saúde mental. Mario Alberto Moreira (2010) é um importante autor no campo da educação e da arteterapia, especialmente conhecido por seu trabalho com a teoria da aprendizagem significativa:

Trabalhando com recursos vivenciais e expressivos (desenho e pintura, modelagem, colagem, dança e expressão corporal, relaxamento e visualização criativa, dramatização, contação de histórias, entre outros), a Arteterapia aplicada aos diferentes contextos (escolas, comunidade, psicoterapia, organizações e instituições, etc.) promove a melhoria da qualidade de vida ao relacionar significativamente o mundo interno e o externo, propiciando o reconhecimento e desenvolvimento de potenciais, o auto-conhecimento, ( Moreira, 2010, Pág 80.

Em sequência, a arte desempenha um papel vital na humanização e emancipação, proporcionando uma linguagem universal para a expressão individual e coletiva. Além disso, os benefícios terapêuticos da prática artística são vastos, contribuindo para o desenvolvimento emocional, psicológico e social dos indivíduos. A arte, portanto, não apenas enriquece a vida estética, mas também serve como um meio significativo para a promoção da saúde mental e o florescimento humano.

### 3.3 Saúde mental

Saúde mental é o estado de bem-estar emocional, psicológico e social que influencia a maneira como uma pessoa pensa, sente e age. A saúde mental é importante em todas as fases da vida, desde a infância até a idade adulta, e impacta diretamente na capacidade de uma pessoa lidar com o estresse, ressignificar a dor e o sofrimento, tomar decisões e manter relacionamentos saudáveis.

Os sinais de uma boa saúde mental incluem a capacidade de lidar com as tensões do dia a dia, com os traumas vividos e manter uma perspectiva positiva, estabelecer e manter relacionamentos saudáveis, ter um senso de propósito e realizar atividades significativas de auto realização.

A arte pode desempenhar um papel significativo na saúde mental, proporcionando uma forma de expressão, reflexão e transformação emocional para os espectadores e criadores. A estrutura da obra de arte objetiva e suscita emoções, que podem ser transformadas através do processo de catarse, e são reorganizadas em sentimentos e vínculos semânticos mais complexos com o auxílio da imaginação.

A arte pode estimular funções superiores da mente, como a imaginação, o pensamento crítico e a capacidade de abstração. Isso pode levar a um salto qualitativo nas relações de generalidade entre essas funções, promovendo uma mente mais flexível e criativa:

Por esse entendimento, consideramos que a obra de arte pode provocar transformações na medida de generalidade da consciência ou mesmo provocar salto qualitativo nas relações de generalidade entre as funções superiores. Ou seja, pode suscitar uma nova organização das funções psicológicas superiores e da consciência. Nossa interpretação toma por base a relação entre percepção, emoção e imaginação que Vigotski esboça em seus estudos sobre arte, como também as contribuições que o autor deixa em sua fase de elaboração mais sistematizadas sobre o desenvolvimento da linguagem e a formação social da mente (Vigotski, 1999)

A experiência de arte pode fortalecer as conexões semânticas na mente, permitindo que os indivíduos façam associações mais complexas e sutis entre diferentes ideias e emoções. Isso pode levar a uma maior capacidade de compreender e interpretar o mundo.

Para Botton e Armstrong (2014), o sofrimento é uma parte inevitável da experiência humana e está relacionado aos desafios e às dificuldades que enfrentamos em nossas vidas. “[...] algo inesperado que a arte pode fazer é ensinar a enfrentar o sofrimento” (p. 26)

A arte pode oferecer conforto, inspiração e uma perspectiva diferente sobre nossos problemas. Ela pode nos ajudar a compreender nossas experiências difíceis, refletir sobre elas e encontrar sentido nas adversidades. Além disso, a arte pode ser um canal para expressar emoções e pensamentos complexos de maneira criativa, facilitando a compreensão e aceitação do sofrimento como parte da condição humana. Através da apreciação e prática da arte, é possível encontrar maneiras de enfrentar e até mesmo transformar o sofrimento em algo positivo ou significativo.

Jung acreditava que o sofrimento pode surgir quando as pessoas se desconectam de seus inconscientes, ignorando seus desejos, sonhos e intuições. Essa desconexão pode levar a um desequilíbrio interno e a um sentimento de insatisfação. Os conflitos entre diferentes aspectos da psique, como o ego e a sombra (o lado inconsciente da personalidade), podem gerar sofrimento. A falta de integração dessas partes da personalidade pode levar a tensões e conflitos internos também reconheceu que o sofrimento pode surgir da alienação em relação à cultura ou sociedade em que se vive, especialmente se os valores e expectativas sociais estão em desacordo com os próprios. Jung acreditava que o caminho para superar o sofrimento envolve a integração dos diferentes aspectos da psique.

Richard Forestier (2011) pesquisador francês de arte, arteterapia e psicologia, sugere um entendimento equilibrado sobre as vantagens do campo da arteterapia, destacando as particularidades e singularidades dessa disciplina terapêutica para permitir que o leitor compreenda. Ele afirma em sua obra (p.20) que a arte é um processo curativo e de cuidado da saúde, sendo estudado a partir do ano de 1999 porém pouco explorado ainda dentro das formações de Arte e Psicologia:

[...] a propósito se existe algo de psicológico na arte é deixar de lado componentes importantes, como a implicação corporal, a intenção a transcendência estética, a dimensão sensorial e até mesmo a sensibilidade e o gosto, isso permite destacar a arte do campo da psicologia pura [...] (Forestier, 2011, p. 21)

Terapeutas que abordam a arte e terapia olham para um mesmo lugar, mas aborda de forma totalmente diferente o psiquismo dos psicólogos e psiquiatras. “está vinculada à saúde e a reeducação em geral e não somente ao domínio da psiquiatria” (Forestier, 2011, p. 22), isso proporciona uma perspectiva única e menos verbal, permitindo aos clientes explorar sentimentos e experiências de uma maneira mais intuitiva e simbólica, o que pode levar a

caminhos experiências significativas que a ARTE proporciona diferentes daqueles obtidos por meio de abordagens mais tradicionais.

A arte tem sido reconhecida por muitos como uma forma intrinsecamente terapêutica de expressão e autoconhecimento. Diversos autores, terapeutas e estudiosos têm explorado e destacado o valor terapêutico da arte, seja por meio de métodos como na arteterapia, seja por meio criativo e experiencial intuitivo através do fazer artístico.

## Criatividade e Processos de Criação.

A criatividade e os processos de criação são aspectos fundamentais da experiência humana, expressando-se em múltiplos níveis do ser, sensível, cultural e consciente, esses processos não apenas permitem a produção de obras artísticas, mas também refletem a capacidade inata e desenvolvível de cada indivíduo para inovar, explorar e transformar realidades. No contexto educacional, especialmente no ensino, o potencial criador dos estudantes é cultivado através de um ambiente que valoriza a experimentação, a reflexão crítica e a auto expressão, a criatividade é entendida como um processo dinâmico e contínuo, onde a originalidade e a inovação surgem da interação entre o indivíduo e seu contexto cultural e social, ampliando-se a cada nova experiência e desafio. Ao analisarmos a criatividade e o processo de criação, observamos não apenas o produto final, mas também o caminho percorrido, reconhecendo a importância da exploração, da persistência e da capacidade de reflexão para o desenvolvimento integral do potencial criativo.

Fayga Ostrower (2014) foi uma artista e educadora brasileira de destaque, especialmente conhecida por suas contribuições à gravura e à arte abstrata, ela também se destacou por seus escritos sobre arte e criatividade. Um dos seus trabalhos mais influentes é o livro "Criatividade e Processos de Criação", onde ela explora a natureza do processo criativo, o desenvolvimento da sensibilidade artística e a importância da intuição na criação artística.

No livro, Ostrower discute como a criatividade não é um talento nato exclusivo, mas algo que pode ser cultivado e desenvolvido por qualquer pessoa, ela defende que o processo criativo envolve a combinação de emoção, intelecto e intuição, e que o artista, ao criar, mergulha em um processo dinâmico onde a razão e a emoção se complementam.

Ela argumenta que a criatividade não se limita às artes plásticas, mas é um fenômeno que permeia todas as áreas do conhecimento e da vida humana, o livro é uma leitura para qualquer pessoa interessada em entender melhor como ocorre a criação artística e como essa

criatividade pode ser aplicada em diversos campo e essa obra é valiosa não apenas para artistas e educadores, mas também para todos aqueles que desejam explorar e entender melhor seus próprios processos criativos. A autora trabalha com aspectos como a memória e como isso influencia no processo criativo e de percepção e interpretação de mundo:

“Nota-se uma seletividade que organiza os processos em que a própria memória se vai estruturando. À semelhança do que sucede no sensorio, onde a percepção ordena certos dados que chegam a ser percebidos por nós, a memória também ordena as vivências do passado. Em nossa experiência vivencial estruturam-se configurações de vida interior, formas psíquicas, que surgem em determinados momentos e sob determinadas condições, e são lembradas, 'percebidas' em configurações”(Ostrower, 2014, pág 35.)

O trecho aborda a maneira como a memória organiza e estrutura nossas experiências passadas, de forma semelhante a como a percepção sensorial organiza os estímulos que recebemos. Assim como nossos sentidos selecionam e ordenam certas informações do ambiente para que possamos percebê-las conscientemente, nossa memória faz algo semelhante com as vivências do passado, organizando-as em "configurações de vida interior" ou formas psíquicas. Essas configurações são estruturadas a partir de nossas experiências vivenciais e podem surgir em momentos específicos, sob certas condições, e então são lembradas ou "percebidas" como conjuntos organizados de memórias. Isso sugere que nossa memória não é um simples registro passivo de eventos, mas um processo ativo de seleção, organização e construção de significados. A criação artística muitas vezes envolve a evocação de memórias e experiências passadas, que são reinterpretadas e reorganizadas de maneiras novas e criativas. No ensino de artes visuais, os professores podem incentivar os alunos a explorar suas memórias e experiências pessoais como fontes de inspiração, ajudando-os a entender como suas próprias histórias podem ser material criativo.

Assim como a memória seleciona e organiza experiências passadas, o artista também seleciona e organiza elementos visuais, emocionais e conceituais em seu processo de criação, os estudantes podem ser ensinados a entender e praticar essa seletividade, aprendendo a decidir quais elementos incluir em uma obra e como organizá-los para criar significado, a relação entre percepção e memória também pode ser explorada através de exercícios que envolvam a observação cuidadosa e a lembrança de detalhes. Por exemplo, os alunos podem ser convidados a observar uma cena ou objeto e, em seguida, tentar recriá-lo de memória, o que pode revelar como suas percepções e memórias selecionam e estruturam a realidade de maneiras únicas.No contexto do ensino, as vivências pessoais dos alunos podem ser utilizadas

como matéria-prima para projetos artísticos. Isso não só enriquece o processo criativo, mas também promove uma maior conexão emocional com o trabalho, permitindo que os estudantes vejam a arte como uma extensão de suas próprias vidas e experiências:

Outros territórios não de se lhe incorporar ainda. Imensos e ilimitáveis. Acompanhamos a interpretação da memória no poder imaginativo do homem, e, simultaneamente, em linguagens simbólicas. A consciência se amplia para as mais complexas formas de inteligência associativa, empreendendo seus vôos através de espaços em crescente desdobramento, pelos múltiplos e concomitantes passados-presentes-futuros que se mobilizam em cada uma de nossas vivências. (Ostrower, 2014, pág 39).

A ideia de que a consciência se amplia para formas mais complexas de "inteligência associativa" sugere que a mente humana é capaz de fazer conexões entre diferentes tempos (passado, presente, futuro) e experiências, criando novas interpretações e significados, na prática artística, isso pode se manifestar na habilidade de combinar diferentes influências, estilos e épocas em uma única obra. Para os alunos, isso pode ser cultivado através de exercícios que incentivam a exploração de conexões inesperadas entre diferentes elementos artísticos ou temáticos.

## POTENCIAL CRIADOR

O conceito de "potencial criador" refere-se à capacidade inata e desenvolvível de cada indivíduo para criar, inovar e expressar ideias de maneira original. Esse potencial não é restrito a artistas ou pessoas que trabalham em áreas tradicionalmente associadas à criatividade, mas está presente em todos os seres humanos, manifestando-se em diferentes graus e formas. O potencial criador é considerado uma habilidade intrínseca a todos os indivíduos. Todos têm a capacidade de criar, embora essa capacidade possa se manifestar de maneiras diferentes dependendo das experiências, ambiente e estímulos recebidos:

O potencial criador elabora-se nos múltiplos níveis do ser sensível-cultural-consciente do homem, e se faz presente nos múltiplos caminhos em que o homem procura captar e configurar as realidades da vida. Os caminhos podem cristalizar-se e as vivências podem integrar-se em formas de comunicação, em ordenações concluídas, mas a criatividade como potência se refaz sempre. A produtividade do homem, em vez de se esgotar, liberando-se, se amplia. (Ostrower, 2014, pág 41).

Elaboração do Potencial Criador nos Níveis Sensível, Cultural e Consciente, refere-se

ao nível das percepções e emoções, a criatividade começa na sensibilidade do indivíduo, na maneira como ele percebe e sente o mundo ao seu redor, essa sensibilidade é a base para a elaboração de experiências e a criação de novas ideias, o potencial criador é também influenciado pelo contexto cultural em que o indivíduo está inserido, as tradições, valores, símbolos e práticas culturais fornecem um repertório de significados e referências que alimentam a criatividade.

No nível consciente, o potencial criador é o resultado da reflexão, da tomada de decisões e da intenção de transformar as percepções e experiências em algo novo e significativo, é onde a criatividade se torna um processo deliberado e articulado. Isso sugere que o processo criativo é inesgotável, uma fonte contínua de inovação e expressão. Isso significa que quanto mais o indivíduo cria, mais seu potencial criativo cresce, a criatividade, ao ser exercida, alimenta-se e se fortalece, gerando um ciclo virtuoso de produção e inovação

Os conceitos de criatividade e os processos de criação têm uma profunda relação com práticas de arte que são emancipadoras e humanizadoras, especialmente no contexto educacional. Essa relação se manifesta na capacidade da arte de não apenas desenvolver habilidades técnicas e criativas, mas também de promover o crescimento pessoal, a consciência crítica e a transformação social. A criatividade permite que os indivíduos expressem suas ideias, emoções e identidades de maneiras únicas e autênticas. Em um ambiente educacional ou terapêutico, práticas artísticas que incentivam a liberdade de expressão tornam-se emancipadoras ao permitir que os sujeitos explorem e afirmem suas próprias vozes, resistindo a padrões impostos e descobrindo sua autonomia, ao promover a criatividade, as práticas de arte incentivam os estudantes a tomarem decisões sobre suas criações, a resolverem problemas de forma independente e a desenvolverem confiança em suas habilidades, esse processo de tomada de decisão e autoafirmação é central para a emancipação, pois ajuda os indivíduos a se tornarem agentes de suas próprias vidas.

## 6 Análise de Estágio Obrigatório do Ensino Médio em Artes Visuais, em Articulação com o TCC.

### Contexto do Estágio

O estágio foi realizado na Escola Estadual Padre José Scampini, no ano de 2023, com foco nos alunos do ensino médio. Durante os meses de outubro e novembro, a escola desenvolveu um projeto voltado à Consciência Afro-Indígena, em especial ao Dia Nacional da Consciência Negra, celebrado em 20 de novembro, em homenagem a Zumbi dos Palmares, símbolo da resistência histórica contra a escravidão e o racismo no Brasil. Esse projeto faz parte de uma atividade anual que envolve os alunos do primeiro ano do ensino médio, promovendo o desenvolvimento de atividades e estudos sobre o tema em função a BNCC: “**EF09AR22 (Ensino Fundamental – Artes):** Reconhecer e valorizar a arte como patrimônio cultural, incluindo expressões afro-brasileiras e indígenas.” 2017, PÁG 451.

As principais atividades desempenhadas no estágio incluíram a organização e facilitação de atividades educativas que destacavam a contribuição da cultura afro-indígena na formação da identidade brasileira. Os alunos participaram de dinâmicas, apresentações e discussões focadas em promover a reflexão sobre o papel histórico e os impactos da identidade negra e indígena, e a diversidade cultural.

### Objetivo da Análise

A presente análise tem como objetivo avaliar as atividades realizadas durante o estágio, conectando-as com os fundamentos teóricos que embasam o Trabalho de Conclusão de Curso. A análise busca compreender como os conhecimentos teóricos adquiridos durante o curso, especialmente nas áreas de arte, criatividade, catarse e saúde mental, foram aplicados na prática educativa.

Além disso, a análise visa refletir sobre a eficácia das atividades desenvolvidas para promover a consciência crítica dos alunos em relação à história e à cultura afro-indígena no Brasil utilizando Baniwa (2021) e Gonzales (2020) como aporte teórico. A intenção é verificar se o projeto contribuiu para o desenvolvimento da sensibilidade social dos alunos e se conseguiu integrar de forma adequada as abordagens teóricas com a prática pedagógica, oferecendo novas possibilidades terapêuticas e educativas no processo de ensino-aprendizagem.

Durante o estágio, realizei 15 horas de regência, lecionando para 5 turmas (4 de primeiros anos e 1 de segundo ano) no período matutino, distribuídas em 3 dias diferentes. A proposta foi desenvolvida com base no Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola e no projeto anual voltado ao Dia da Consciência Negra, abordando temas relacionados aos povos afrodescendentes e indígenas e durante o mês de novembro, nesse momento irei focar em nas duas primeiras práticas.

As atividades principais incluíram; Introdução a artistas contemporâneos afro e indígenas, como o artista Gramaloka, com a apresentação de suas obras e perfil no Instagram, Freire defendia que a educação deve promover a emancipação dos indivíduos, ajudando-os a compreender e transformar sua realidade. No ensino das artes urbanas e contemporâneas, essa perspectiva pode ser aplicada ao incentivar os estudantes a refletirem criticamente sobre seu contexto social, político e cultural. As artes urbanas, como o grafite, muitas vezes nascem como formas de expressão e resistência das periferias, alinhadas com essa ideia de transformação social. Na disciplina de Arte e Cultura brasileira temos uma ampla visão de todo o contexto cultural que no ensino de artes conseguimos abordar ampliando as conexões entre o ancestral e contemporâneo, como visto nas disciplinas de [Prática de Ensino de Artes Visuais](#), [Arte e Linguagem](#) , oficina de arte contemporânea e performance.

Contextualização histórica e cultural sobre a cultura afro-brasileira e indígena, com discussões sobre movimentos artísticos urbanos que estão amplamente em debate na contemporaneidade, No ensino das artes urbanas e contemporâneas, essa abordagem pode ser aplicada ao estimular os alunos a não serem apenas receptores de conteúdo, mas criadores ativos de suas próprias expressões artísticas. Utilização de ferramentas tecnológicas como Instagram e Google para pesquisa, além de imagens impressas e lousa para construção coletiva de conhecimento, na disciplina [Tecnologias Digitais e Educação](#). Produções artísticas como releituras de obras e a criação de mandalas, conectando os alunos com a estética e simbolismos das culturas afro e indígena, o desenho como ferramenta de organização do pensamento e reflexão, todo o processo criativo por meio de referências são abordados ao longo das disciplinas e oficinas de desenho, pintura, gravura. Debates sobre minorias, educação, raça e história, abordando questões como o racismo, a escravidão e a valorização das culturas afro e indígena, em disciplinas como [Educação das Relações Étnico-Raciais](#), [Educação Indígena](#), [História da África](#) e [Arte Brasileira: do Modernismo ao Contemporâneo](#).

**Relação das Atividades com a Teoria: Introdução aos Artistas Contemporâneos Afro e Indígenas.**

Ligação teórica; A atividade foi fundamentada nas teorias sobre arte e humanização. Ao introduzir artistas como Gramaloka e suas mandalas, os alunos não apenas estudaram arte, mas também a identidade étnica e racial do artista e o movimento cultural de rua desde a vida do artista como um Homem Pardo de religiosidade Rastafari e Brasileiro, que representa essa diversidade afro indígena religiosa, conectando arte e sociedade. A interdisciplinaridade entre arte, história e cultura foi um ponto central, conforme abordado nas disciplinas de História da Arte e Educação e Cultura Brasileira.

O enfoque nas culturas afro-brasileira e indígena permitiu trabalhar temas como ancestralidade e cultura popular Gonzales (2020), que fazem parte das discussões teóricas sobre arte, criatividade e ancestralidade Baniwa (2021). A contextualização das tradições afro-brasileiras e

indígenas, utilizando elementos culturais como grafismos e objetos simbólicos, ajudou os alunos a compreender as raízes dessas culturas Santos (2005), o que reforça a importância de catarse e consciência crítica na educação Moreira (2010).

O uso do Instagram e Google como ferramentas de pesquisa foi alinhado com a ideia de arte e tecnologia, um tema recorrente nas discussões sobre arte contemporânea e ensino. Essas ferramentas permitiram que os alunos explorassem as obras de artistas atuais de forma interativa, conectando as novas mídias com o processo criativo, conforme discutido nas disciplinas sobre processos criativos e arte urbana Ostrower (2014).

Essas experiências no estágio estão enriquecendo o TCC ao fornecer casos práticos que exemplificam teorias como a humanização da arte, a catarse, e a arte como ferramenta de autoconhecimento e expansão de consciência, sobre um olhar de Vigotski (1999). Elas reforçam a ideia de que a educação, quando aliada à cultura e à arte, pode ser transformadora, proporcionando não apenas o aprendizado técnico, mas também um desenvolvimento integral do indivíduo, capaz de compreender e transformar o mundo ao seu redor.

Produções Artísticas: A produção de mandalas e releituras de obras está diretamente conectada à ideia de expressão artística como forma de catarse. Segundo teorias de arte e educação por um viés terapêutico Bernardo (2006), essas atividades oferecem aos alunos uma forma de externalizar suas percepções e emoções em relação à história e à cultura. Além disso, a produção colaborativa e o uso da arte para debater questões sociais e históricas ajudaram a promover o desenvolvimento de uma consciência crítica, a sensibilidade humanização e empatia.

Os debates sobre temas como a escravidão, as culturas afro-brasileira e indígena e a resistência histórica foram fundamentais para conectar os alunos com a memória social e cultural como na referência de Santos (2005). Utilizando referências de artistas como Rosana Paulino, as discussões ampliaram o entendimento sobre a formação do Brasil e a importância de se resgatar a história das minorias, conectando-se diretamente com as teorias sobre arte e resgate da memória abordadas no curso.

Essas atividades aplicaram de maneira prática os conceitos teóricos, oferecendo uma oportunidade para que os alunos refletissem sobre questões sociais e culturais por meio da arte, enquanto eu pude aprofundar o entendimento da relação entre arte, cultura e educação, humanização e autoconhecimento. Durante as aulas, notei que o uso de toques de tambores no início e durante as atividades de produção artística ajudou a promover um ambiente de relaxamento entre os alunos. Esse recurso sonoro sugerido por Botton e Armstrong (2014), além de criar uma atmosfera imersiva, contribuiu para que os estudantes se concentrassem melhor nas atividades. Muitos relataram o prazer e a importância de fazer as atividades artísticas com esse estímulo sonoro, associando a produção artística com uma experiência sensorial completa, algo que reflete diretamente os conceitos de catarse e imersão sensorial abordados em disciplinas relacionadas à arte e à psicologia abordada por Vigotski (1965).

Outro momento significativo foi o debate sobre auto identificação racial, ao discutir as características físicas dos alunos e suas conexões com suas ancestralidades e fenotípicas, foi possível conduzir uma reflexão profunda sobre identidade étnica Gonzales (2020). Esse processo ajudou os alunos a se conectarem com suas raízes culturais, um aspecto essencial na construção da autoestima e da consciência racial. A atividade foi uma oportunidade de relacionar as teorias de psicologia da educação e identidade cultural com a prática educativa Moreira (2010), permitindo que os estudantes refletissem sobre suas próprias histórias e pertencimentos culturais.

Ao incentivar os alunos a produzirem arte e a refletirem sobre sua identidade racial e ancestralidade, tentei criar um ambiente que promovesse uma forma de expressão que não é apenas estética Pareyson (1989), mas também emocional e simbólica Jung (1984).

Para Vigotski (1965), a arte tem um papel central na experiência catártica, pois permite que os indivíduos explorem suas emoções, pensamentos e conflitos internos. Ao exercitar o processo criativo através das mandalas ou trabalhar com produções culturais de matriz afro e indígena, os alunos estavam externalizando suas próprias realidades e experiências e possíveis conexões já existentes em seus repertórios de vida que ainda não poderiam não ter sido percebidos, o que facilita a catarse, pois articula emoções que talvez não fossem expressas de outra maneira.

Criação de um ambiente de aprendizagem ativo e crítico; O papel da mediação social e cultural no processo de aprendizagem Ostrower (2014), através da arte e do diálogo, os alunos puderam internalizar conceitos que, de outra forma, poderiam parecer distantes, transformando suas percepções e sentimentos sobre suas próprias identidades e histórias. Esse pode ser um processo em que os alunos alcançam uma nova compreensão de si e do mundo ao seu redor um momento terapêutico como Forestier (2011) propõe.

### Humanização da Arte e Educação

No estágio, pude vivenciar a arte como uma forma de humanização no processo educativo. Ao trabalhar temas relacionados à identidade racial Gonzalez (2020), ancestralidade Santos (2005) e cultura afro-indígena Baniwa (2021), notei que os alunos se engajaram de maneira mais significativa quando podiam se ver representados nas obras e contextos abordados. Ao trazer artistas como Rosana Paulino e Gramaloka, a arte se tornou um espelho da realidade social dos alunos, promovendo um processo de humanização, pois permitiu que eles refletissem sobre sua própria história e cultura, reconhecendo-se como parte de um processo mais amplo de formação social e histórica.

Essa vivência reforça teorias que discutem o papel da arte como uma ferramenta de humanização no TCC, essa ideia propôs explorar como uma das formas de resgatar o papel libertador da educação Freire (1987), mostrando que a arte não apenas ensina técnicas, mas também humaniza e possibilita a reconstrução de identidades.

### Ancestralidade e Autoconhecimento

Um dos momentos mais marcantes do estágio foi quando os alunos relataram suas auto identificações raciais e busca de suas origens após a primeira aula trazendo relatos e histórias pessoais de suas famílias, e discutiram suas características físicas, o que levou a uma reflexão sobre suas ancestralidades Santos (2005). Essas conversas proporcionaram uma expansão de consciência e autoconhecimento em Jung (2000), levando-os a refletir sobre sua herança cultural e racial. Esse processo está diretamente relacionado à ideia de arte como ferramenta de autoconhecimento Forestier (2011), pois através da produção artística e da discussão sobre suas identidades, os alunos puderam reconectar-se com suas raízes e repensar seus papéis na sociedade contemporânea.

Essa experiência está presente no TCC, ao discutir como o resgate das ancestralidades pode ser uma ferramenta poderosa para a educação e desenvolvimento emocional e psicológico, Bernardo (2006). A arte, neste contexto, não é apenas uma forma de expressão, mas também um veículo para explorar questões pessoais e coletivas, promovendo um entendimento mais profundo de si mesmo e do outro Jung (1984).

### Catarse e Expansão de Consciência

Durante o estágio, percebi momentos de profundo relaxamento nos alunos, especialmente quando utilizamos música e tambores como ferramentas sensoriais e cantos tradicionais para criar um ambiente de produção artística Bernardo (2013). Esses momentos de imersão e concentração mostraram como a arte pode gerar um ambiente que possibilite um processo no qual as emoções são liberadas e reorganizadas, percebidas e integradas, permitindo aos alunos uma nova percepção de si e do mundo ao seu redor. Esse aspecto é explorado no TCC dentro da perspectiva de Vigotski (1965), que vê a catarse como uma forma de transformação emocional e cognitiva, essencial para o desenvolvimento humano. Essa vivência prática reafirma a arte como um meio não apenas de expressão, mas de expansão de consciência. A produção artística aliada a elementos sensoriais proporcionou aos alunos uma experiência que transcende o espaço da sala de aula, conectando-os com suas emoções e sentidos de forma profunda.

### Processos de Criação

Os processos criativos que foram desenvolvidos no estágio, utilizando desde a observação do grafite até a criação de mandalas, reforçaram a ideia de que a arte é uma forma de construção cultural e social Pareyson (1989). Ao trazer elementos da cultura afro-brasileira e indígena, os alunos foram expostos a diferentes linguagens artísticas que dialogam com sua realidade. A produção artística, nesse contexto, tornou-se um processo criativo coletivo Ostrower (2014), onde a cultura não apenas foi explorada, mas também reinterpretada e recriada pelos alunos.

No TCC, essa experiência é utilizada para demonstrar como os processos criativos na educação podem ser uma ferramenta de libertação cultural Moreira (2010), ao permitir que os alunos criem a partir de suas referências culturais, a educação deixa de ser apenas transmissora de conhecimento para se tornar um espaço de criação e transformação, onde o aluno é protagonista.

A relação entre educação e cultura ficou evidente ao longo de todo o estágio, especialmente ao perceber que os alunos muitas vezes estavam distantes das temáticas culturais que deveriam ser abordadas no currículo. Ao trabalhar a arte como ferramenta de resistência cultural Baniwa (2021), foi possível ver como os alunos começaram a se conectar mais profundamente com os conteúdos e como isso os ajudou a repensar suas próprias identidades culturais. Esse ponto será central no TCC, que discutirá a importância de uma educação que valorize a cultura e promova a inclusão de vozes marginalizadas no ambiente escolar Freire(1987).

#### **Análise Crítica: Desafios e Aprendizados.**

Durante o estágio, enfrentei alguns desafios que me ensinaram lições valiosas, uma das dificuldades foi a falta de material adequado para os alunos muitas vezes, os recursos disponíveis não eram suficientes para dar suporte ao tipo de abordagem que eu queria realizar, especialmente nas atividades mais criativas e visuais. Para superar essa limitação, precisei ser criativo e utilizar alternativas como ferramentas tecnológicas (Instagram e Google) para engajar os alunos de forma prática.

Outro grande aprendizado foi entender que dar aula vai além da transmissão de conteúdo, utilizando a visão de Freire (1997) ensinar envolve nossa própria essência como professores e como seres humanos. Isso se refletiu em como adaptei as aulas de acordo com as diferentes turmas, e também na maneira como tratei os temas abordados, sempre buscando formas de tornar o conteúdo significativo para os alunos. Percebi que o processo de ensino é muito sobre mediação e diálogo como Ostrower (2014), e não apenas sobre a apresentação de conceitos teóricos.

Ao longo do estágio, desenvolvi habilidades que não eram plenamente exploradas durante a formação teórica, por exemplo, tive que aprender a lidar com o desinteresse de alguns alunos, encontrando formas de torná-los mais participativos e conectados com o conteúdo. Isso exigiu uma capacidade maior de improvisação e adaptação do que eu estava habituado

Ao comparar entre teoria e prática, a experiência do estágio mostrou como a teoria é fundamental, mas a prática é onde realmente se vivencia o que foi aprendido. Na universidade, somos expostos a várias teorias sobre ensino, didática, e desenvolvimento cognitivo, e essas bases foram essenciais para me preparar. No entanto, durante o estágio, percebi que existem lacunas entre a teoria e a prática. Por exemplo, a teoria nos fornece as ferramentas para planejar aulas e compreender o processo de aprendizagem dos alunos, mas a realidade da sala de aula inclui fatores imprevisíveis, como o ambiente físico, as dinâmicas entre os alunos, suas realidades socioeconômicas e, muitas vezes, a falta de estrutura escolar. Esses elementos não são sempre visíveis nos textos teóricos, mas tornam-se cruciais no dia a dia da prática docente.

Na prática, aprendi que o desenvolvimento como professor acontece principalmente no campo, em contato direto com os alunos. É ali que testamos as teorias aprendidas e percebemos como elas podem ser aplicadas ou adaptadas ao contexto específico da turma e da escola.

Entre os pontos positivos, destaco a relação de troca estabelecida com os alunos. Foi gratificante ver como o conteúdo que apresentei despertou curiosidade, dúvidas e, em alguns casos, uma possível transformação em seus modos de pensar. Outro ponto positivo foi a oportunidade de trabalhar com arte e cultura afro-indígena, um tema muitas vezes marginalizado na educação básica. A capacidade de conectar arte, história e cultura criou um ambiente de aprendizado enriquecedor, onde os alunos se viram representados e puderam questionar o mundo ao seu redor.

Por outro lado, o ponto negativo mais significativo foi perceber que muitos desses alunos estavam distantes dos temas abordados, mesmo sendo conteúdos previstos na BNCC (2017). Isso aponta para uma falha no modelo educacional vigente, que deveria proporcionar uma educação libertadora, mas muitas vezes acaba sendo limitada por um sistema educacional sucateado. A falta de continuidade e profundidade no trabalho com temas de grande relevância social é uma questão preocupante, é o estágio evidenciou essa lacuna entre o que é previsto curricularmente e o que realmente é trabalhado nas salas de aula.

As experiências adquiridas durante o estágio estão contribuindo de maneira profunda para o desenvolvimento do meu TCC e em minha prática pedagógica, na construção como artista visual e educador.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou evidenciar o papel transformador da arte no desenvolvimento humano, destacando sua relevância para o autoconhecimento, a saúde mental e a ampliação da consciência. Por meio da fundamentação teórica e da análise prática realizada durante o estágio obrigatório do ensino médio de Artes Visuais, foi possível observar como a arte promove a conexão com a ancestralidade, estimula a criatividade e contribui para os processos emocionais, reafirmando seu caráter humanizador.

Ao longo da pesquisa, confirmou-se o objetivo central de demonstrar como a arte, quando integrada aos processos pedagógicos, pode atuar como uma ferramenta de transformação individual e coletiva. A prática pedagógica no ensino médio revelou o impacto positivo das atividades artísticas na formação dos alunos, incentivando reflexões sobre identidade, cultura e resistência. Essas vivências demonstraram que a arte transcende a estética, constituindo-se como um recurso potente de expressão e catalisador de mudanças sociais.

Contribuições para futuros estudos ou aplicações práticas relacionadas ao tema, como o aprofundamento das relações entre arte e saúde e qualidade de vida, o desenvolvimento de pesquisas que explorem de forma mais ampla como práticas artísticas podem ser incorporadas em estratégias de arte e educação, assim como terapêuticas ou programas de bem-estar emocional.

Estudos futuros podem investigar como diferentes culturas integram suas tradições artísticas em contextos educativos e os impactos disso em comunidades específicas. Ampliar a aplicação da arte em outras disciplinas escolares, como História, Filosofia ou Ciências, para promover reflexões críticas e criativas. Investigar como povos de diversas ancestralidades (afrodescendentes, indígenas, orientais, entre outros) utilizam a arte como meio de resistência, expressão e construção de identidade.

Propostas pedagógicas inovadoras, como desenvolver materiais didáticos ou metodologias baseadas na arte como ferramenta de autoconhecimento e conscientização cultural. Formação de professores, oferecer cursos ou oficinas para educadores sobre como incorporar a arte e o resgate da ancestralidade em suas práticas pedagógicas e programas de inclusão social e cultural, utilizar a arte como instrumento para integrar comunidades marginalizadas, promovendo diálogo, respeito e valorização das diversidades culturais, propostas de criar iniciativas em parceria com escolas e comunidades que utilizem práticas artísticas para discutir temas como identidade, racismo, sustentabilidade e resistência cultural.

Expansão da arte para além do ambiente escolar, com a proposta que a arte seja aplicada em espaços públicos, como centros culturais ou programas de saúde comunitária, para atingir diferentes públicos.

Assim, este trabalho reafirma a importância de valorizar a arte na educação e na sociedade, reconhecendo-a como uma ferramenta essencial para enfrentar os desafios contemporâneos e construir caminhos mais conscientes e sensíveis para o futuro. Ao compreender o ser humano de forma holística, preservando sua subjetividade e promovendo sua totalidade, o processo de humanização pela arte torna-se indispensável. Considerar a arte como um aspecto científico e cultural é fundamental para o desenvolvimento de toda cultura humana e para a formação de sociedades mais justas e sensíveis.

## REFERÊNCIAS

- BALDISSERA, A. **Pesquisa-ação: uma metodologia do “conhecer” e do “agir” coletivo.** Revista Sociedade em Debate, Pelotas, 7(2):5-25, Agosto/2001.
- BERNARDO, Patrícia Pinna, **Arteterapia: A Arte de Trilhar a Roda da Vida Acabamento:** Capa Mole Dimensões: 16 x 23 cm,ed. 2 Editora: arterapinna 2016.
- BERNARDO, Patrícia Pinna. **Arteterapia: a arte a serviço da vida e da cura de todas as nossas relações** (p. 73 a 116) in: ARCURI,ed. I(org) Arteterapia – um novo campo do conhecimento. São Paulo: Vetor, 2006.
- BERNARDO, Patrícia Pinna. **A Prática da Arteterapia: Mitologia Indígena**, edição: 1, . Ano: 2013.
- BRANDÃO, Junito. S. **Mitologia Grega**, ed. V, I e II. Petrópolis: Vozes, 1986, 1987.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: Ministério da Educação, 2018.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia.** ed. 2 São Paulo: Editora Ática, 2000.
- BANIWA, Denilson. **A Revolução dos Povos Originários.** São Paulo: Aparelha Luzia, ed.1,2021.
- FORESTIER, Richard. **Tudo Sobre a Arte-terapia**, Editora : APCIQ; 1ª edição (1 janeiro 2011) Idioma : Português, Capa comum : 272 páginas
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 17ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano.** São Paulo: Zahar, 2020.
- JUNG, Carl Gustav, **A Natureza da Psique.** Petrópolis: Vozes, 1984
- MOREIRA, M. **A Aprendizagem significativa e o crescimento psíquico.** ed.5 São Paulo: Centauro, 2010.
- ORMEZZANO, Graciela. **EDUCAR COM ARTETERAPIA. PROPOSTAS E DESAFIOS,** (org.). - Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011. 244p:21cm
- BOTTON, Alain de; ARMSTRONG, John. **Arte Como Terapia.** Tradução: Denise Bottmann.-1 ed. Rio de Janeiro: Intrínseca,2014. 240P.:IL.; 27 cm.
- JUNG, Carl Gustav, 1875-1961. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo** / CG. Jung ; [tradução Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva]. - Petrópolis, RJ : Vozes, 2000.

SANTOS, Marcos Ferreira dos. **Ancestralidade e convivência no processo identitário: a dor do espinho e a arte da paixão entre Karabá e Kiriku**. Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03, 2005.

SOUZA, Eliza M. de. **O conceito de liberdade na obra de Paulo Freire**. UFSM, 2020.

VIGOTSKI, L. S. (1999b). *Psicologia da arte* (P. Bezerra, Trad.). 2 ed. São Paulo, SP: Martins Fontes.

VIGOTSKI, L. S. **A Formação Social da Mente: O Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores**. 15,ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VON FRANZ, M.L. **Mitos de Criação**. São Paulo: Paulus, 2003

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e Processos de Criação**. 24, ed. Petrópolis: Vozes, 2014

PAREYSON, L. (1989). *Os Problemas da Estética* (Título original: *I problemi dell'estetica*). tradução Torino: Rosenberg & Sellier.

## Apêndice A

### RELATÓRIOS DO ESTÁGIO OBRIGATÓRIO DE ARTES VISUAIS NO ENSINO MÉDIO

Parecer da COE – Etapa Regência.

(X) APROVADO      () REPROVADO OBSERVAÇÕES:

#### 1. IDENTIFICAÇÃO:

NOME DA/O ESTAGIÁRIA/O: Walter Kalebe Mazzine de Souza

RGA:2017.2901.0091 SEMESTRE:12º

TELEFONE/CONTATO:67 992718898

ENDEREÇO:Rua Serra Azul 696

INSTITUIÇÃO CONCEDENTE: Escola Estadual Padre José Scampini

ENDEREÇO: Rua do Porto, 220, Coophavila II, Campo Grande - MS - 79097-160

ORIENTADOR/A DO ESTÁGIO: Rozana Vanessa Fagundes Valentim

SUPERVISOR/A DO ESTÁGIO: Cátia Matos da Silva

NÍVEL DE ENSINO:Médio DISCIPLINA: Artes Visuais

PERÍODO DA ETAPA DO ESTÁGIO: 20.10.2023 A 11.11.2023 TURNO: Matutino

#### 1. A Proposta de Intervenção Pedagógica e a elaboração dos Planos de aula

Valendo-se da abordagem triangular, metodologia de ensino de arte proposta pela arte educadora Ana Mae Barbosa, buscarei através da presente proposta de intervenção pedagógica aliar os conhecimentos teóricos adquiridos através da contextualização histórica e leitura de imagem com a prática artística, considerando que o fazer artístico, como Ana Mae Barbosa (2001, p.34) elucida, “é insubstituível para aprendizagem da arte[...]”. Visamos tanto apresentar as fases dessa organização didática quanto obter respostas sobre os caminhos estabelecidos com esse processo de ensino-aprendizagem em Artes Visuais para a realização da -aula. Temos como objetivo causar reflexão,instigar a vontade de conhecer e analisar os movimentos contemporâneos de arte Urbana e afro-brasileira, utilizando a linguagem visual com ênfase na técnica de mandalas, grafite, colagem e técnica mista de desenho.

O estágio foi realizado na Escola Estadual Padre José Scampini no ano de 2023 para o ensino médio, a escola propôs que no mês de outubro e novembro seria trabalhado a questão da Consciência Afro Indígena, pois existe um projeto escolar todo ano que envolve todos os primeiros anos do ensino médio com o desenvolvimento de atividades e estudos direcionados pela questão que a data de 20 de novembro, celebra-se o Dia Nacional da Consciência Negra em homenagem a Zumbi dos Palmares, morto nesse dia e símbolo da resistência histórica contra a escravidão e o racismo no Brasil. A data poderá, inclusive, tornar-se feriado no país por meio do Projeto de Lei do Senado (PLS) 482/2017, em decisão terminativa na Comissão de Educação, Cultura e Esporte (CE). Criado em 2003, o dia celebrativo já é feriado em cerca de mil cidades em todo o país e nos estados de Alagoas, Amazonas, Amapá, Mato Grosso e Rio de Janeiro por meio de decretos estaduais.

A ocasião é dedicada à reflexão sobre a inserção do negro na sociedade brasileira. Zumbi dos Palmares, assassinado em 20 de novembro de 1695, foi um dos maiores líderes negros do Brasil, que lutou pela libertação do povo contra o sistema escravista. O Dia da Consciência Negra é considerado importante no reconhecimento dos descendentes africanos e na construção da sociedade brasileira.

Partindo do projeto escolar me baseei para a elaboração do PIP,Valendo-se da abordagem triangular, metodologia de ensino de arte proposta pela arte educadora Ana Mae Barbosa, buscarei através da presente proposta de intervenção pedagógica aliar os conhecimentos

teóricos adquiridos através da contextualização histórica e leitura de imagem com a prática artística, considerando que o fazer artístico, como Ana Mae Barbosa (2001, p.34) elucida, “é insubstituível para aprendizagem da arte[...]”. Visamos tanto apresentar as fases dessa organização didática, quanto obter respostas sobre os caminhos estabelecidos com o processo de ensino-aprendizagem em Artes Visuais para a realização das aulas. Temos como objetivo causar reflexão, instigar a vontade de conhecer e analisar os movimentos contemporâneos de arte Urbana e afro-brasileira, utilizando a linguagem visual com ênfase na técnica de mandalas, grafite, colagem e técnica mista de desenho.

A história da arte ajuda a entender algo do lugar e tempo nos quais as obras de arte são situadas. Nenhuma forma de arte existe no vácuo; parte do significado de qualquer obra depende do entendimento de seu contexto (BARBOSA, 1991, p. 37). A Contextualização da história da Arte é fundamental para a elucidação dos alunos durante as aulas, pois percebi um déficit de educação muito grande em relação a questão cultural, história e de contexto dos povos originários indígenas e afrodescendentes. Sem essa base seria quase impossível entender a intelectualidade e o fazer político e social do fazer dos artistas que são trabalhados.

## 2. REGÊNCIA

O estágio foi realizado na Escola Estadual Padre José Scampini no ano de 2023 para o ensino médio, a escola propôs que no mês de outubro e novembro seria trabalhado a questão da Consciência Afro Indígena, pois existe um projeto escolar todo ano que envolve todos os primeiros anos do ensino médio com o desenvolvimento de atividades e estudos direcionados pela questão que a data de 20 de novembro, celebra-se o Dia Nacional da Consciência Negra em homenagem a Zumbi dos Palmares, morto nesse dia e símbolo da resistência histórica contra a escravidão e o racismo no Brasil. A data poderá, inclusive, tornar-se feriado no país por meio do

O Projeto de Lei do Senado (PLS) 482/2017, em decisão terminativa na Comissão de Educação, Cultura e Esporte (CE). Criado em 2003, o dia celebrativo já é feriado em cerca de mil cidades em todo o país e nos estados de Alagoas, Amazonas, Amapá, Mato Grosso e Rio de Janeiro por meio de decretos estaduais.

Utilizando o referencial curricular da SED: LINGUAGENS E SUAS TECNOLOGIAS - 1º ANO DO ENSINO MÉDIO AGRUPAMENTO 4 – EM 1 EIXO TEMÁTICO Campos de atuação: • Campo de atuação na vida pessoal; • Campo artístico-literário; • Campo das práticas de estudo e pesquisa; • Campo jornalístico – midiático; Habilidades Componente Curricular Objetos de conhecimento Sugestões Didáticas (MS.EM13LGG604) Relacionar as práticas artísticas às diferentes dimensões da vida social, cultural, política e econômica e identificar o processo de construção histórica dessas práticas.

Componente Curricular Arte Componente Curricular Contextos de produção, circulação e recepção das produções e manifestações artísticas. Ana Mae Barbosa (1991): Um currículo que interligasse o fazer artístico, a história da arte e a análise da obra de arte estaria se organizando de maneira, que a criança, suas necessidades, seus interesses e seu desenvolvimento estariam sendo respeitados e, ao mesmo tempo, estaria sendo respeitada a matéria a ser aprendida, seus valores, sua estrutura e sua contribuição específica para a cultura. Teremos assim equilíbrio entre as duas teorias curriculares dominantes: a que centra na criança os conteúdos e a que considera as disciplinas autônomas com uma integridade intelectual a ser preservada.

Por meio da exploração de estratégias e procedimentos tanto nos aspectos práticos quanto teóricos e reflexivos dessa metodologia de ensino. Explorando as vertentes da arte urbana como linguagem autônoma e expressiva inerente aos novos movimentos artísticos e suas valorizações nos parâmetros artísticos culturais construídos socialmente, olhando para a

história da arte no contexto brasileiro Afro e Indígena podemos desenvolver uma conscientização a respeito da identidade e caráter de construção social, intelectual e crítica com base política, artística e cultural, elevando o olhar estético e expandindo para fora da cultura eurocêntrica em que baseia o modelo escolar colonizado que temos ainda hoje no Brasil.

#### A – Sua relação com a escola

(Reflexões da/o estagiária/o sobre o período de regência no que se referem à estrutura, os espaços, materiais e o relacionamento com os diferentes profissionais).

O distanciamento da realidade escolar e a utopia acadêmica é muito perceptível, a romantização do cenário escolar atual e as realidades dos professores de ensino básico e médio a respeito de como realmente uma escola funciona é alarmante. No cenário acadêmico inúmeros vemos privilégios por parte dos docentes que eles nem percebem a realidade, ou ao menos tem empatia com os professores e futuros professores que não deveriam lutar para ter um espaço, voz ou ao menos um reconhecimento pelo seus trabalhos.

A Escola Estadual Padre José Scampini localizado no bairro da Coophavila 2, na cidade de Campo Grande- MS , Foi onde completei o ensino médio, já conhecia a estrutura escolar que não mudou em nada, além de poucas reformas no banheiro, quadra escolar, a estrutura da escola se mantém em condições ruins, falta de ventiladores, a sala de informática não possui internet e nem computadores para todos os alunos, os alunos não possuem material para as aulas de artes, faltando até mesmo caderno de desenho, a escola também não oferece nenhum tipo de material para auxiliar as aulas práticas de arte, não tive muito contato com os outros professores pois na sala de aula não me senti afinidade pela falta de tempo de trocas, percebi muito estresse e reclamações a respeito da direção da escola e da secretaria, não ouvi nenhum elogio por parte de nenhum professor a respeito da coordenação da escola, os professores reclamam que não possuem liberdade em utilizar as salas como querem pois suja e o pessoal da limpeza reclama sempre.

Tirando toda a parte negativa dessa experiência vários alunos me elogiaram a respeito das aulas disseram se identificar com as aulas pois trabalhando o contexto afro, indígena, tecnologias e arte contemporânea e urbana trouxe uma maior identidade e aproximação com as linguagens e cultura para o consciente deles e a suas realidades.

Uma reflexão que me acompanha é como alguém a escola é totalmente sucateada, e como a escola é tão cobrada por diversas questões sociais sem nenhuma estrutura de qualidade para os profissionais e nem para os estudantes.

Conseguí perceber o grave problema de descaso e gestão da escola, percebi também um classificação e segregação entre os alunos mais empenhados e com melhores notas e os que não possuem um alto empenho e desenvolvimento escolar, de forma velada existe uma separação em salas de aula com ar para os mais aplicados, melhor lousa, em contraponto com os menos aplicados ou baixo rendimento com salas de aula mais precárias sem ar condicionado, lousas velhas .

#### B – Sua relação com o/a professor/a de arte

(Análise da/o estagiária/o sobre os momentos de planejamento em conjunto, os diálogos, as trocas em relação aos alunos, conteúdos e desenvolvimento do ensino de arte na escola, a parceria/apoio no momento da regência, as interferências necessárias ou não).

A questão do planejamento foi muito tranquilo pela aproximação que já possuo com a temática que faz parte do meu cotidiano sobre a arte urbana, cultura afro e indígena, por ser descendente indígena e fazer parte de cultos afro-indígenas me identifiquei muito nas aulas e levei conhecimentos que somente quem está inserido no contexto consegue aprender e perceber de forma empírica.

As trocas e devolutivas a respeito das aulas me surpreenderam, os alunos se mantiveram em sua maioria muito interessados e interagiam sempre nas aulas, levantando questionamentos e apontamentos a respeito de suas próprias histórias, identidades e cultura.

O planejamento de aula foi revisado pela supervisora de estágio, a professora Cátia, e foi aprovado sem nenhuma alteração.

porém durante a regência eu vi a necessidade de um maior aprofundamento no contexto histórico e links sobre Curiosidades a respeito de diversos temas e tabus, que se fazem presentes a respeito das culturas Afro africanos e afro brasil, e dos Indígenas do Brasil.

O fazer das atividades propostas notei um certo desinteresse por parte de quase a metade deles, eu acredito que isso seja pela falta de desenvolvimento das artes de forma geral, a falta de material e as limitações da própria professora que vem trabalhando com eles no decorrer do ano.

C – As aulas de arte ministradas por você:

(O/a estagiária/o apresenta o seu percurso durante a regência nas duas turmas que esteve estagiando. Analise sua proposta, os conteúdos que abordou e como isso aconteceu, a participação dos alunos, o encaminhamento da aula, o desenvolvimento das atividades, o resultado. Escreva sobre suas expectativas iniciais para a regência e os resultados alcançados por você. Descreva que alterações que faria nos seus planos de aula a partir de cada regência finalizada e reflita sobre as possibilidades de melhoria na sua prática pedagógica a partir do que vivenciou nesta etapa do estágio. Lembre-se de utilizar e relacionar as imagens feitas por você, pelos alunos e ou professor/a supervisora. Inclua legenda em todas as imagens que utilizar tanto a descrição da figura quanto a fonte).

Fiz 15 horas de regência, e lecionei em 5 turmas diferentes, 4 primeiros anos e 1 segundo ano, no período matutino, durante 3 dias diferentes.

A minha proposta foi embasada no PPP da escola e o projeto que existe a respeito do dia da consciência negra, trabalhando questões durante todo o mês a respeito dos povos indígenas e afro descendentes, o encaminhamento de todas as aulas se deu muito fluida em todas as turmas mostrando-se adaptações necessárias de acordo com cada turma.

Os conteúdos abordados foram muito próximos às realidades que vejo das comunidades e pautas presentes nos movimentos contemporâneos afro e indígenas, artistas contemporâneos e com proximidades das tecnologias e arte urbana.

Utilizei desde pesquisa feita pelo próprio aparelho celular deles, utilizando a plataforma do instagram, e do google. imagens impressas em papel colorido das obras de arte deles, o uso de materiais básicos como a lousa para formação de contextualização, o uso de palavras chaves e informações sobre cultura, história, contexto social, e simbolismos das obras.

Durante a regência eu vi a necessidade de um maior aprofundamento no contexto histórico e links sobre Curiosidades a respeito de diversos temas e tabus, que se fazem presentes a respeito das culturas Afro africanos e afro brasil, e dos Indígenas do Brasil.

Ao fazer das atividades propostas notei um certo desinteresse por parte de quase a metade deles, eu acredito que isso seja pela falta de desenvolvimento das artes de forma geral, a falta de material e as limitações da própria professora que vem trabalhando com eles no decorrer do ano.

Na primeira aula desenvolvi o conteúdo de proposto trazendo o artista gramaloka, mostrando o instagram e trabalhos do artista, e suas obras mandalas, consegui fazer uma contextualização histórica, e interdisciplinar de conhecimentos a respeito do conteúdo, relacionando a história de vida do artista, o movimento de rua que faz parte, sua identidade étnica e racial e sua religião rastafari, trouxe produções de sound helang do próprio artista, e fiz uma imersão sonora enquanto eles produziam as mandalas, foi uma atividade muito positiva, onde todos os alunos em todas as turmas se envolveram e fizeram a

proposta, observei alunos de olhos fechados escutando a musica, outros que não paravam de conversar entregues aquela experiência multi sensorial, foi um sucesso a atividade.

Já na segunda aula eu trabalhei um pouco mais do contexto histórico dos povos indígenas do Brasil do MS, trazendo a cultura kadiwéu a contextualização e história, produção artística, trabalhando a imagem da indígena kadiwéu feita em LIVE paint pelo artista HYPER junto com GRAMALOKA, o grafite conhecido a cidade de Campo Grande MS é um manifesto a respeito da identidade, história, cultura e valorização dos povos indígenas originários do MS, consegui trazer elementos da cultura indígena para sala, como o grafismo, cocar, cachimbo, penas e outros objetos que fazem parte do repertório cultural desses povos, trazer um afro representando a cultura indígena, linkar com as minorias, questões de educação, raça, e história, produções artísticas, foram levantadas com debates em sala. a proposta com produção foi a releitura da obra como tarefa de casa.

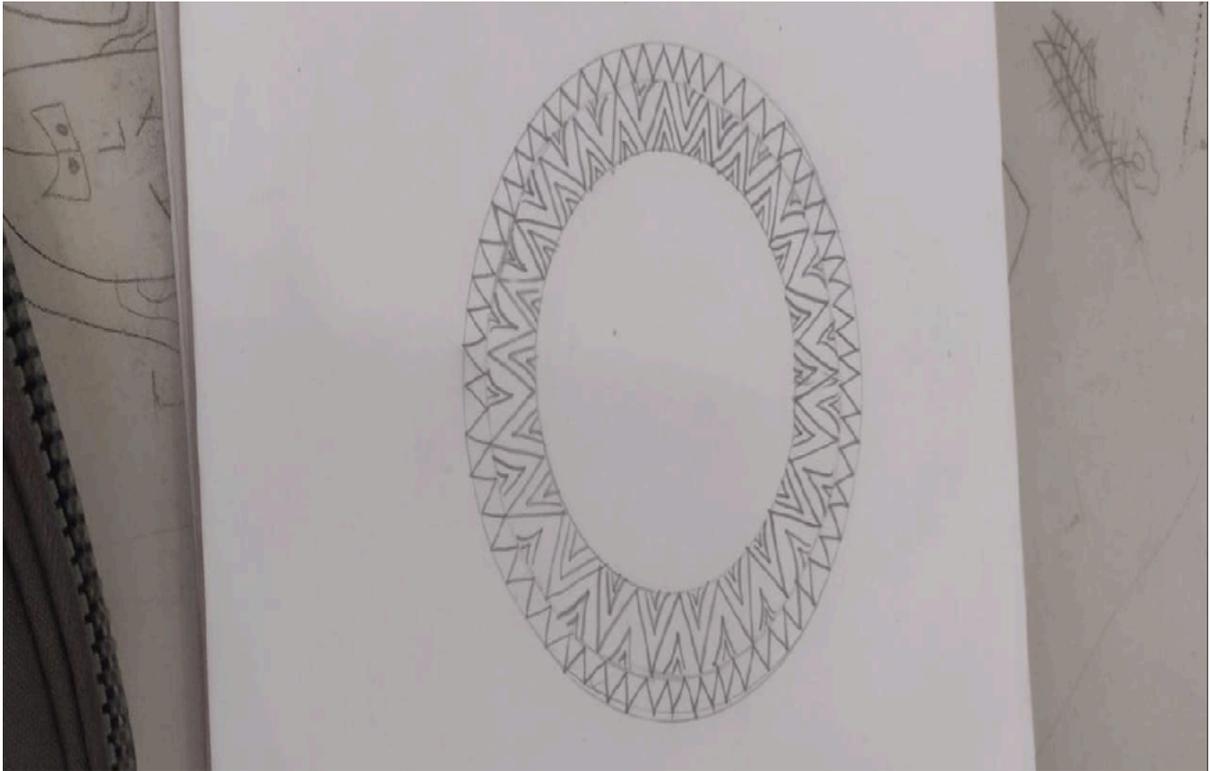
Na terceira aula trabalhei a questão mais voltada para a cultura afro, aspectos de formação desses povos em território brasileiro, suas linhagens, Angola, Jeje-Nagô e Yorubá. Trazer a história e formação, mitologias, orixás, escrita Adinkra, contação da história da travessia dos navios negreiros e das abayomis como ferramenta lúdica da contação, explicando processo de criação das bonecas e a utilização dentro dos navios, a reflexão a respeito da história e consequências do processo de escravidão foi debatido em sala. A artista Rosana Paulino foi referência para falarmos sobre essas questões da memória, e o resgate dessa memória da formação do Brasil e cultura.



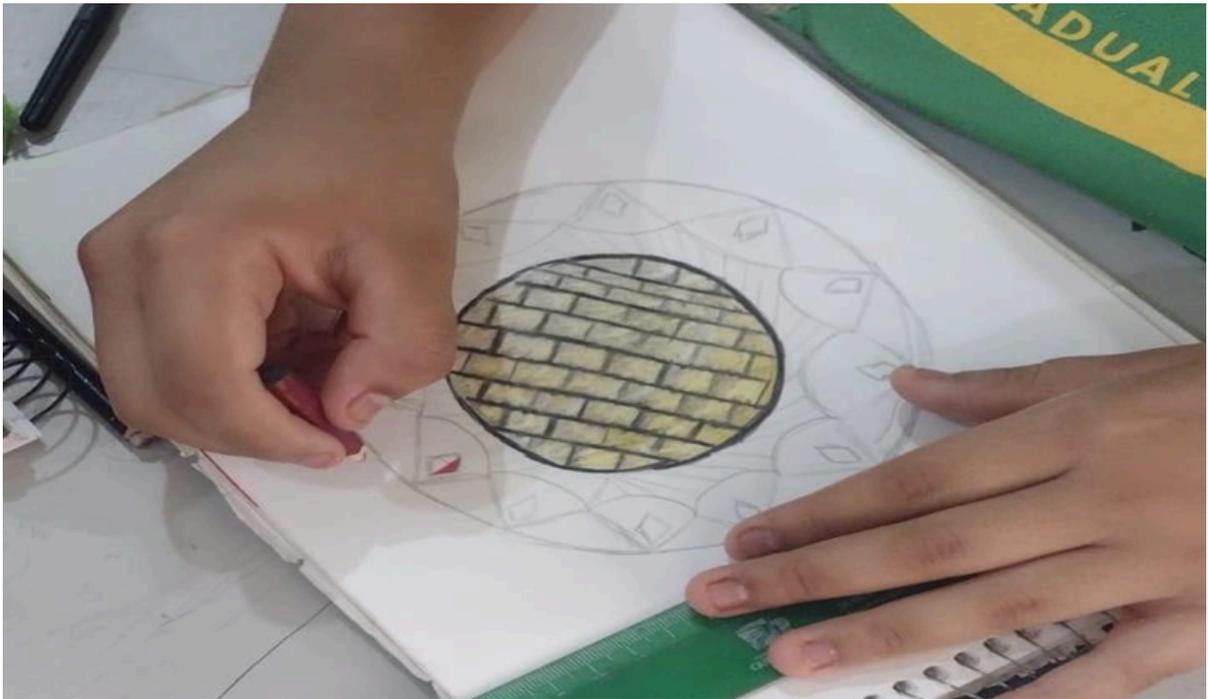
1

---

<sup>1</sup> Mandalas desenvolvidas durante a aula sobre CULTURA afro-indígena baseado no artista GRAMALOKA



2

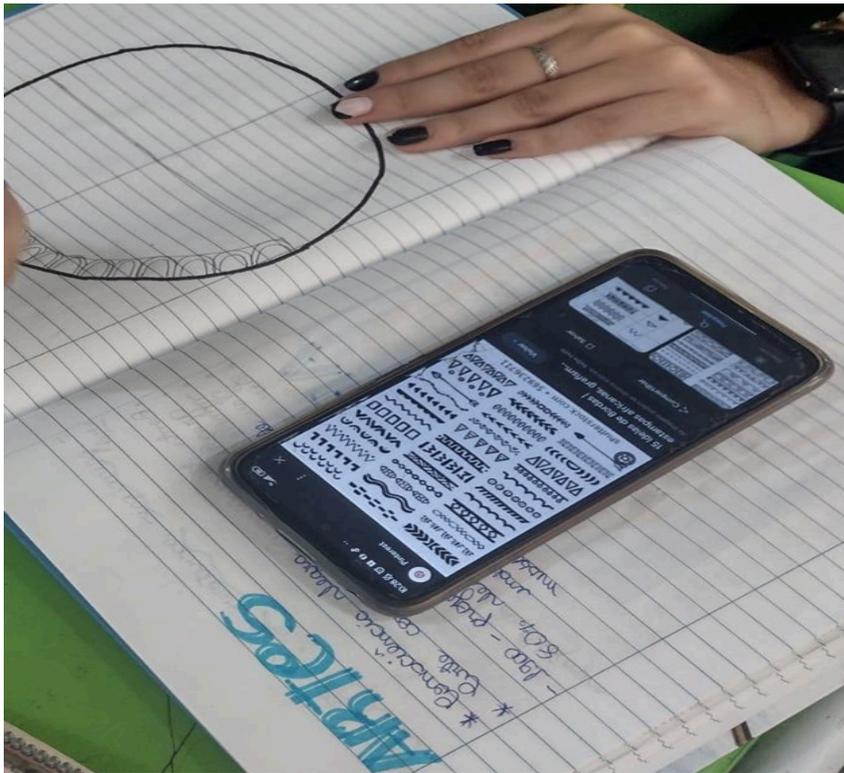


3

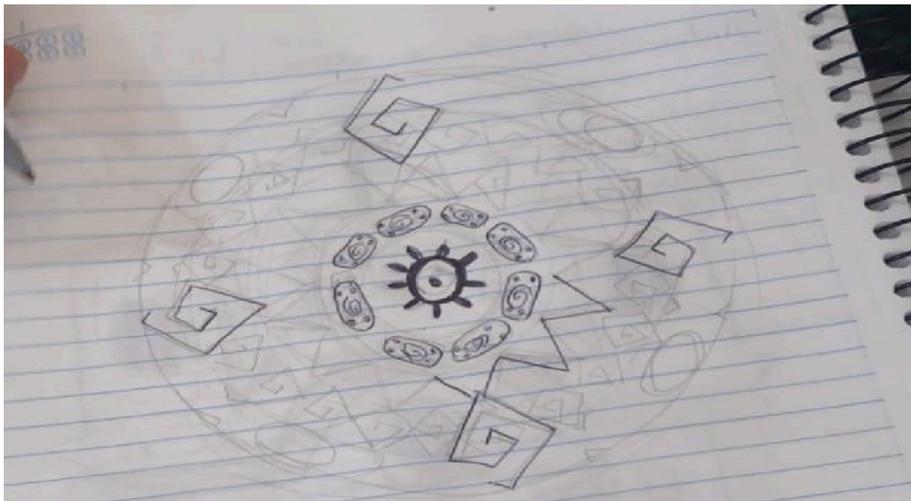
---

<sup>2</sup> Mandala com referência de grafismo Indígena

<sup>3</sup> Mandala autoral com o repertório visual do próprio aluno.



4

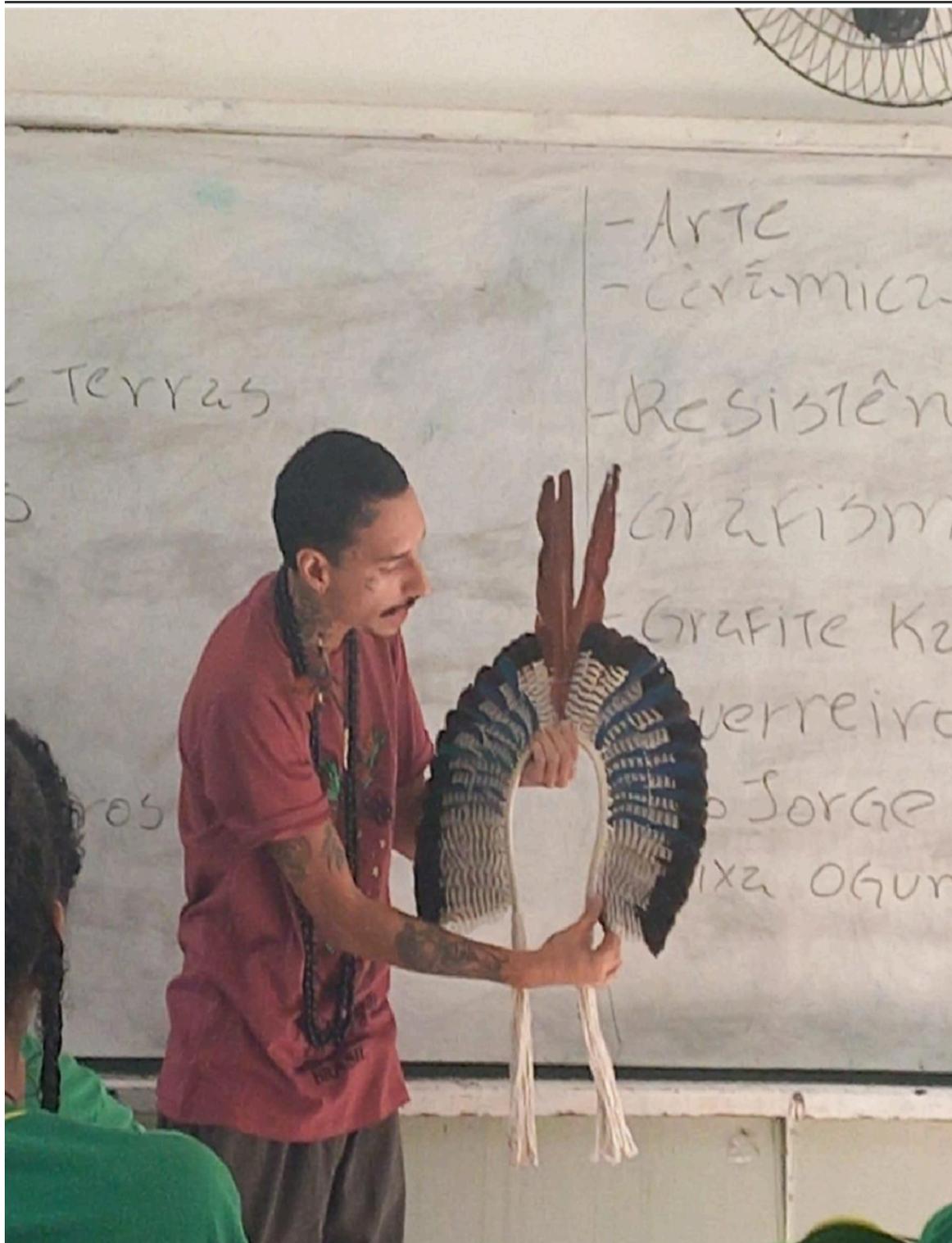


5

<sup>4</sup> Referências visuais da internet como repertório no processo de criação.

<sup>5</sup> Mandala em processo de criação turma 1 ano A.

Aula 2: Arte, Cultura e Ancestralidade Indígena.



<sup>6</sup> Contextualização da Arte e Cultura Indígena, Apresentação do cocar e histórias.



7



8

<sup>7</sup> Materiais utilizados para a aula sobre o história e contextualização da cultura indígena brasileira.

<sup>8</sup> Apresentação do Grafite da Indígena Kadiwéu, encontrado na rua 13 de maio, em Campo Grande MS.

Aula 3: Arte Rosana Paulino, Ancestralidade e Cultura Afro Brasileira.



9

---

<sup>9</sup> Imagem da orixá Oxum , colares de contas da umbanda e do candomblé. boneca afro bayomi.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

(Reflexões finais da/o estagiária/o sobre o período de regência, articulando cada momento vivido e indicando possibilidades futuras).

O processo de desenvolvimento coleta de dados, e regência do estágio no ensino médio foi uma experiência

que me fez desenvolver mais ainda a minha capacidade de comunicação, a minha auto

valorização e percepção de desenvolvimento humano, a sala de aula já é algo que está em mim desde minha primeira formação como intérprete de LIBRAS o ato de ensinar para mim sempre foi prazeroso e natural, tirando a parte burocrática e o sistema eurocêntrico em que vivemos, as experiências que tive com a trajetória de minha vida até hoje me capacitam para múltiplos cenários e formas de me adaptar a diferentes contextos e culturas, me considero versátil e preparado para me comunicar de forma clara e objetiva, trazendo conteúdos importantes e atuais, como questões da diversidade, ecologia, valorização da e desenvolvimento humano.

Acredito que acima de tudo o papel de um educador é se educar primeiramente respeitando seus próprios limites e os limites dos seres a sua volta, seja em um contexto de trabalho, familiar, religioso e da natureza.

Um educador que não conheci a si mesmo se torna apenas um cópia de uma máquina que produz o sistema de alienação e produção de conteúdo sem desenvolver a verdadeira sabedoria que vem somente das experiências de vida e o desenvolvimento do ser humano como uma totalidade e não separado em camadas e estereótipos, classes e da mecanização da produção de pesquisas acadêmicas.

Nos próximos trabalhos pretendo sempre desenvolver um olhar para todos os conteúdos de forma em que desenvolva um senso crítico a respeito da educação como forma de libertação e expansão e não somente como adestramento social como temos hoje por grande parte do Brasil, desenvolver a descolonização do pensamento brasileiro e expandir para nossa diversidade.

### 4. REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae A imagem **no ensino da arte**. São Paulo. Editora Perspectiva 2001

BARBOSA, Ana Mae Tavares. **Arte-Educação no Brasil**. 3. Ed. São Paulo. Perspectiva, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 27. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

PARAMETROS **curriculares nacionais, para o ensino de arte**, disponível em <http://www.ia.unesp.br/Home/Pos-graduacao/Stricto-Artes/patriciavolpe.pdf>

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: <[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_publicacao.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf)>. Acesso em: 06 abril. 2019. BARBOSA,

REFERÊNCIAS VIDEOS:

<https://arteseemfronteiras.com/artista-gramaloka-gonzales-mandala/>  
<https://www.youtube.com/watch?v=-jIN0fJf7kY> gramalok  
<https://www.youtube.com/watch?v=zIp4BpZg3ZE> hyper  
<https://midiamax.uol.com.br/midiamais/2021/retrato-de-indigena-kadiweu-em-predio-no-centro-de-campo-grande-ganha-forma-e-impressiona/>  
<https://www.youtube.com/watch?v=C-Q6eQD9f3M> hyper  
[https://www.youtube.com/watch?v=b\\_bVwd1z3fc](https://www.youtube.com/watch?v=b_bVwd1z3fc) rosana paulino  
<https://www.youtube.com/watch?v=uNEIJArBdKw> documentário para casa  
<https://renatafelinto.wordpress.com/afro-retratos/> Renata felinto

## APÊNDICE B – PLANO DE AULA DO ESTÁGIO OBRIGATÓRIO DO ENSINO MÉDIO EM ARTES VISUAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL

WALTER KALEBE

PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

CAMPO GRANDE - MS 2023

### INTRODUÇÃO:

Valendo-se da abordagem triangular, metodologia de ensino de arte proposta pela arte educadora Ana Mae Barbosa, buscarei através da presente proposta de intervenção pedagógica aliar os conhecimentos teóricos adquiridos através da contextualização histórica e leitura de imagem com a prática artística, considerando que o fazer artístico, como Ana Mae Barbosa (2001, p. 34) elucida, “é insubstituível para aprendizagem da arte[...]”. Visamos tanto apresentar as fases dessa organização didática quanto obter respostas sobre os caminhos estabelecidos com esse processo de ensino-aprendizagem em Artes Visuais para a realização da aula. Temos como objetivo causar reflexão, instigar a vontade de conhecer e analisar os movimentos contemporâneos de arte Urbana e afro-brasileira, utilizando a linguagem visual com ênfase na técnica de mandalas, grafite, colagem e técnica mista de desenho.

### PLANO DE AULA ENSINO MÉDIO

#### IDENTIFICAÇÃO

Escola: Escola Estadual Padre José Scampini Ano: 1º Nível de Ensino: Médio

Professor: walter kalebe mazzine

Disciplina: Arte

Data: 20/10, 27/10, 03/11 e 10/11

OBJETIVO GERAL: Descrever, analisar, interpretar e julgar os aspectos formais e subjetivos

da linguagem da arte Afro Brasileira

Conteúdo: Arte contemporânea: Arte urbana, Arte afrobrasileira e indígena.

-AULAS:

- Objetivo específico:

Produzir uma obra em pequeno formato utilizando a técnica da produção de imagens Com base no tema afro-brasil.

- Conteúdo específico:

Mandalas gramaloka , grafite releitura hyper , rosana paulino colagens, retratos renata felinto

- Recursos:

Papel sulfite, lápis de cor, canetinhas, canetas, projetor, referências visuais de artistas urbanos em arquivo digital, audiovisual

Aula 1: Gramaloka

O artista a ser trabalhado será o Gramaloka, de protagonismo negro se trata de um multi artista, trabalha com pinturas, grafite, tatuagem, desenho em forma de letreiros e mandalas, além de ser músico e percussionista, a idéia para a aula é apresentar em sala as geometrias sagradas(pitágóricas) e diferentes técnicas de produção de mandala, trazer a história das mandalas e sua função cognitiva, ao som do próprio artista que produz músicas com soundheling.

Ao passar na rua 147 de Julho esquina com a 15 de Novembro, em Campo Grande, existe a obra da indígena que foi feita em 2021. Isso porque existe pronta a representação feita em forma de pintura de uma indígena Kadiwéu na lateral do prédio.

A intervenção artística é uma Live Paint com feita pelos artistas mineiros Gramaloka e Hyper, que fazem um grafite na lateral do prédio sobre a etnografia e povos originários esquecidos pela sociedade, Dessa forma gostaria de falar sobre o movimento negro e a representatividade das minorias se retratarem, não somente abordando os povos negros.

Ao fundo do trabalho existe pinturas feitas em forma de mandala de um grafismo, trazendo esse artista em sala sugiro um fazer artístico com base na pesquisa dos celulares deles de grafismos indígenas e afros do mundo todo, deixando eles para criarem o próprio desenho em forma de mandala com as referências que se afinizam mas usando sua forma livre para criar e compor suas mandalas.



Imagem: Pintura Grafite Gramaloka e Hyperaton - (Foto: Leonardo de França) , indígena kadiwéu, Campo Grande MS.

## Aula 2: Hyperaton

Artista multimídia e autodidata, atua na cena desde 1997. É referência nacional e internacional, devido aos temas abordados em seus trabalhos. Suas influências vêm dos povos originários, povos negros e culturas antigas e ciência da selva e suas plantas de poder. Um retorno às nossas origens. “A ancestralidade é uma flecha incandescente que atravessa as eras iluminando as trilhas escuras por onde nos perdemos quando nos desligamos do caminho natural e esquecemos quem éramos. Conecta-nos diretamente com o coração e o trabalho de todos nossos antepassados que caminharam por essa terra. Transportamos em nosso DNA o legado de gerações e através desse conjunto criamos nossa realidade. A cultura molda como enxergamos o nosso mundo”, afirma. Partindo das referências que irei apresentar aos alunos do seu instagram @hyperaton pessoal de trabalho e video do youtube com imagens de pinturas do artista, irei pedir para que cada aluno escolha uma obra e faça uma releitura em seu caderno de acordo com a que eles se identificarem, utilizando todo conhecimento que a professora da turma já vem ao longo do ano desenvolvendo todo o conceito de releitura com eles.

Grávida, a indígena grafitada segura uma espada de São Jorge e carrega uma arara-canindé em seu ombro. Felizes com a enorme repercussão do painel artístico, os realizadores da obra revelaram qual o significado por trás da imagem. Os artistas explicando o conceito da obra. "E a nossa mensagem com essa pintura é que a gente gostaria que os nativos, os povos originários, principalmente aqui da região, que tem bastante, que a gente olhasse com mais carinho para essas pessoas, pra essa cultura, que a gente pudesse ver essa grandeza deles. Então, a mensagem da pintura é essa, o que a gente vem dizer é isso, queríamos muita atenção pra esses povos aí, eles merecem muito respeito", finalizou ele. "Obrigado aí", complementou Gramaloka.



Hyper e Gramaloka diante da arte que grafitam na Capital - (Fotos: Reprodução, Sector)  
fonte:<https://midiamax.uol.com.br/midiamais/2021/retrato-de-indigena-kadiweu-em-predio-no-centro-de-campo-grande-ganha-forma-e-impressiona/>

### Aula 3: Rosana Paulino

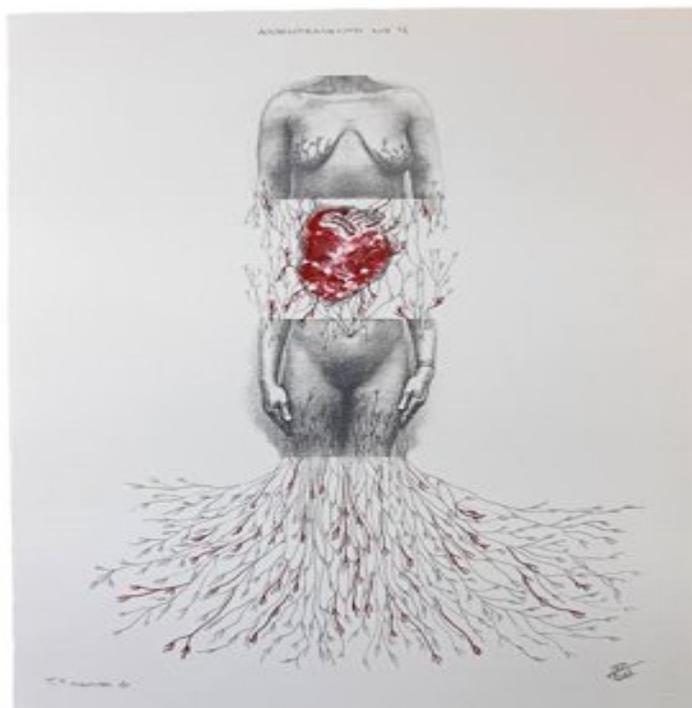
Pensando na representatividade das mulheres afro dentro desse universo da arte, selecionei duas artistas negras, contemporâneas, para trabalhar em sala a primeira será Rosana Paulino.

Conhecer a história delas é também observar a relevância da cultura afrodescendente nos mais diversos tipos de arte. É bastante comum que ao falar sobre arte, logo se imagine o nome de algum artista. E, em sua maioria, artistas homens e brancos. Certamente, os desafios de ser artista são enormes para qualquer pessoa, em qualquer lugar do mundo. Porém, quando se trata de artistas mulheres, sobretudo artistas negras, esse desafio é ainda maior.

Rosana Paulino é uma artista visual, curadora, pesquisadora e educadora, doutora em Artes Visuais pela Universidade de São Paulo (1995), aborda em suas obras temas como identidade de gênero, etnia e questões sociais das mulheres negras brasileiras. Para isso, faz uso de diferentes técnicas, como pintura, gravura, escultura, fotografia, serigrafia e costura.

Nascida e criada em São Paulo, demorou quase 22 anos para ter uma obra sua exposta em uma instituição tradicional, como a Pinacoteca de São Paulo. Hoje, Paulino é reconhecida internacionalmente, tendo suas obras expostas no Brasil e no exterior. A proposta aos alunos é criar uma colagem com técnica mista de desenhos, com linhas e colagens em cartolina de forma individual em casa, para ser entregue e exposto em sala questões sobre, gênero, raça e suas percepções sobre a temática afro brasileira, baseado nos trabalhos de Rosana Paulino, o lugar das pessoas negras na sociedade brasileira, a força e a ancestralidade, a beleza, a violência a pobreza, o preconceito, a sexualidade, diversos temas de acordos com o que eles entenderem do trabalho dela e sua importância, dessa maneira ficará claro o quanto eles conseguem interpretar o trabalho dela e de que forma faz sentido no contexto pessoal de cada um e de como se identificam ou não com seu trabalho. O documentário “ a costura da memória ” ficará como atividade remota e tarefa de casa para o desenvolvimento do trabalho.

Imagem: **Assentamento, 2012**, Litografia a cores sobre papel 63,5×48,5 cm ,coleção particular. SP- BRAZIL.



Fonte: <https://nutricaovisual.art.br/historia/artistas-em-pesquisa/rosana-paulino/>

Imagem: *Sem Título*, obra de 1997 integrante da exposição *Costura da Memória*, realizada na Pinacoteca de São Paulo de dezembro de 2018 a março de 2019 – Imagem: Reprodução/Museu de Arte Moderna (MAM)



Fonte: <https://jornal.usp.br/diversidade/subvertendo-imagens-racistas-a-costura-da-memoria-d-e-rosana-paulino/>

#### Aula 4: Renata Felinto

Renata Aparecida Felinto dos Santos (São Paulo, São Paulo, 1978). Artista visual, pesquisadora, educadora, escritora, performer e ilustradora. Suas obras se fundamentam na questão da identidade negra feminina e, por meio de diferentes linguagens, questionam construções estéticas e culturais. A artista também se destaca pelo exercício da arte-educação em universidades e instituições de cultura.

Irei apresentar a série Afro Retratos, na qual, ao pintar sua própria imagem, representa mulheres de outros povos e culturas, vestindo identidades que extrapolam os estereótipos impostos às pessoas negras. Na obra, estabelece ligações entre sua autoimagem e outros entendimentos do que é ser mulher e recusa a tradição da pintura tradicional, fundindo técnicas de desenho, pintura e colagem.

Ao lidar com características e adornos femininos de cada cultura representada, cria reflexões sobre os fatores que influenciaram a construção de sua história e identidade como mulher negra brasileira. O trabalho alude a um mundo globalizado, onde a pluralidade de saberes e modos de ser constroem uma experiência singular do indivíduo contemporâneo: este, com sua ancestralidade, é reconfigurado por influências externas.

Se baseando nas técnicas mistas da artista, peço aos alunos que escolham uma mulher negra, podendo ser artistas, famosas, professoras, alunas, mães, avós, mulheres no geral, que eles admirem e façam um retrato dela em seus cadernos.

imagem: SÉRIE AFRO-PORTRAITS, 2010-2014 Pinturas da série feitas nas técnicas desenho, colagem e pintura.



Fonte: <https://projetoafro.com/artista/renata-felinto/>

## DESENVOLVIMENTO

Utilizando como base para a realização dessa atividade a abordagem triangular, que surgiu por volta da década de 90, pretendemos realizar aulas expositivas dialogadas, exibindo referências imagéticas para contextualização histórico-social das mesmas na história da arte, visando ampliar o repertório de conhecimento do aluno sobre esse enorme campo da arte visual que é a criação de mandalas utilizando o artista gramaloka, o artista Hyper abordando seus trabalhos de grafiato e tintas óleos sobre a valorização dos povos originários e afros brasileiro, e as Artistas Rosana Paulino com seus diários sobre temáticas afro e Renata Felinto com seus auto retratos afros discutindo o papel da mulher negra e seus locais de poder e miscigenação, diversidade cultural dessas mulheres negras.

A segunda etapa de desenvolvimento tem o intuito de articular a leitura de imagem com o entendimento referente à contextualização histórica previamente realizada. De acordo com Barbosa (2001, p. 37-38): Essa leitura envolve análise crítica da materialidade da obra e princípios estéticos ou semiológicos, ou gestálticos ou iconográficos. A metodologia de análise é de escolha do professor, o importante é que obras de arte sejam analisadas para que se aprenda a ler a imagem e avaliá-la; esta leitura é enriquecida pela informação histórica e ambas partem ou desembocam no fazer artístico. Não adotamos um critério de história da arte objetivo e científico que seja apenas prescritivo, eliminando a subjetividade. Sabemos que em história da arte é importante conhecer as características das classificações de estilo, a relação de uma forma de expressão com as características sociais e com a psicologia social da época, mas analisar as características formais do objeto no seu habitat de origem não pode ser o escopo máximo da história da arte. Cada geração tem direito de olhar e interpretar a história de uma maneira própria, dando um significado à história que não tem significação em si mesma.

Pretendemos que após a apreciação e leitura crítica da obra, o estudante possa elucidar dúvidas e se posicionar de maneira consciente em relação ao seu papel como ser social e ativo fora do ambiente escolar, como produtores e consumidores de arte, adquirir o hábito de questionar o acesso a bens e valores culturais e artísticos e seu lugar a nível social; relacionando, também, as manifestações artísticas em espaços não convencionais e o caráter transgressor da arte aprofundando-se no grafite, pintura, desenho, como expressão poética e política.

Não limitando apenas à teoria, após discussão mediada sobre o tema e a leitura de imagem, a terceira etapa da aula será voltada para o fazer prático artístico utilizando uma técnicas específica da linguagem visual urbana, O a primeira etapa da produção, que é a produção das mandalas inicial será realizada em sala sob a orientação dos professores visando absorção técnica e poética dos conhecimentos previamente adquiridos em aula sobre essa manifestação contemporânea e afro brasileira.

Que possibilidades o nosso sistema educacional oferece ao adolescente de exercer uma consciência interrogante? Aos sete anos de idade a criança já está formada no padrão lógico social de sistematização do pensamento, na adolescência as exigências e cobranças sociais exteriores do “vencer na vida” perpetuam sua realidade, seria esse momento então crucial para que a escola desenvolva a oportunidade de desenvolvimento e significação da existência como experiência particular e intransferível. Confrontar-se enquanto individualidade e construir de forma significativa a reflexão. (BARBOSA, 2001)

Os objetivo dessa proposta pedagógica é a aprendizagem significativa do conteúdo a partir da contextualização, tendo fundamentação na história da arte, a produção, que é o fazer artístico e a fruição que está relacionada ao apreciar, refletir e

analisar criticamente a obra de arte. Não se estabelece maior valorização para cada etapas, pois estão todas correlacionadas e voltadas para desenvolver o processo de ensino aprendizagem em arte e o desenvolvimento criativo e humano do aluno, sendo os processos tão importantes quanto o produto final, de acordo com Barbosa (2001).

O uso da imagem está inteiramente ligado a todo o processo, tendo em vista que em uma concepção tradicional-tecnicista a imagem no ensino de arte era vista como um meio para estimular a cópia e contribuir para o enfraquecimento da autenticidade e criação individual do aluno. Hoje podemos observar uma maior busca pelo contrário, que o incentivo à contextualização e a análise crítica propicia ao aluno uma nova visão criadora na qual ele e o professor são protagonistas do processo flexível de aprendizagem em arte, sem nenhuma imposição. Requer a liberdade de obter conhecimento crítico-reflexivo no processo de ensino, ajustando-se ao contexto em que se encontra, Segundo Novaes (2005), a Abordagem Triangular aponta que é importante pensar, questiona o que é a imagem, o uso da imagem, a imagem do cotidiano da história da arte e da cultura na sala de aula. É necessário fazer uma leitura crítica formal e subjetiva da produção da imagem das coisas e de nós mesmos. Não depende só do sujeito a maneira como se vê uma imagem. É necessário também interpretar a mesma e o contexto na qual ela foi criada. A imagem visível aguarda uma leitura invisível que é revelada a cada deslocamento que ela faz. O eixo contextualização abrange os aspectos que envolvem a produção artística como manifestação simbólica, histórica e cultural; nesse eixo, observa-se o que se transforma e como se revelam as representações que os grupos fazem de si e dos outros. Ele abrange, também, a análise das relações de poder que criam certas representações, diferenciando e classificando hierarquicamente pessoas, gêneros, minorias (PEREIRA, 2013, p. 22).

A contextualização da obra permite entender em que condições a mesma foi produzida, bem como as relações de poder que estão implícitas nessa produção.

Para Dewey e Freire (2010), uma boa leitura de mundo artístico ocorre a partir do contexto em que se vive. Porém isso não significa focar só no ensino cotidiano do aluno, mas contribuir para que eles consigam fazer uma leitura crítica e contextualizar a imagem multicultural, podendo identificar e não apenas apreciar, mas também comentar a beleza das imagens em uma sociedade em desenvolvimento sociocultural cumprindo o papel político de transformação social partindo do pressuposto das imagens artística Dewey e Freire, Com foco principal estabelecido na dimensão do criar, do fazer artístico por parte do aluno, ou seja, dentro das suas ideias e análises e após contextualização e reflexão ele vai desenvolver uma criação artística própria com base nessas construções e significações desenvolvidas pelo mesmo, juntamente à toda apreciação. Essa dimensão envolve o fazer artístico do aluno dentro de uma intencionalidade que foi gerada dentro de uma prática investigativa e nessa fase o aluno já tem condições de produzir. Todas as etapas que ele já percorreu permitem que ele se lance na produção artística, de modo qualificado, crítico e sensível.

Sobre o eixo da produção, Pereira (2013, p. 22), esclarece: No eixo de produção, estão envolvidos aspectos da criação artística. Nele, o sujeito torna-se autor e precisa mobilizar conhecimentos sobre as linguagens para transformar em invenções artísticas. Aqui estão envolvidos elementos de natureza formal e simbólica. O sujeito mobiliza conhecimentos tanto conceituais quanto procedimentais, inventando tecnologias, adaptando materiais, articulando ideias.

Isso favorece para que o aluno crie um olhar crítico/sensível e significativo diante do mundo propiciando situações onde ele pode entender de forma individual e coletiva todo esse processo de construção do fenômeno artístico. Ainda na fase da produção, estão envolvidos aspectos da criação artística. Nele, o sujeito torna-se autor e precisa mobilizar conhecimentos sobre as linguagens para transformar em invenções artísticas. Aqui estão envolvidos elementos de natureza formal e simbólica. O sujeito mobiliza conhecimentos tanto

conceituais quanto procedimentais, inventando tecnologias, adaptando materiais, articulando ideias.

Por último e não menos importantes as dimensões que dizem respeito a fruição e reflexão estão relacionadas ao deleite, a apreciação ao entusiasmo da observação desse fazer artístico além de envolver a construção de argumentos e ideias sobre determinado assunto uma vez que já foram apresentadas informações suficientes para que essa fase ocorra. Nesse eixo são mobilizadas competências de leitura que requerem do sujeito o domínio dos códigos estruturantes e suas relações formais. Na reflexão também estão entrelaçados os aspectos simbólicos da produção artística e como a pessoa que dialoga com o assunto e atribui a ele determinados significados. Aqui se operam uma série de relações provocadas pela interação entre sujeito e objeto. Isso proporciona ao aluno e ao professor desenvolver um olhar mais crítico e participativo diante do mundo onde ele possa interagir de forma mais significativa com as produções culturais humanas onde ele se sinta cada vez mais motivado e esse despertar do fazer artístico possa ser algo vivo e intrínseco a vida deles

A história da arte ajuda a entender algo do lugar e tempo nos quais as obras de arte são situadas. Nenhuma forma de arte existe no vácuo; parte do significado de qualquer obra depende do entendimento de seu contexto (BARBOSA, 1991, p. 37) Se a arte não é tratada como forma de conhecimento mas como um “grito da alma” não estamos fazendo nem educação cognitiva nem educação emocional. (p. 43) Edmund Feldman: a capacidade crítica se desenvolve através do ato de ver, associado a princípios estéticos, éticos e históricos, ao longo de quatro processos, distinguíveis mas interligados: prestar atenção ao que vê - descrição; observar o comportamento do que se vê - análise; dar significado à obra de arte - interpretação; decidir acerca do valor de um objeto de arte - julgamento. Demonstra o quanto se pode entender o mundo, entendendo uma obra de arte do ponto de vista da relação entre os elementos visuais como linha, forma, claro-escuro, cor, unidade, repetição, equilíbrio, proporção, e do ponto de vista das características de construção com predominâncias diversas como agudeza, ordenação, emoção, fantasia, e também tendo em vista comportamentos apreciativos como empatia, distanciamento ou fusão com a obra de arte. (p.43-44)

## CONCLUSÃO

Explorando estratégias e procedimentos tanto nos aspectos práticos quanto teóricos e reflexivos dessa metodologia de ensino. Explorando as vertentes da arte urbana como linguagem autônoma e expressiva inerente aos novos movimentos artísticos e suas valorizações nos parâmetros artísticos culturais construídos socialmente.

## Apêndice C

Walter Kalebe Mazzine de Souza

### **Projeto de Ensino em Artes Visuais - 2024/2 Arte Contemporânea**

Projeto de Curso para o Ensino de Artes Visuais apresentado como parte dos requisitos para a aprovação no curso de Artes Visuais – Licenciatura – da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Orientação: Prof. Dr. Paulo Duarte Paes

Campo Grande - MS

2024

## 1. APRESENTAÇÃO

Este projeto de curso está relacionado ao tema de pesquisa desenvolvido no Trabalho de Conclusão de Curso em Artes Visuais - Licenciatura intitulado *Arte: Possibilidades Humanizadoras*. A partir da pesquisa, essa sequência didática tem por objetivo ampliar a consciência individual e coletiva, transcendente ao fazer artístico tradicional e à arte enquanto construção intelectual. Com base nos processos de criação artística, na pesquisa bibliográfica e na experiência prática desenvolvida durante o estágio obrigatório em Artes Visuais - Licenciatura no ensino médio 2023-2.

Neste projeto de curso, por meio de uma abordagem que integra teoria e prática, buscamos proporcionar uma experiência transformadora aos estudantes, que ultrapasse a mera técnica e conduza a uma vivência sensível e possibilidades de autoconhecimento e humanização que pode gerar emancipação.

Considerando a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) e o pelo Plano Estadual de Educação de Mato Grosso do Sul (2014), o projeto integra a visão de Paulo Freire sobre a educação libertadora e a abordagem de Fayga Ostrower sobre a arte como ferramenta essencial para a expansão do ser humano.

A BNCC (2017), reforça a importância da arte como área que possibilita ao estudante "expressar-se, posicionar-se e interagir em diferentes práticas sociais" (BRASIL, 2017, p. 480). O ensino da arte, nesse sentido, deve ir além do fazer artístico, promovendo o desenvolvimento do pensamento crítico e a capacidade de reflexão. Este projeto propõe atividades que incentivam o aluno a experimentar e criar, ao mesmo tempo em que articula vivências pessoais com temas da arte contemporânea, oferecendo uma experiência educativa que respeita a singularidade de cada indivíduo e fomenta o engajamento com questões de identidade, ancestralidade e transformação social. dessa maneira, poderemos que:

A arte, em todas as suas linguagens, constitui importante campo de conhecimento e prática cultural, que possibilita a criação e a expressão, o posicionamento e a interação em diferentes práticas sociais (Brasil, p. 480).

Essa citação reforça o papel da arte na formação do aluno como um ser social e crítico, com a capacidade de interagir e se posicionar no mundo, justificando a abordagem reflexiva e crítica. e ainda se tratando de integração entre aprendizagem e vida;

O ensino e a aprendizagem em Arte possibilitam aos estudantes uma vivência que articula conhecimento e percepção, além de propiciar aprendizagens significativas para a construção de sentidos e significados para a vida (Brasil, p. 480).

Isso alinha-se diretamente ao projeto, que visa não apenas o aprendizado técnico, mas a construção de significados profundos que contribuam para o autoconhecimento e uma vida mais plena e humanizada.

A proposta está alinhada aos objetivos do Plano Estadual de Educação de Mato Grosso do Sul (ano), que preconiza a formação integral e crítica do estudante, visando à inclusão, à cidadania e ao desenvolvimento da autonomia e criatividade dos jovens. No contexto do ensino de artes visuais, buscamos, através deste projeto, contribuir para a formação de sujeitos conscientes de seu papel social e cultural, favorecendo a criação de uma identidade crítica e a compreensão das relações entre a cultura e a história pessoal.

As práticas artísticas tornam-se espaço privilegiado para a humanização e para o desenvolvimento de uma consciência expandida. Fayga Ostrower, em sua obra, ressalta que "o potencial criador elabora-se nos múltiplos níveis do ser sensível-cultural-consciente" (Ostrower, 2014, p. 23), oferecendo uma ampliação das percepções sobre si e sobre o mundo ao redor. Ao incentivar os alunos a observar, refletir e se expressar artisticamente, visamos a favorecer não só uma habilidade técnica, mas um percurso de autoconhecimento e valorização da individualidade e diversidade cultural, temas centrais da contemporaneidade.

O desenvolvimento da sequência didática, neste projeto de Curso, se baseia numa abordagem pedagógica em que o processo de ensino e aprendizagem se dá de maneira colaborativa e participativa, alinhada aos princípios da educação libertadora de Paulo Freire, que considera o aluno como protagonista e sujeito ativo de sua aprendizagem. Por meio da mediação, do debate crítico e da experimentação, pretendemos que cada aluno possa construir significados, explorando suas capacidades artísticas e intelectuais. Para Freire, "o mundo não é, ele está sendo" (Freire, 2005, p. 78), e o ato de educar implica estimular o aluno a uma constante recriação de si e do mundo.

Assim, os critérios de avaliação foram pensados para respeitar a diversidade e o processo de cada estudante, valorizando tanto o percurso individual quanto a expressão coletiva. O Caderno de Ideias, por exemplo, será um dos instrumentos de avaliação, funcionando como um registro pessoal onde o aluno poderá documentar suas percepções e reflexões sobre cada tema abordado, incluindo anotações, desenhos, colagens e referências visuais. Esse caderno não só possibilita o acompanhamento contínuo da evolução do aluno como reflete sua vivência com o projeto, ajudando-o a identificar a relação entre arte e autoconhecimento.

Outros instrumentos avaliativos incluem a observação direta das participações nas atividades e discussões, onde se verifica o nível de engajamento e a capacidade de análise crítica dos temas, e a autoavaliação, que incentiva o aluno a refletir sobre seu processo de aprendizado. Nesse sentido, a avaliação é pensada como um meio de compreender e valorizar a evolução individual e o

desenvolvimento de uma consciência expandida, indo ao encontro do objetivo principal deste projeto: proporcionar ao aluno uma vivência artística que lhe permita, como defende Ostrower, “ampliar a experiência e o olhar profundo da experiência da vida humana de forma holística” (Ostrower, 2014, p. 35).

A proposta pedagógica aqui apresentada visa transformar o ensino da arte em um campo para a formação integral do sujeito. Através da interação com a arte e da construção de uma experiência sensível e autêntica, o aluno poderá desenvolver uma visão crítica e humanizada da realidade. A metodologia proposta busca atender os preceitos da BNCC e do Plano Estadual de Educação, valorizando a arte como um caminho para a emancipação cultural e para a saúde emocional, promovendo uma educação transformadora e humanizadora, como preconiza Paulo Freire, para quem “não há saber mais, nem saber menos: há saberes diferentes” (FREIRE, 2005, p. 79).

## 2. OBJETIVOS GERAL

Conhecer a diversidade da arte contemporânea, explorando diferentes manifestações artísticas contemporâneas que dialogam com questões de identidade, ancestralidade e resistência. Através do contato com artistas de diversas origens culturais, espera-se que os alunos desenvolvam uma compreensão mais profunda e crítica da arte como expressão e ferramenta de transformação social, ampliando suas visões de mundo e promovendo o respeito às diversidades.

Objetivo específico: Conhecer, explorar, experimentar, dialogar.

## 3. CONTEÚDO/TEMA GERAL

Arte Contemporânea : Denilson Baniwa, Rosana Paulino, Yayoi Kusama, El Seed, Shirin Neshat, Roi Rogeres, Danillo Kalon.

## 4. IDENTIFICAÇÃO DO ANO ESCOLAR

2º ano do Ensino Médio

## 5. SEQUÊNCIA DIDÁTICA

### AULA 1

Debate e Reflexão Crítica sobre Ancestralidade, Identidade e Arte Contemporânea

Objetivos Específicos:

Mapear as diferentes heranças culturais presentes na turma, considerando

descendências afrodescendentes, indígenas, orientais (japoneses, chineses), árabes, judeus e ciganos.

Analisar o papel da arte contemporânea na construção e expressão de identidades culturais.

Refletir sobre a conexão entre arte, ancestralidade e autoconhecimento a partir de exemplos de artistas contemporâneos.

Conteúdo Específico:

Conceitos de ancestralidade e identidade cultural. Relação entre arte contemporânea das Obras de Ana Mae Barbosa (2021) e a expressão de diferentes culturas (afrodescendentes, indígenas, orientais, árabes, judeus, ciganos).

Análise de obras de artistas contemporâneos que dialogam com questões de identidade e resistência cultural, na obra de Ana Mae Barbosa de (2008) abre uma perspectiva multicultural da Arte, artistas: (Denilson Baniwa, Yayoi Kusama, El Seed, entre outros).

Procedimentos Metodológicos:

Abertura:

Ao entrar na sala, iniciar uma breve apresentação do tema da aula: "Arte Contemporânea, Identidade e Ancestralidade". Perguntar aos alunos o que entendem por "ancestralidade" e "identidade cultural". Quais são suas próprias heranças culturais? Incentivar uma breve troca de ideias para mapear a diversidade da turma.

Exposição inicial :

Utilizando slides e imagens de obras de artistas contemporâneos (Denilson Baniwa, Yayoi Kusama, El Seed, entre outros), explicar como esses artistas utilizam suas criações para abordar questões de ancestralidade e identidade. Explicar o conceito de arte contemporânea e sua flexibilidade em integrar questões sociais, culturais e políticas. Segundo Ana Mae Barbosa (1991). Destacar a ideia de resistência cultural segundo Lélia Gonzalez (2020) examina a resistência cultural em termos da valorização e preservação das tradições afro-brasileiras, opondo-se à marginalização e ao racismo. Ela destaca como a resistência cultural se expressa através da língua, da religião e da arte, através da arte e como ela pode desafiar estereótipos e promover a inclusão de diferentes vozes.

Debate em sala :

discutam as seguintes questões:

Como a arte pode ajudar na valorização de suas próprias culturas e histórias familiares?

Quais desafios os artistas contemporâneos enfrentam ao expressar questões de

identidade e ancestralidade nas suas obras?

Como a diversidade cultural pode ser um recurso para a criação artística?

Reflexão Crítica Coletiva :

Após o debate em grupos, conduzir uma reflexão coletiva, conectando as respostas dos alunos com as ideias discutidas no início da aula.

Perguntar aos alunos: “Como vocês podem aplicar essa reflexão sobre arte e identidade em suas próprias vidas?” e “Se vocês fossem criar uma obra de arte hoje, o que gostariam de expressar sobre suas origens?”

leitura coletivo do texto autoral sobre: Arte Contemporânea, Identidade Étnica e Multiculturalidade: Reflexões a Partir de Ana Mae Barbosa

A arte contemporânea tem se destacado como um campo de práticas que não apenas questiona normas estéticas, mas também promove diálogos profundos sobre identidade étnica e multiculturalidade. No contexto educacional, esses diálogos são essenciais para formar um olhar crítico e sensível às diferenças culturais. Ana Mae Barbosa, em sua obra *A Imagem no Ensino da Arte* (2021), destaca a importância da arte como mediadora de reflexões sobre a diversidade e como um instrumento para a construção de identidades.

Barbosa argumenta que a arte-educação deve ser um espaço de inclusão, em que múltiplas narrativas culturais sejam representadas, especialmente aquelas historicamente marginalizadas, como as culturas afro-brasileira e indígena. Segundo a autora, "a arte contemporânea nos desafia a abandonar visões eurocêntricas e a considerar as produções artísticas como representações dinâmicas de culturas diversas, que dialogam com suas ancestralidades e contextos sociopolíticos". Nesse sentido, a arte contemporânea não apenas registra, mas também ativa identidades étnicas, funcionando como um espaço de resistência e afirmação cultural.

Ao incorporar artistas contemporâneos que tratam de questões como identidade racial e memória ancestral no ensino da arte, Barbosa propõe que educadores desenvolvam práticas pedagógicas que incentivem o pensamento crítico. Para ela, o diálogo entre arte e multiculturalidade pode ser aprofundado por meio da análise de obras que abordem a diáspora africana, a luta dos povos indígenas e as intersecções culturais presentes no Brasil. Assim, o aluno é levado a refletir sobre sua própria identidade e sobre o impacto das diferenças culturais na sociedade.

Esse enfoque multicultural, de acordo com Barbosa, é uma ferramenta poderosa para combater preconceitos e desconstruir estereótipos. A arte-educação, quando ancorada na diversidade cultural, permite que estudantes compreendam que a identidade não é fixa, mas um processo contínuo de

transformação, influenciado por múltiplos fatores históricos, sociais e culturais.

Dessa forma, ao valorizar a arte contemporânea como um meio de explorar identidades étnicas e multiculturalidade, Barbosa reitera que o ensino da arte pode promover uma visão mais humanizada e inclusiva da sociedade. Este processo é fundamental para formar cidadãos conscientes, capazes de reconhecer e respeitar as diferentes narrativas que compõem o tecido cultural brasileiro.

#### **Referência:**

BARBOSA, Ana Mae. *A Imagem no Ensino da Arte*. 17ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2021.

Concluir destacando a importância da arte como meio de autoconhecimento e de transformação social.

Recursos: Projetor e slides com imagens de obras de arte contemporâneas que serão exploradas no decorrer didático das aulas seguintes. Texto breve sobre arte contemporânea. Quadro branco e marcadores para anotar as principais ideias discutidas durante a aula.

Avaliação:

A avaliação será baseada na participação dos alunos no debate em grupo e nas reflexões coletivas. Será observado o nível de envolvimento nas discussões e a capacidade de conectar os temas discutidos com suas próprias experiências culturais.

## **AULA 2**

Criação de um Caderno de Ideias sobre Ancestralidade, Identidade e Arte Contemporânea

Objetivos Específicos:

Desenvolver um processo criativo contínuo e pessoal através da criação de um “Caderno de Ideias”.

Mapear referências visuais, textuais e simbólicas que expressem a ancestralidade e identidade de cada aluno.

Promover a experimentação artística e o autoconhecimento por meio de palavras, frases, imagens e colagens.

Estimular a reflexão crítica e sensível sobre temas abordados ao longo do semestre, criando uma base para a avaliação final.

Conteúdo Específico:

Introdução ao conceito de "Caderno de Ideias" como ferramenta criativa e reflexiva.

Exploração de referências culturais (afrodescendentes, indígenas, orientais, árabes, judeus, ciganos) por meio de colagens, desenhos e anotações.

Procedimentos Metodológicos:

Abertura :

Ao entrar na sala, apresente aos alunos o conceito de "Caderno de Ideias". Explique que este será um espaço pessoal e criativo onde, ao longo do semestre, eles poderão registrar suas reflexões sobre ancestralidade, identidade e arte.

Perguntar: "Como vocês expressariam sua identidade cultural se tivessem que usar imagens, palavras ou desenhos?" Incentive respostas breves e abertas, estimulando o pensamento visual.

Apresentação e Orientação:

Mostrar exemplos de cadernos criativos ou diários visuais que artistas contemporâneos utilizam para registrar suas ideias, processos e inspirações, incluindo os seus próprios. Explicar que, assim como na arte contemporânea, a ideia é que o caderno se torne um espaço de liberdade e expressão pessoal.

Fornecer orientações sobre o que pode ser incluído no Caderno de Ideias:

Frases e palavras: Pequenas reflexões, citações de artistas ou frases que representem sua ancestralidade e identidade.

Desenhos e esboços: Experimentações gráficas, representando símbolos culturais, emoções ou conceitos abordados em sala de aula.

Imagens e colagens: Recortes de revistas, fotos e outros materiais visuais que tragam elementos culturais, históricos ou estéticos.

O caderno será utilizado durante todo o semestre, e ao final, será uma ferramenta de avaliação para verificar como os alunos conectaram os conteúdos discutidos.

Atividade Criativa Inicial :

Distribuir materiais (folhas, revistas, tesouras, cola, lápis de cor) para que os alunos comecem a montar suas primeiras páginas do Caderno de Ideias.

Propor que a primeira atividade seja uma colagem que represente suas heranças culturais. Dê tempo para que os alunos escolham imagens e criem uma composição visual que responda à pergunta: "De onde você vem? Quais elementos da sua história você gostaria de destacar?"

Incentivar os alunos a escreverem uma frase ou palavra-chave que descreva essa página.

Reflexão e Compartilhamento :

Ao final da atividade, peça aos alunos que compartilhem, se desejarem, o que criaram até agora. O objetivo é que eles comecem a se sentir à vontade para expressar suas identidades de maneira visual e textual.

Perguntar: “Como foi representar sua ancestralidade de forma visual? O que você descobriu ao montar essa primeira página?”

Ressaltar que o Caderno de Ideias será um processo contínuo e poderá evoluir à medida que novos conteúdos forem discutidos em sala.

Recursos:

Materiais artísticos: revistas, tesouras, cola, lápis de cor, canetas coloridas, papel colorido.

Exemplo de um “Caderno de Ideias” ou imagens de diários visuais de artistas contemporâneos.

Projeter (para exibir exemplos de cadernos ou referências visuais).

Avaliação:

O Caderno de Ideias funcionará como uma avaliação processual, sendo alimentado ao longo do semestre com diferentes atividades artísticas e reflexivas. No final do semestre, será avaliado pela profundidade das conexões entre os temas discutidos (ancestralidade, identidade, arte contemporânea) e as expressões visuais e textuais dos alunos. Durante as aulas, será feita uma verificação contínua do progresso, com momentos de compartilhamento e reflexão coletiva.

## AULA 3

### Identidade Indígena, Resistência e Descolonização: O Trabalho de Denilson Baniwa

Objetivos Específicos:

Analisar as obras de Denilson Baniwa, focando nas questões de identidade indígena, resistência e descolonização.

Descrever como o artista utiliza elementos tradicionais e contemporâneos em suas criações.

Desenvolver uma reflexão crítica sobre a descolonização do olhar em relação às culturas indígenas através da arte contemporânea.

Estimular a criação de propostas visuais que abordem temas de resistência cultural e identidade.

Conteúdo Específico:

Introdução à obra de Denilson Baniwa: identidade indígena e resistência cultural.

O conceito de descolonização do olhar na arte contemporânea.

A fusão entre a arte tradicional indígena e elementos contemporâneos nas obras de Baniwa.

Procedimentos Metodológicos:

Abertura:

Iniciar a aula introduzindo brevemente Denilson Baniwa, um artista indígena brasileiro, e sua importância no cenário da arte contemporânea.

Perguntar aos alunos o que sabem sobre a presença e a representação dos povos indígenas na arte brasileira e na cultura popular. Explorar brevemente as percepções e estereótipos que podem surgir.

Baniwa questiona essas representações e propõe uma arte de resistência e descolonização, buscando trazer à tona a complexidade da identidade indígena hoje.

Exposição inicial:

Apresentar algumas obras de Denilson Baniwa (usando slides), como sua famosa intervenção sobre a figura da Barbie indígena, suas colagens digitais e instalações que unem o mundo indígena tradicional com questões contemporâneas de política e identidade.

Destacar como o artista usa a tecnologia, a arte digital, a apropriação de símbolos da cultura pop e da história da arte ocidental para criticar a colonização e promover a descolonização do olhar sobre as culturas indígenas.

Explicar o conceito de descolonização no contexto da arte e da cultura visual, e como Baniwa ressignifica imagens e símbolos para questionar o passado e o presente da colonização.

Debate e Reflexão Crítica:

Organizar um debate com os alunos sobre as questões levantadas pelas obras de Denilson Baniwa. Divida-os em grupos e proponha perguntas como:

Como Baniwa transforma símbolos da cultura pop (como a Barbie) para discutir identidade indígena?

Imagem: Cerâmica “Barbie”, 2022, acrílica sobre cerâmica, 18.5 x 10 x 10 cm, BRASIL.



Fonte: <https://www.agentilcarioca.com.br/artists/111-denilson-baniwa/works/10735-denilson-baniwa-barbie-2023/>

Imagem: Natureza Morta – infogravura, 2017, BRASIL.



Fonte: <https://masp.org.br/acervo/obra/natureza-morta-1-1>

Qual o impacto de misturar elementos tradicionais e contemporâneos na arte indígena?

Como a arte pode contribuir para a resistência cultural e a descolonização?

Após as discussões em grupo, pedir que compartilhem suas reflexões com a turma.

Atividade Criativa :

Propor aos alunos que iniciem uma produção visual inspirada nas ideias e abordagens de Denilson Baniwa. Eles podem escolher uma figura da cultura pop ou da história da arte e reimaginá-la sob uma perspectiva descolonizadora, refletindo sobre a identidade cultural ou a resistência de seus próprios grupos culturais.

Oferecer materiais para colagem, papel, canetas coloridas.

Incentivar os alunos a pensarem em como podem, assim como Baniwa, mesclar o tradicional e o contemporâneo em suas criações.

Reflexão Final e Encerramento :

Concluir a aula com uma breve reflexão sobre o que foi discutido e produzido.

Perguntar aos alunos: “Como a obra de Denilson Baniwa fez você pensar sobre a relação entre arte, identidade e descolonização?”

Encorajar os alunos a continuar refletindo sobre como a arte pode desafiar narrativas dominantes e contribuir para a valorização de identidades marginalizadas.

Recursos:

Projektor e slides com imagens das obras de Denilson Baniwa.

Materiais para a atividade criativa: revistas, tesouras, cola, lápis de cor, canetas.

Cadernos de Ideias para que os alunos registrem suas reflexões e esboços.

Avaliação:

Avaliação formativa com base na participação dos alunos no debate e na atividade criativa. Será observada a capacidade de reflexão crítica sobre os temas de identidade indígena, resistência e descolonização, assim como a criatividade na produção visual.

O registro no Caderno de Ideias também será considerado como parte do processo avaliativo, estimulando uma reflexão contínua ao longo do semestre.

## AULA 4

### Rosana Paulino: Arte, Ancestralidade e Resistência Feminina Afro-brasileira

Objetivos Específicos:

Analisar as obras de Rosana Paulino, com foco em questões de identidade afro-brasileira, ancestralidade e resistência feminina.

Descrever como a artista utiliza técnicas diversas (desenho, gravura, bordado) para

representar corpos negros e suas histórias de opressão e resistência.

Desenvolver uma reflexão crítica sobre o apagamento histórico e a luta por visibilidade das mulheres negras na arte.

Estimular a criação de propostas visuais que explorem questões de identidade, gênero e ancestralidade.

Conteúdo Específico:

Introdução à obra de Rosana Paulino: identidade negra e resistência feminina afro-brasileira.

Discussão sobre a representação do corpo negro na história da arte e na arte contemporânea.

Técnicas artísticas usadas por Paulino: bordado, colagem, gravura e escultura.

Procedimentos Metodológicos:

Abertura :

Iniciar a aula apresentando Rosana Paulino como uma das principais artistas contemporâneas brasileiras que explora as temáticas de ancestralidade, gênero e identidade negra.

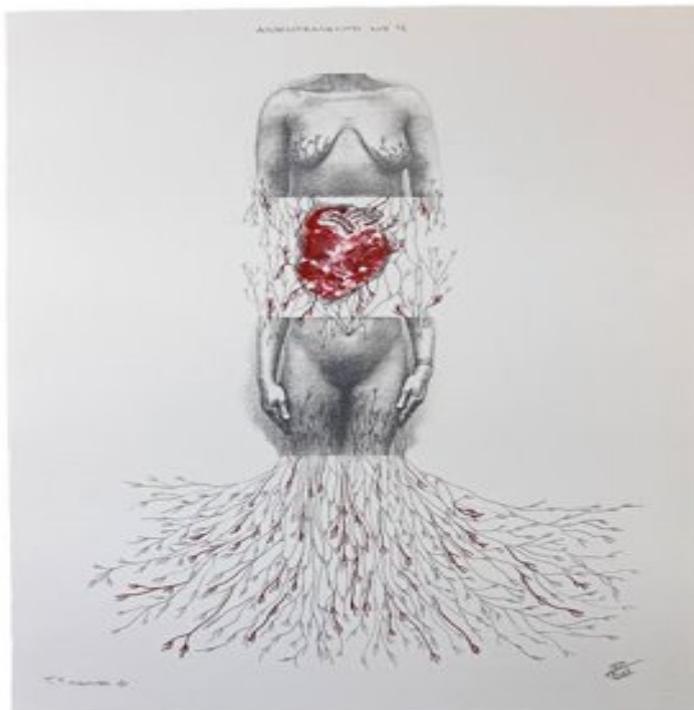
Perguntar: "Como o corpo feminino negro é historicamente representado na arte? Quais estereótipos e desafios estão presentes?"

Estimular os alunos a refletirem sobre a invisibilidade das mulheres negras na arte tradicional e o impacto dessa ausência nas representações culturais.

Exposição Inicial:

Apresentar slides com obras de Rosana Paulino, como "A Costura da Memória" e "Assentamento", destacando as técnicas usadas e o simbolismo por trás das peças.

Imagem: **Assentamento, 2012**, Litografia a cores sobre papel 63,5×48,5 cm ,coleção particular. SP- BRAZIL.



Fonte: <https://nutricaovisual.art.br/historia/artistas-em-pesquisa/rosana-paulino/>

Imagem: *Sem Título*, obra de 1997 integrante da exposição *Costura da Memória*, realizada na Pinacoteca de São Paulo de dezembro de 2018 a março de 2019 – Imagem: Reprodução/Museu de Arte Moderna (MAM)



Fonte: <https://jornal.usp.br/diversidade/subvertendo-imagens-racistas-a-costura-da-memoria-d-e-rosana-paulino/>

Explicar como Paulino utiliza técnicas manuais como o bordado e a colagem para restaurar as memórias de mulheres negras e denunciar violências históricas. Discutir como seu

trabalho reflete temas como escravidão, silenciamento e resistência.

Introduzir o conceito de "corpo político" na arte, mostrando como Paulino reconfigura o corpo feminino negro como símbolo de resistência e resiliência.

Debate e Reflexão Crítica:

Organizar um debate com a turma para discutir as obras de Paulino. Divida os alunos em grupos e proponha perguntas como:

Como Rosana Paulino ressignifica o corpo negro feminino em suas obras?

Quais técnicas ela utiliza para transmitir a ideia de cura e resistência?

Como suas obras questionam o apagamento histórico e a exclusão das mulheres negras na arte?

Depois do debate em grupo, os alunos compartilham suas conclusões com a turma.

Atividade Criativa :

Propor uma atividade em que os alunos criem uma obra inspirada nas técnicas de Rosana Paulino. Eles podem usar papel, tecido e linhas para desenvolver uma peça que represente um aspecto de suas próprias ancestralidades ou lutas pessoais.

Sugira o uso da linha, costura ou colagem para explorar temas de resistência, identidade ou cura emocional.

Oferecer aos alunos a possibilidade de escrever uma breve explicação sobre suas criações, relacionando-as com a obra de Paulino e as discussões da aula.

Reflexão Final e Encerramento :

Encerrar a aula com uma roda de compartilhamento, onde os alunos poderão mostrar suas criações e comentar sobre os processos que vivenciaram.

Perguntar: “De que forma a obra de Rosana Paulino fez você pensar sobre a representação de corpos marginalizados na arte? O que suas próprias criações refletem sobre identidade e resistência?”

Encorajar os alunos a continuarem refletindo sobre o papel da arte na recuperação de memórias e na construção de novas narrativas.

Recursos:

Projektor e slides com imagens das obras de Rosana Paulino.

Materiais para a atividade criativa: tecidos, linhas de bordado, papéis, colas, tesouras, revistas para colagem.

Cadernos de Ideias para que os alunos possam registrar suas reflexões e desenhos ao longo da aula.

Avaliação:

Avaliação baseada na participação dos alunos durante o debate e no desenvolvimento de suas criações. A capacidade de refletir criticamente sobre os temas discutidos (identidade, resistência, ancestralidade) será observada. O registro no Caderno de Ideias será acompanhado e considerado como parte do processo avaliativo contínuo ao longo do semestre.

## AULA 5

### Yayoi Kusama: Repetição, Infinitude e Expansão da Consciência

#### Objetivos Específicos:

Analisar as obras de Yayoi Kusama, focando nos temas de repetição, infinitude e sua ligação com questões de identidade e expansão da consciência.

Descrever como a artista utiliza padrões e símbolos para explorar sua própria percepção e a interação entre indivíduo e cosmos.

Refletir criticamente sobre como a arte pode ser um meio para a expansão da consciência e a compreensão da identidade através da repetição e da imersão.

Estimular a criação de obras visuais que dialoguem com a ideia de infinitude e repetição.

#### Conteúdo Específico:

Introdução à vida e obra de Yayoi Kusama: repetição, infinitude e expansão da consciência. O uso de bolinhas (polka dots) e padrões repetitivos.

Discussão sobre a relação entre arte, identidade e o inconsciente coletivo.

#### Procedimentos Metodológicos:

##### Abertura :

Iniciar a aula apresentando brevemente a artista japonesa Yayoi Kusama, conhecida mundialmente por suas instalações imersivas que exploram a repetição e a sensação de infinitude.

Perguntar aos alunos: "Como a repetição de formas ou símbolos pode criar uma sensação de imersão ou infinitude? Já tiveram essa sensação em algum ambiente artístico ou natural?"

Introduzir a ideia de que Kusama utiliza a repetição como um modo de expressar sua própria experiência interna, muitas vezes ligada a estados de ansiedade e à expansão da percepção.

##### Exposição Inicial :

Apresentar imagens de algumas obras icônicas de Kusama, como suas "Infinity Rooms" e esculturas cobertas por polka dots. Explicar como a repetição de formas simples pode criar uma sensação de imersão que faz o espectador sentir-se parte de algo maior, infinito.

Imagem: Infinity Mirror Room, 1965. "Campo de falos". Trata-se de uma performance instalação com uma grande área repleta de formas fálicas decoradas com bolinhas brancas e vermelhas, rodeada de espelhos.



Fonte: <https://abra.com.br/artigos/yayoi-kusama-conheca-a-artista-mulher-mais-vendida-do-mundo/>

Imagem: Instalação esferas sobre espelho d'água, Narcissus garden Inhotim no Centro Cultural Inhotim, primeira vez apresentado em 1966.



Fonte: <https://www.inhotim.org.br/item-do-acervo/narcissus-garden-yayoi-kusama/>

Destacar o conceito de "infinidade" nas obras de Kusama e como isso pode ser entendido como uma expansão da consciência. Explorar como a artista combina arte e espiritualidade, questionando os limites da percepção e da identidade.

Discutir brevemente o impacto da saúde mental de Kusama em sua arte e como ela transforma sua experiência pessoal em algo universal.

Debate e Reflexão Crítica:

Organizar um debate com os alunos. Proponha perguntas como:

O que a repetição de formas e padrões nas obras de Kusama provoca em vocês enquanto observadores?

Como os padrões infinitos de Kusama podem ser interpretados em termos de identidade e a busca por autoconhecimento?

Vocês acham que a arte pode expandir a percepção do mundo ou da consciência? Como?

Após o debate, os alunos compartilham suas reflexões e opiniões com a turma, destacando suas interpretações da obra de Kusama.

Atividade Criativa:

Propor uma atividade inspirada nas técnicas de Yayoi Kusama, onde os alunos devem criar uma obra visual utilizando padrões repetitivos para representar algo que considerem infinito (pode ser uma emoção, uma ideia ou até mesmo um conceito abstrato como o tempo).

Oferecer papel, tinta e materiais para colagem. Incentivar os alunos a criar um padrão repetitivo (como círculos, linhas ou outras formas geométricas) que representem um tema

pessoal ou que remeta à ideia de expansão da consciência.

Encorajar a reflexão sobre como a repetição e a imersão na arte podem nos fazer questionar os limites da identidade e da realidade.

Reflexão Final e Encerramento:

Encerrar a aula com uma roda de compartilhamento, onde os alunos podem exibir suas criações e explicar o que escolheram representar com a repetição.

Perguntar: “Como o processo de repetição que vocês usaram em suas obras os fez pensar sobre infinitude e expansão da consciência?”

Incentivar os alunos a reflitam sobre como podem aplicar esses conceitos em outras áreas de suas vidas, como um meio de entender melhor suas próprias identidades e relações com o mundo ao seu redor.

Recursos:

Projeto e slides com imagens das obras de Yayoi Kusama.

Materiais para a atividade criativa: papéis, tintas, pincéis, canetas, lápis, revistas para colagem.

Cadernos de Ideias para que os alunos possam registrar suas reflexões e esboços ao longo da aula.

Avaliação:

Avaliação com base na participação dos alunos durante o debate e no desenvolvimento de suas produções visuais. Será observada a capacidade de conectar os temas de repetição, infinitude e expansão da consciência em suas criações.

O registro no Caderno de Ideias será considerado como parte do processo avaliativo contínuo, possibilitando a autoavaliação e a reflexão crítica ao longo do semestre.

## AULA 6

### El Seed: Caligrafia Árabe e Arte Urbana como Expressão Social

Objetivos Específicos:

Analisar as obras de El Seed, com ênfase no uso da caligrafia árabe para representar questões sociais e culturais.

Descrever como a arte de rua pode funcionar como uma ferramenta para criar diálogos entre diferentes culturas e abordar problemas sociais.

Refletir criticamente sobre a interseção entre arte, cultura árabe e os desafios sociais contemporâneos.

Desenvolver uma produção artística utilizando elementos gráficos e tipográficos,

inspirados pela caligrafia árabe, para abordar questões sociais locais.

Conteúdo Específico:

Introdução à obra de El Seed: caligrafia árabe e arte urbana como formas de resistência cultural e social. Discussão sobre a importância da caligrafia na cultura árabe e sua adaptação para a arte contemporânea. Análise de murais de El Seed que abordam temas como unidade, identidade e desigualdade social.

Procedimentos Metodológicos:

Abertura :

Iniciar a aula apresentando El Seed, artista árabe-tunísiano conhecido por seus murais que combinam caligrafia árabe e arte de rua para transmitir mensagens de unidade e mudança social.

Perguntar aos alunos: "Qual é o papel da arte de rua na criação de diálogo social? Como ela pode ser usada para conectar culturas diferentes?"

Introduzir a ideia de que El Seed utiliza a beleza estética da caligrafia árabe para criar mensagens de empoderamento e mudança social em contextos urbanos.

Exposição Inicial:

Apresentar slides com imagens dos murais de El Seed, destacando projetos importantes como o mural em Manshiyat Nasr, no Cairo, onde ele transformou um bairro marginalizado em uma obra de arte que só pode ser vista em sua totalidade a partir de um ponto elevado.

Imagem: Mural de El Seed no bairro de Manshiyet Naser, no Cairo, (Foto de 2016)



Fonte: <https://www.wantedinafrica.com/news/cairo-mural-covers-50-buildings.html>

Imagem: *Declaration* é um conjunto de esculturas em 3D,( Foto de 2016).



Fonte: [buro247.me/culture/arts](http://buro247.me/culture/arts)<sup>10</sup>

Explicar a importância da caligrafia árabe na cultura islâmica e como El Seed moderniza essa tradição para explorar temas contemporâneos como exclusão social, identidade e diálogos interculturais.

Abordar como sua arte atravessa fronteiras culturais e linguísticas, convidando o público a se engajar em questões universais através de um estilo artístico profundamente enraizado na herança árabe.

Debate e Reflexão Crítica :

Organizar um debate propor perguntas como:

Como a caligrafia árabe é usada por El Seed para comunicar mensagens sociais?

Quais questões sociais contemporâneas são abordadas nos murais de El Seed? Como

---

<sup>10</sup> Mural de eL Seed no bairro de Manshiyet Naser, no Cairo, abrange 50 edifícios, e a partir de mosteiro nas imediações revela as palavras de Santo Atanásio, o primeiro patriarca cristão copta de Alexandria (Foto de 2016)

*Declaration* é um conjunto de esculturas em 3D, inspiradas em versos do grande poeta sírio Nizar Qabbani, 2016, já reconhecido como “artista, pensador e cidadão do mundo”, eL Seed realizou a sua primeira exposição a solo no Médio Oriente, na galeria Tashkeel, no Dubai (Emirados Árabes Unidos).

sua arte urbana gera impacto na comunidade?

De que maneira a arte de rua pode transformar o espaço público em um lugar de diálogo e empoderamento?

Após o debate em grupo, os alunos compartilham suas conclusões com a turma.

Atividade Criativa:

Propor uma atividade em que os alunos criem uma obra inspirada na fusão entre tipografia e arte urbana. Eles podem usar letras, palavras ou frases significativas em caligrafia ou formas de grafismo que expressem uma questão social relevante para eles ou suas comunidades.

Sugira que os alunos escolham um problema social (como desigualdade, exclusão, ou diálogo entre culturas) e representem graficamente uma solução ou mensagem de esperança, tal como El Seed faz em seus murais. Estimule o uso de diferentes cores e formas para criar composições visuais que misturam grafismos e elementos caligráficos de forma criativa.

Reflexão Final e Encerramento:

Encerrar a aula com uma roda de compartilhamento, onde os alunos poderão exibir suas criações e explicar a questão social que escolheram abordar.

Perguntar: “Como a arte de rua pode funcionar como uma forma de resistência cultural? O que você gostaria de comunicar através de sua criação?”

Incentivar os alunos a refletirem sobre como a arte pode funcionar como uma linguagem universal que conecta diferentes culturas e gera debates sociais.

Recursos:

Projektor e slides com imagens dos murais de El Seed. Materiais para a atividade criativa: papéis grandes, pincéis, canetas, tintas, marcadores. Cadernos de Ideias para registro das reflexões e esboços ao longo da aula.

Avaliação:

Avaliação formativa com base na participação dos alunos durante o debate e no desenvolvimento de suas produções visuais. Será observada a capacidade de usar a tipografia como meio de expressão social. O registro no Caderno de Ideias será considerado como parte do processo avaliativo contínuo, incentivando a autoavaliação e a reflexão crítica.

## AULA 7

### Shirin Neshat: Identidade e Resistência Feminina no Oriente Médio

Objetivos Específicos:

Analisar a obra de Shirin Neshat e como ela aborda temas de identidade, cultura e

resistência feminina no contexto do Oriente Médio. Descrever como Neshat utiliza fotografia e videoinstalações para explorar a complexidade das relações de gênero e o impacto sociocultural sobre as mulheres. Refletir criticamente sobre o papel da arte na ampliação da compreensão sobre questões de direitos humanos e empoderamento feminino. Estimular a criação de produções visuais que dialoguem com a temática de identidade e resistência.

Conteúdo Específico:

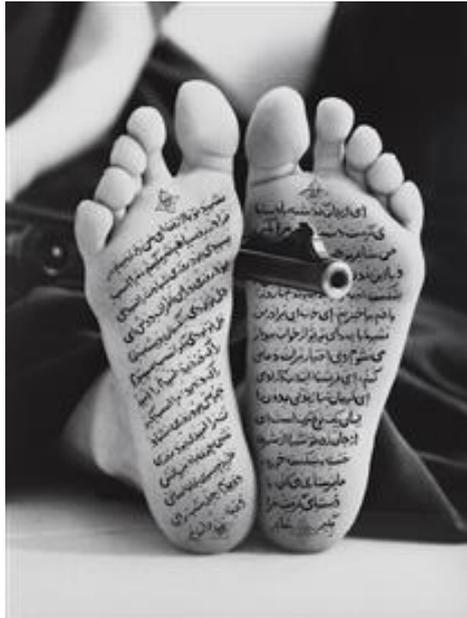
Introdução à obra de Shirin Neshat: a fusão entre arte, identidade e resistência feminina. Análise das séries de fotografia e vídeo de Neshat.

Imagem: Fotografia, *Rebellious silence*, 1995.



Fonte: <https://smarthistory.org/shirin-neshat-rebellious-silence-women-of-allah-series/>

Imagem: Fotografia, *Aligence with wakefullness* 1994



Fonte: <https://collection.qagoma.qld.gov.au/objects/3640>

Discussão sobre o uso da imagem feminina e da caligrafia persa como símbolos de resistência e identidade cultural.

Procedimentos Metodológicos:

Abertura:

Introduzir Shirin Neshat, artista iraniana conhecida por seu trabalho com fotografia e videoinstalações que abordam questões de identidade, feminilidade e resistência no contexto do Oriente Médio.

Perguntar aos alunos: "De que forma a arte pode ajudar a questionar e refletir sobre temas de gênero e cultura? Vocês conhecem outras obras que tratem dessas questões?"

Explicar que Neshat utiliza a imagem da mulher em seu trabalho para desafiar e questionar estereótipos e normas sociais, especialmente no que se refere à cultura do Oriente Médio.

Exposição Inicial :

Apresentar imagens e vídeos de algumas das obras mais conhecidas de Neshat, como a série fotográfica *Women of Allah*, que retrata mulheres cobertas com inscrições de poesia persa e segurando armas. Explique o simbolismo da caligrafia e os temas de empoderamento feminino e resistência que a artista explora. Mostrar trechos de videoinstalações como *Turbulent* ou *Rapture*, que exploram as relações de poder e identidade feminina em uma sociedade patriarcal. Discutir como a arte de Neshat une tradição e contemporaneidade para abordar questões universais de luta e identidade.

Debate e Reflexão Crítica:

Organizar um debate em pequenos grupos, propondo perguntas como:

Como Shirin Neshat usa a imagem feminina para transmitir temas de resistência e identidade?

De que maneira o uso da caligrafia e da estética cultural persa contribui para o poder das mensagens de Neshat?

Como a arte pode desafiar estereótipos e construir diálogos sobre temas complexos, como o papel das mulheres em diferentes culturas?

Após o debate, os grupos compartilham suas reflexões com a turma, enriquecendo a discussão coletiva sobre o impacto social da arte.

Atividade Criativa:

Propor uma atividade inspirada nas obras de Neshat: os alunos devem criar uma fotografia ou uma colagem visual que utilize elementos textuais ou culturais para explorar um tema de resistência ou identidade pessoal. Sugiro que os alunos escolham uma palavra ou frase significativa para eles e a integrem na imagem, tal como Neshat faz com a caligrafia persa.

Incentivar a reflexão sobre temas de identidade, resistência e pertencimento. Ofereça uma variedade de materiais para colagem e caligrafia, permitindo que os alunos criem imagens expressivas e simbolicamente ricas.

Reflexão Final e Encerramento :

Encerrar a aula com uma roda de compartilhamento, onde os alunos podem exibir suas criações e explicar a escolha do tema e das palavras ou símbolos incorporados.

Perguntar: “Como foi a experiência de usar palavras e imagens juntas para expressar um tema? Vocês acham que essa combinação aumenta o poder de comunicação da obra?”

Estimular os alunos a refletirem sobre o papel da arte como uma linguagem universal que pode promover mudanças sociais e gerar diálogos sobre questões culturais e de gênero.

Recursos:

Projeter e slides com imagens das obras de Shirin Neshat e trechos de suas videoinstalações. Materiais para a atividade criativa: papéis, canetas de caligrafia, pincéis, tintas, Cadernos de Ideias para registro das reflexões e esboços ao longo da aula.

Avaliação:

Avaliação baseada na participação dos alunos durante o debate e no desenvolvimento de suas produções visuais. A análise de como eles usaram elementos textuais e visuais para abordar temas de identidade e resistência será essencial. O registro no Caderno de Ideias será considerado como parte do processo avaliativo contínuo, incentivando a autoavaliação e o

aprofundamento nas questões abordadas.

## AULA 8

### Cultura Cigana no Brasil: Diferenças Étnicas e a História do Circo

#### Objetivos Específicos:

Mapear a história e cultura do povo cigano no Brasil, com foco nas contribuições culturais e sociais das famílias ciganas de tradição circense.

Analisar as diferenças étnicas dentro da cultura cigana, com destaque para a etnia Calon.

Explorar a vida e obra do jornalista e multiartista cigano c Fernandes Filho, membro da etnia Calon e primeira pessoa de tradição circense cigana a se destacar no cenário artístico brasileiro. Refletir sobre identidade cultural e diversidade, relacionando essas temáticas à arte circense e à herança cigana.

Video: “Roy Rogers, Povo Calon, Goiás.” Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=8bT-KJ9N694>

#### Conteúdo Específico:

Introdução ao povo cigano (roma) e à sua presença histórica no Brasil, especialmente das famílias circenses. Análise da trajetória de Roi Rogeres Fernandes Filho e seu papel na valorização e representação da identidade cigana e circense no Brasil. E apresentar o instagram de Danillo Kalon Artista visual.

#### Procedimentos Metodológicos:

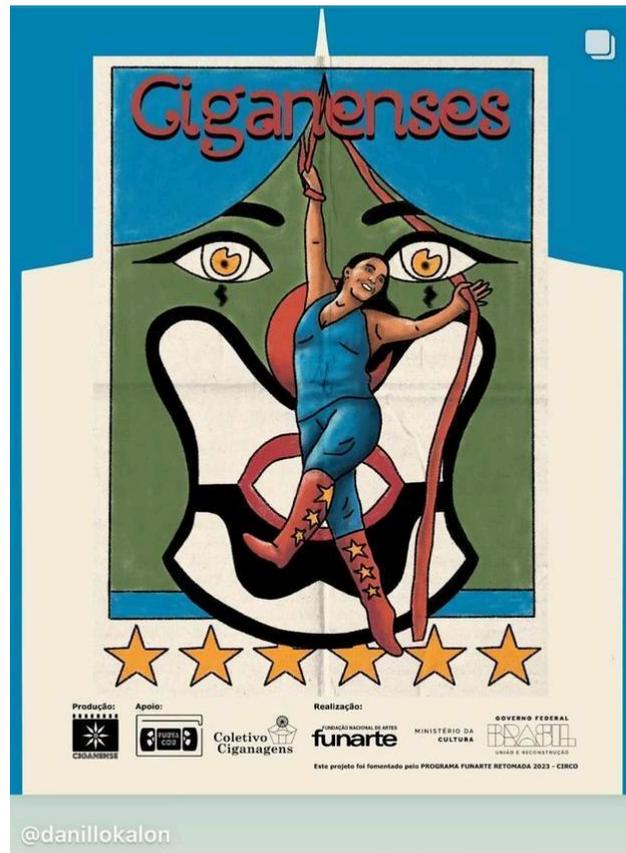
##### Abertura :

Introduzir o tema destacando a importância da cultura cigana e sua presença histórica no Brasil, especialmente por meio do circo.

Apresentar Roi Rogeres como um marco na valorização e visibilidade da identidade cigana e circense. Explicar que ele é descendente da etnia Calon, uma das mais tradicionais no Brasil, e oriundo de uma família com uma longa trajetória no circo, com circos como Holiday, Miraculous, Las Vegas, Big Brother, Indianápolis, Irmãos Fernandes e o Circo do Palhaço Futuca.

Apresentar a obra de Danillo Kalon como representação da cultura cigana no circo e nas artes visuais no Brasil no cartaz.

Imagem: Ciganenses, Danillo Kalon, 2023, cartaz digital.



Fonte: [https://www.instagram.com/p/C-dgKsxJjgF/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/C-dgKsxJjgF/?img_index=1)

Giganenses um filme documentário etnográfico com a trajetória e a dinastia dos ciganos circenses. cartaz inspirado nos antigos posters circenses e os artistas da família Fernandes. Este projeto foi fomentado pelo Programa Funarte retomada 2023 - Circo.

Perguntar: “Como vocês acham que o circo e a cultura cigana se entrelaçam?”

Exposição Inicial:

Apresentar uma breve história dos ciganos no Brasil, explicando as etnias Calon, Rom e Sinti, e ressaltando suas características culturais. Falar sobre a etnia Calon, à qual Roi Rogeres Fernandes pertence, e a ligação histórica dessa etnia com a vida circense.

Mostrar slides com imagens de circos brasileiros e das famílias ciganas que se dedicaram a essa arte, incluindo a família de Roi Rogeres. Explicar como o circo tornou-se um meio de expressão e de integração cultural para os ciganos, ajudando a preservar e transmitir sua identidade e habilidades artísticas.

Debate e Reflexão Crítica :

Organizar os alunos e propor perguntas para debate, como:

Qual é o impacto da cultura cigana na sociedade brasileira e, especialmente, na arte circense?

Como o trabalho de Roi Rogeres e de Danillo Kalon fortalece a identidade cigana e

valoriza sua presença no cenário cultural brasileiro?

Como o reconhecimento da diversidade cultural, incluindo a cultura cigana, contribui para uma visão mais inclusiva?

Cada grupo compartilha suas reflexões com a turma, enriquecendo o entendimento coletivo sobre a importância da representatividade e da diversidade.

Atividade Criativa :

Propor que os alunos criem um cartaz ou uma representação visual de um circo inspirado na tradição cigana e na obra de Roi Rogers e Danillo Kalon. Incentivar os alunos a usar elementos que remetam à cultura circense e à estética cigana, como cores vibrantes, formas geométricas e símbolos tradicionais. Os alunos também podem incluir uma frase ou mensagem inspiradora para valorizar a diversidade cultural e a contribuição do povo cigano para a sociedade.

Reflexão Final e Encerramento:

Concluir com uma roda de compartilhamento, onde os alunos podem mostrar seus trabalhos e explicar os elementos que usaram para representar a cultura cigana.

Recursos:

Materiais para a atividade criativa: papéis, canetas, lápis de cor, tintas, revistas para colagem. Cadernos de Ideias para que os alunos registrem reflexões e informações sobre a cultura cigana e circense.

Avaliação:

Avaliação formativa baseada na participação dos alunos no debate e no desenvolvimento de suas produções visuais. O Caderno de Ideias será utilizado para documentar o aprendizado, incentivando o aprofundamento nas temáticas culturais e a autoavaliação dos alunos.

## AULA 9

### Dança Circular e Cultura Cigana: Tradição, História e Prática

Objetivos Específicos:

Explorar a origem e a diversidade das danças circulares ao longo da história e em diferentes culturas ao redor do mundo. Compreender a dança cigana como uma expressão cultural, sua importância e os significados associados. Vivenciar a prática de uma dança circular cigana, desenvolvendo a percepção rítmica, o trabalho em grupo e a conexão com a cultura cigana.

Conteúdo Específico:

Breve histórico das danças circulares e sua presença em diversas culturas (Europa, África, Ásia e América). Introdução à dança circular cigana: características, simbolismos e conexão com a identidade cigana. Prática de dança circular cigana em grupo.

Procedimentos Metodológicos:

Abertura:

Iniciar a aula explicando a prática das danças circulares como uma forma de celebração e união, presente em culturas de diferentes partes do mundo.

Perguntar: “Alguém aqui já participou de uma dança circular? Como vocês acham que dançar em círculo pode influenciar nossa percepção de grupo e conexão com os outros?”

Exposição Teórica e Contextualização:

Apresentar um breve histórico das danças circulares, enfatizando como elas simbolizam a união, o ciclo da vida e a conexão comunitária em várias culturas. Falar sobre as danças ciganas e seu papel nas celebrações e na manutenção da identidade cultural, além do simbolismo de liberdade, alegria e resistência na cultura cigana. Mostrar alguns exemplos de danças circulares de diferentes culturas (por exemplo, danças celtas, gregas e indígenas), destacando a semelhança entre elas e a dança cigana.

Introdução à Dança Circular Cigana:

Explicar os movimentos básicos da dança cigana, incluindo o uso das mãos, a batida dos pés no chão, o ritmo alegre e os giros. Falar sobre o significado de cada movimento e como eles representam a liberdade, a alegria e a conexão com a natureza.

Prática da Dança Circular:

Organizar os alunos em um círculo e orientar a prática da dança cigana. Guiar os passos iniciais lentamente, aumentando o ritmo conforme os alunos se sentirem confortáveis.

Incentivar que os alunos observem o ritmo e a energia coletiva, buscando harmonizar seus movimentos ao grupo. Durante a prática, destacar o sentido de pertencimento e colaboração que surge ao dançar juntos.

Reflexão Final e Encerramento:

Ao término da dança, reunir o grupo para uma reflexão coletiva. Perguntar:

“Como foi a experiência de dançar em grupo e seguir o ritmo coletivo?”

“O que vocês sentiram ao explorar um movimento que faz parte da cultura cigana?”

Encorajar os alunos a refletir sobre a importância das tradições culturais e como a dança, além de uma expressão artística, promove conexão e pertencimento.

Recursos:

Aparelho de som com músicas tradicionais ciganas para a prática de dança. Sala

espaçosa ou área ao ar livre onde os alunos possam formar um círculo e se movimentar confortavelmente. Cadernos de Ideias para registrar as reflexões e sentimentos despertados pela prática da dança circular cigana.

Avaliação:

Observação da participação dos alunos na dança, avaliando sua capacidade de se conectar com o grupo e de explorar a expressão artística da cultura cigana. Registros no Caderno de Ideias, onde os alunos podem documentar suas experiências, sentimentos e aprendizados sobre a dança circular e a cultura cigana.

## AULA 10

### Visita ao Museu de Arte Contemporânea de Campo Grande (MS)

Objetivos Específicos:

Vivenciar uma experiência imersiva de apreciação artística em um ambiente cultural. Identificar e relacionar obras de arte contemporânea com os temas abordados durante as aulas (identidade, resistência, descolonização, ancestralidade, expansão da consciência). Desenvolver habilidades de observação crítica e reflexão sobre a relação entre arte e cultura na atualidade.

Conteúdo Específico:

Introdução à arte contemporânea em Mato Grosso do Sul e à importância do Museu de Arte Contemporânea de Campo Grande (MARCO). Observação e análise de obras que abordam temas de identidade cultural, ancestralidade e diversidade, presentes no acervo do museu. Reflexão sobre a experiência de visitar um espaço cultural e a valorização da arte regional e nacional.

Procedimentos Metodológicos:

Preparação para a Visita (em sala de aula):

Antes de sair para o museu, contextualizar a importância de um espaço como o MARCO e seu papel na preservação e valorização da arte contemporânea. Explicar os principais temas que serão abordados durante a visita guiada, relacionando-os com os conteúdos trabalhados em sala, como identidade, resistência e ancestralidade. Orientar os alunos a levarem o Caderno de Ideias para anotações durante a visita.

Visita Guiada ao Museu (60 minutos – no MARCO):

Recepção pela equipe do museu, que conduzirá os alunos em uma visita guiada, destacando obras de artistas que exploram questões culturais, de identidade e diversidade. Estimular os alunos a observar e refletir sobre as obras, incentivando perguntas e diálogos

com o guia sobre os temas das obras e a interpretação pessoal de cada um. Pedir aos alunos que registrem no Caderno de Ideias suas impressões sobre cada obra que mais os impactou, incluindo detalhes visuais e temas que os fizeram refletir.

**Dinâmica de Reflexão e Discussão:** Após a visita guiada, reunir o grupo para uma roda de conversa sobre a experiência de visita.

Propor perguntas como:

“Qual obra chamou mais atenção de vocês e por quê?”

“Como as obras que vimos hoje se conectam com os temas estudados em sala?”

“De que forma a visita ao museu muda nossa percepção sobre arte e cultura?”

Incentivar os alunos a compartilharem suas anotações e reflexões do Caderno de Ideias, promovendo uma troca de impressões e interpretações sobre o que cada um vivenciou.

**Encerramento e Retorno:**

Convidar os alunos a completar as anotações no Caderno de Ideias sobre a experiência, registrando suas impressões finais e o que aprenderam sobre a arte contemporânea e sua relação com identidade e cultura.

**Recursos:**

Transporte escolar para o deslocamento até o MARCO. Guias e educadores do museu para conduzir a visita. Cadernos de Ideias para registros e reflexões dos alunos durante e após a visita.

**Avaliação:**

Reflexão crítica documentada no Caderno de Ideias sobre as obras visitadas e o impacto da visita ao museu. Observação da participação dos alunos na visita e na discussão final, avaliando o interesse, a capacidade de análise e as conexões feitas com o conteúdo estudado ao longo do semestre. Esta visita complementa o estudo prático e teórico da arte, proporcionando uma experiência educativa e cultural enriquecedora, onde os alunos podem consolidar os conhecimentos e percepções construídos ao longo das aulas.

## 6. AVALIAÇÃO

A avaliação neste projeto será realizada de forma contínua e processual, respeitando o desenvolvimento individual dos alunos e promovendo a reflexão e a autoavaliação. O objetivo é que os alunos possam expressar, com autenticidade e profundidade, suas compreensões sobre os temas abordados, integrando suas experiências pessoais e coletivas. Em vez de focar exclusivamente no produto final, a ênfase será na trajetória de aprendizagem, na construção de pensamento crítico e na capacidade de estabelecer relações entre arte, identidade e cultura.

A proposta relaciona-se com as ideias de Cipriano Carlos Luckesi (2011) sobre avaliação educacional, especialmente no que diz respeito à avaliação formativa e ao papel humanizador da educação. Luckesi critica modelos de avaliação tradicionais que se concentram no julgamento e na mensuração de resultados finais, e defende uma perspectiva processual e emancipatória, onde a avaliação é utilizada como um instrumento de promoção do aprendizado e do desenvolvimento humano.

No projeto descrito, a avaliação contínua e processual, que respeita o desenvolvimento individual e promove a reflexão e a autoavaliação, está alinhada com a concepção de Luckesi de que a avaliação deve ser diagnóstica e mediadora. Segundo ele, a avaliação deve servir como um meio para identificar potencialidades e dificuldades, ajudando a orientar tanto o educador quanto o educando no processo de ensino-aprendizagem.

Engajamento e Participação: Valorização do envolvimento ativo nas aulas, debates, reflexões e atividades em grupo, incluindo visitas e dinâmicas culturais.

Caderno de Ideias: Utilizado como instrumento central de registro e auto expressão, o Caderno de Ideias será avaliado pelo conteúdo das anotações, impressões, desenhos, colagens e reflexões sobre cada atividade e artista estudado.

Observação da capacidade de interpretar, reinterpretar e se expressar por meio de diferentes linguagens artísticas, como desenho, dança, discussões e registros escritos, evidenciando compreensão e sensibilidade diante dos temas.

Avaliação do entendimento dos conteúdos, das relações estabelecidas entre as obras e os temas propostos e da capacidade de articular ideias sobre questões como identidade, diversidade e resistência.

Incentivo à autopercepção e ao desenvolvimento da consciência cultural e individual ao longo do semestre, incluindo a reflexão sobre o aprendizado e os objetivos pessoais de cada aluno.

Instrumentos de Avaliação:

Observação direta: Registro de observações sobre a participação, as expressões artísticas e as contribuições dos alunos durante as atividades e discussões.

Caderno de Ideias: Avaliação individual, respeitando a expressão única de cada aluno, e levando em conta o engajamento e a profundidade das reflexões. :

Avaliar a profundidade das reflexões, observando se o aluno vai além de descrições básicas e busca fazer conexões entre as atividades e seu entendimento pessoal da arte e dos temas discutidos.

Considerar se o aluno faz uma reflexão crítica sobre os temas abordados, como

questões sociais, culturais, ou de identidade, e como esses temas se relacionam com sua realidade.

Analisar o uso criativo de elementos visuais, como desenhos, colagens, e cores, e se eles acrescentam significado às anotações e reflexões. Considerando se o aluno explora de forma estética o espaço do caderno, transformando-o em uma obra de arte própria e mostrando sensibilidade visual.

Observando se o aluno é capaz de sintetizar as informações sobre cada artista e atividade estudada, destacando as ideias principais. Avaliar a habilidade do aluno em interpretar as atividades de maneira pessoal, conectando-as com suas vivências, e se ele expressa suas impressões de forma autêntica.

Autoavaliação e Feedbacks Coletivos: Momentos de autoavaliação, onde os alunos compartilham suas experiências e percepções sobre a própria aprendizagem e sobre a construção coletiva da turma.

Trabalhos Artísticos e Relatos Orais: Valorizar as produções artísticas realizadas e as interpretações orais que indicam o entendimento do conteúdo.

A avaliação é orientada para uma aprendizagem humanizada, onde o aluno é encorajado a se perceber em seu processo de autodescoberta e a desenvolver uma visão crítica e apreciativa da arte como forma de autoconhecimento e expansão de consciência. Dessa forma, o processo de avaliação busca promover o desenvolvimento integral dos estudantes, indo além de uma visão quantitativa para um olhar qualitativo e reflexivo sobre a arte e a educação.

Referências Bibliográficas:

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017.

BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1991.

BARBOSA, Ana Mae. *A Imagem no Ensino da Arte*. 17ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2021.

BARBOSA, Ana Mae; MARTINS, Raimundo. *Histórias da Arte e Ensino*. São Paulo: Cortez, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 61ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

LUKENSI, Cipriano Carlos, **avaliação da aprendizagem componente do ato pedagógico-1** ed. - SP. cortez, 2011.

MATO GROSSO DO SUL. *Plano Estadual de Educação de Mato Grosso do Sul (PEE-MS) 2014-2024*. Campo Grande: Secretaria de Estado de Educação, 2014.

GONZALEZ, Lélia. *Por um Feminismo Afro-Latino-Americano*. São Paulo: Zahar, 2020.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e Processos de Criação**. 5ª edição. Petrópolis: Vozes, 2014.